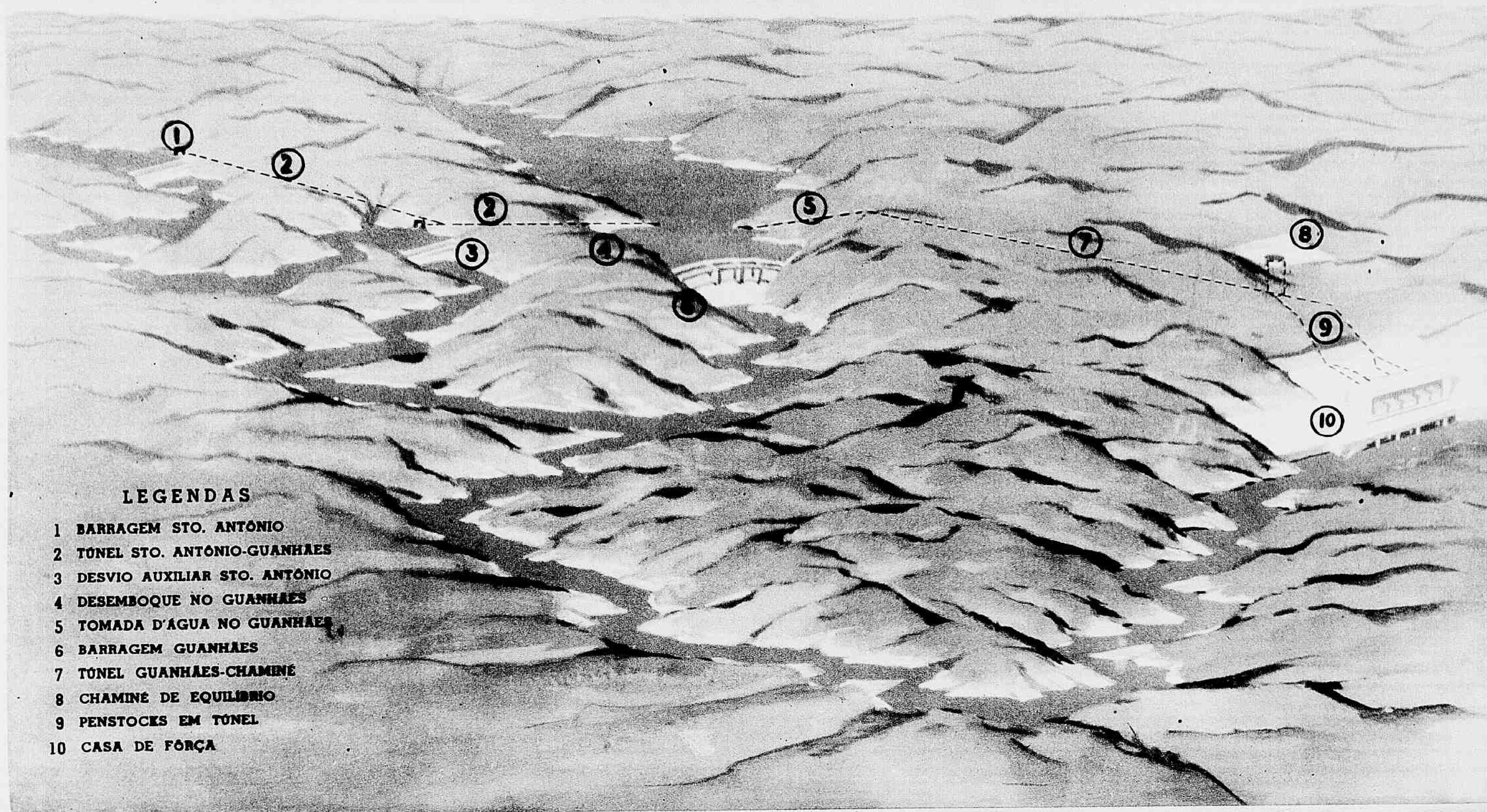


O GRANDE PRÊMIO BRASIL DE 1954

APROVEITAMENTO HIDRO-ELÉTRICO DO SALTO GRANDE

(MINAS GERAIS)

Reportagem no texto



REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 33 RIO DE JANEIRO 14/8/1954

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Grande Prêmio Brasil 4/ 9
O preço do «sex-appeal» 12/13
Goa é a Cruz de Cristo no Oriente 14/16
O amor é uma maravilha 22/23
A vida num flagrante 44/45
Rio, cidade estrangulada 48/49
Quiseram matar Carlos Lacerda 52/56

ROMANCE

Maria 30/31

HUMORISMO

O Riso dos Outros 28/29
Cuco 59

SEÇÕES

Puxe pelo cérebro 10
Rádio 11
Show 17
Semana Astrológica 18
Página dezenove 19
Cinema 20
Por êsse mundo de Deus 24
Plantão noturno 26/27
Femininas 32/35
Teatro-Música 37
Palavras cruzadas 42
Semana Literária 43
Flash carioca 46
Flash paulista 47
Champanhota 51
A semana acabou assim 57
Último flash 58

CAPA
TERESINHA TAPAJÓS, «estrêla» das noites cariocas, numa foto de Alberto Ferreira

Redator-chefe .... Joel Silveira
Paginação .... Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor .... Gratuliano Brito
Redator .... Renato de Alencar
Desenho .... Alberto Lima
Assistente de Publicidade .... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores .. S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
Êste número tem 60 páginas.





PÁG. 4 SWEEPSTAKE: El Aragonés enriqueceu muitos pobres.

PÁG. 14 GOA, DAMÃO E DIU: Cada português é um voluntário.

O GANGSTERISMO POLÍTICO QUIS MAIS UMA VEZ ELIMINAR CARLOS LACERDA

Prezado leitor:

O último atentado sofrido pelo jornalista Carlos Lacerda, e a respeito do qual publicamos completa reportagem nas páginas finais da Revista, foi um ato infame e covarde que está revoltando o país inteiro. Perdeu nêle a vida um jovem oficial da Aeronáutica, o major Rubem Florentino Vaz, de 32 anos de idade e pai de quatro filhos. A opinião pública exige do govêrno completa elucidação do caso e a conseqüente punição dos autores, diretos e indiretos, do miserável espingardeamento.

A redação





PÁG. 44 OS FOTÓGRAFOS: Êles também estão fazendo História.

PÁG. 52 LACERDA: A tocaia (infame) esperava-o na madrugada.

Grande Prêmio Brasil (1954)

O SOL BRILHOU NA GÁVEA E EL



ARAGONÉS NA GRAMA LEVE

O sangue frio de Rigoni prendeu o cavalo até os últimos seiscentos metros. Os chapéus pequenos predominaram na Social

Reportagem de ROGACIANO LEITE Fotos de A. VIEIRA e J. SANTOS



Êste magnífico flagrante de A. Monteiro registra o empolgante final do «Grande Prêmio Brasil», vendo-se El Aragonés, perseguido de perto por Joiosa, prestes a cruzar o disco de chegada.

Houve também o grande prêmio da elegância



















DOIS RECORDES N[...]SV

O 22° Grande Prêmio Brasil foi, sem dúvida, um dos maiores aconte[c] mentos turfísticos do mundo não sòmente pela fama de grand[e] parelheiros nacionais e internacionais, mas também pela significação d caráter altamente social que atraiu para a Gávea ilustres personalidade do turfe estrangeiro, além do que de mais fino existe no «grand mond carioca. Muitos dias antes do sensacional acontecimento, tôdas a grandes casas de moda do Rio de Janeiro eram diàriamente visitad por um sem fim de senhoras e senhoritas de nosso sociedade, ávidas d entrentarem a «pelouse» ostentando as mais ricas e mais modern «toilettes». E assim aconteceu. Desde as primeiras horas daque domingo cheio de sol, uma incomputável multidão começou a superio as dependências do Jockey Club num entusiasmo eletrizante e incomu Notava-se em todo o ambiente um complto e expressivo toque

bele
«turf
expr
Tô
gran
melh
estro
proc
acon
A tr
viu
minc
apre



N "SWEEPSTAKE" DÊSTE ANO: DE ASSISTÊNCIA E DE APOSTAS

aconte
grand
ficação
onalidad
nd mon
tôdas
visitad
ávidas
modern
s daqu
superio
incomu
toque

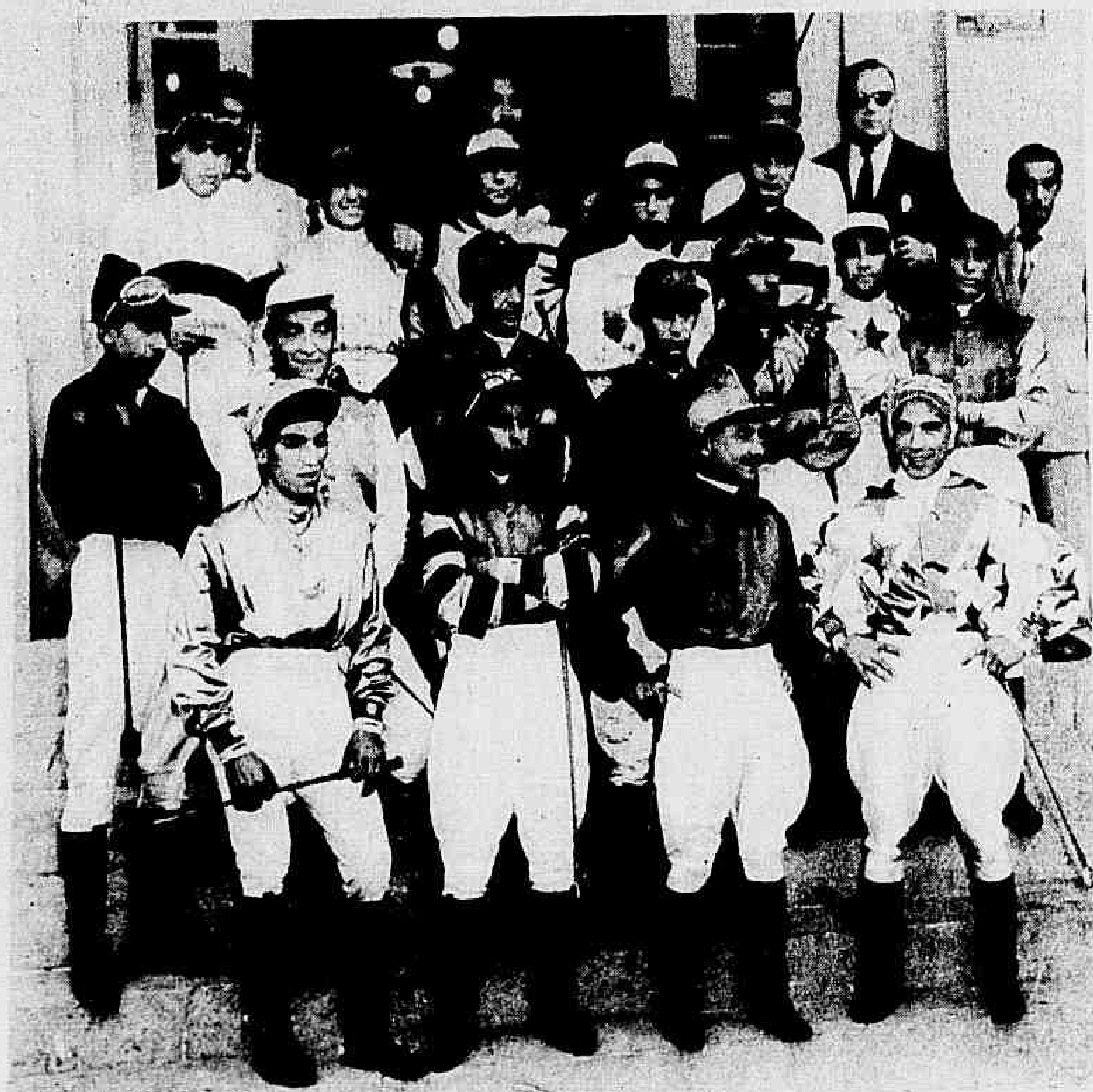
beleza, graça e elegância da mulher carioca, enquanto numerosos «turfmen» e aficionados estampavam no semblante as mais significativas expressões de ansiedade pelo desfecho da grande corrida.

Tôdas as galerias encontravam-se apinhadas de gente, sendo que grande multidão de «fanáticos» invadiu a parte interna do gramado para melhor presenciar o impressionante espetáculo. Radialistas nacionais e estrangeiros, numerosos cronistas de renome internacional desde cedo procuraram localizar-se de modo a não perderem um só lance dos acontecimentos e em seguida distribui-los através de suas especialidades. A tribuna de imprensa encontrava-se cheia como nunca e jamais se viu tão grande número de fotógrafos naquele recinto. Na Social predominaram os chapéus pequenos, embora algumas damas elegantes se apresentassem de chapéus de aba larga.

AO SOAR DA SIRENE

Eram quase 17 horas quando se ouviu o soar da sirene anunciando o momento da largada. O «starter» abriu a pista ao lote. Começou, então, um halo de nervosismo entre todos os presentes. Gritos, saltos, braços para o ar, binóculos apontados na direção dos parelheiros. Taia foi o primeiro animal a aparecer na dianteira, sendo adiante suplantada por Cyro. Mais atrás viam-se Titanic, Bakari, Efusivo, Quiproquó, Pontino, Joiosa, Indócil, Sassu, Mundo, Quasi, Panther, Yorick, El Aragonés e, por último, Gatillo. Após um percurso de 1.500 metros, Taia pretendeu recuperar vantagem, ao mesmo tempo que Bakari se aproximava e no momento exato em que Pontino aparecia em 4° lugar; por fora de Quiproquó e tomando a dianteira de Yorick, Efusivo e Joiosa. El Aragonés





corria em penúltimo lugar, ficando Bakari na ponta do lote, isso mais ou menos à altura dos 1.200 metros. Os lances desenrolavam-se de maneira espetacular quando Cyro aparece em 2º lugar e, atrás dêste, Taía, Panther, Quiproquó, Pontino, Joiosa, Yorick, Quasi, etc. El Aragonés sustentava a estabilidade conservando-se ainda no penúltimo lugar.

E assim venceram a grande curva separados por insignificante distância ou do outro.

CAIU EFUSIVO

Mais adiante, acontece inesperadamente a rodada de Efusivo que, tendo amunhecado e partido as patas dianteiras, arriou de vez com seu pilôto Omário Reichel. Titanic, que vinha em seguida, tropeçou no mesmo e cuspiu fora o seu jóquei, J. P. Sousa. Embora não se tenha registrado qualquer acidente com os dois montadores, o acontecimento não deixou de prejudicar os animais que vinham logo após, justamente Joiosa e Quasi. Houve mesmo quem dissesse que a famosa égua poderia ter ultrapassado El Aragonés, caso a corrida não tivesse sofrido êsse lamentável ocorrido. Ainda assim, Joiosa avançou por dentro enquanto Bakari e Quasi lutavam heròicamente pela vanguarda. Taía e Cyro perdiam distância enquanto Quiproquó e El Aragonés ganhavam terreno ao lado de Joiosa. Foi então o momento decisivo, pois êstes dois últimos dominaram completamente a pista, chegando El Aragonés na frente, secundado por Joiosa à pequena distância.

Antes da partida, havia dezesseis esperanças inflamando o ânimo dos dezesseis jóqueis. Rigoni aparece na fila ao alto, à esquerda.



• LUÍS RIGONI

Finalmente a vitória abriu seu caminho para o pilôto Luís Rigoni, que há cêrca de dez anos não experimentava a alegria pela conquista de um Grande Prêmio. Pràticamente relegado a uma constante falta de chance, o famoso jóquei paranaense, o Benjamim das pistas da Gávea, conseguiu desta vez a sua forra. Após conduzir o vencedor à reta final, Rigoni foi vivamente aplaudido pela multidão que superlotava o Jockey Club e, ao descer do lombo lustroso de El Aragonés, um esfusiar de «flashes» o entonteceu com tanto flagrante. Abraçado e aplaudido por uma grande legião de fãs, Rigoni limitou-se a dizer: «Finalmente chegou a minha vez!»

• EL ARAGONÉS

O vencedor do Grande Prêmio Brasil de 54, El Aragonés, é de nacionalidade argentina e tem apenas 5 anos. Filho de Ramazon e Ei-Chu, foi segundo colocado para Gualicho no Grande Prêmio São Paulo de 1953 e vencedor do Grande Prêmio Quarto Centenário de São Paulo (2 milhões e 500 mil cruzeiros). Teve também grandes vitórias em seu país de origem, após o que veio ser hóspede definitivo do Stud de Piratininga, sendo seus proprietários o Conde Guilherme Prates e o sr. Glauco Colli, que exultaram com a vitória do famoso animal, chegando mesmo a dizer textualmente a êste repórter: «Êsse cavalo ainda acaba nos matando do coração».



O PÊSO DOS CONCORRENTES

Segundo as fichas do Serviço Veterinário do Jockey Club Brasileiro, os concorrentes ao Grande Prêmio Brasil atuaram com o seguinte pêso:

	Kg.
El Aragonés	432
Joiosa	422
Bakari	521
Quasi	454
Yorick	428
Panther	472
Taia	435
Gatillo	448
Pontino	513
Quiproquó	422
Cyro	449
Mundo	427
Indócil	443
Sassu	415
Titanic	418
Efusivo	438

O BILHETE DE EL ARAGONÉS

O «Sweepstake», realizado paralelamente ao Grande Prêmio Brasil, despertou as maiores atenções em tôrno de quem seria o felizardo. Acontece que o bilhete foi vendido (pelo bilheteiro Vieira) em pedacinhos, na rua do Ouvidor, não se sabendo, até agora, as pessoas que adquiriram os mesmos. Foi da seguinte ordem o sorteio dos concorrentes:

1º — El Aragonés	21.917
2º — Joiosa	18.986
3º — Bakari	16.315
4º — Quasi	11.747
5º — Yorick	35.224
6º — Panther	23.751

E Taia (5.045), Gatillo (37.214), Pontino (20.248), Quiproquó (37.253), Cyro (10.844), Mundo (25.250), Indócil (6.944), Sassu (34.208), Titanic (16.621) e Efusivo (15.781).

O RESULTADO FINAL

7º PÁREO — (Grande Prêmio Brasil) — 3.000 metros — Pista G. L. — Prêmios: Cr$ 1.500.000,00 — Cr$ 450.000,00 — Cr$ 225.000,00 — Cr$ 112.500,00 — Cr$ 56.250,00.

1º — El Aragonés (L. Rigoni)	59	40.811	33,00
2º — Joiosa (E. Castillo)	54	11.338	118,00
3º — Bakari (L. Diaz)	58	3.925	341,00
4º — Quasi (A. Araújo)	59	7.453	180,00
5º — Yorick (P. Blanc)	52	8.229	163,00
6º — Panther (P. Vaz)	59	3.584	373,00
7º — Taia (L. Espinoza)	54	4.657	287,50
8º — Gatillo (D. P. Silva)	59	609	2.199,00
9º — Pontino (S. di Tomaso)	56	31.166	43,00
10º — Quiproquó (J. Marchant)	58	48.686	27,00
11º — Cyro (G. Silva)	56	3.199	418,50
12º — Mundo (C. Martinez)	59	1.902	704,00
13º — Indócil (L. Gonzalez)	59	1.197	1.188,00
14º — Sassu (M. Garcia)	54	(Quiproquó)	
15º — Titanic (*) (J. P. Sousa)	59	668	2.004,00
16º — Efusivo (*) (Om. Reichel)	59	(Taia)	
TOTAL		167.352	

(*) Caíram

Não correram: Retiro, Telúrio, Venice, Acapulco, Away, Fair Cadet, e Biarrot. Diferenças: ¾ de corpo e 2 corpos. Tempo 185". Vencedor: (4) Cr$ 33,00. Dupla: (24) Cr$ 91,00. Placês: (4) Cr$ 16,00 (14) Cr$ 29,00 e (9) Cr$ 65,00. Movimento do páreo: Cr$ 6.396.[illegible]

EL ARAGONÉS: M. C. 5 anos. Argentina. Por Ramazon e Ei-Chu. Proprietário: Stud Piratininga. Treinador: O. Ojeda. Importador: L. O. Barros.

DUPLAS

11	3.661	253,00
12	32.875	28,00
13	18.860	49,00
14	3.292	181,00
22	3.292	181,00
23	17.009	54,00
24	10.111	91,00
33	3.119	296,50
34	8.406	110,00
44	2.632	351,00
TOTAL	115.627	

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o génio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use *Regulador* Gesteira

Regulador **Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador* Gesteira

Puxe pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Qual dentre êstes brasileiros o que foi chamado de «O Patriarca da Independência»:
— **José Bonifácio?**
— **Gonçalves Ledo?**
— **Barão de Ramiz Galvão?**

2—**Cucumis sativus** é o nome científico do:
— **Abacate?**
— **Pepino?**
— **Cebola?**

3—Quem disse isto: «Para não ser ridículo, deve o homem falar pouco sôbre o que sabe, e nada sôbre o que ignora»:
— **Confúcio?**
— **Sadi Carnot?**
— **Marquês de Pombal?**

4—Em que Estado se deu a chamada **Guerra dos Mascates**, visando à independência do Brasil:
— **São Paulo?**
— **Bahia?**
— **Pernambuco?**

5—Qual o rio que banha a cidade de Cachoeira, na Bahia:
— **S. Francisco?**
— **Paraguaçu?**
— **Vasa Barris?**

6—Que nome tinha o poeta brasileiro que escreveu o livro de versos, «Espumas Flutuantes»:
— **Castro Alves?**
— **Olavo Bilac?**
— **Monteiro Lobato?**

7—Que nome dão os nortistas à carne sêca:
— **Macacheira?**
— **Jacuba?**
— **Jabá?**

8—Qual a tradução de **Macaé**, na língua indígena:
— **Terra boa?**
— **Rio dos Bagres?**
— **Serra alta?**

9— Euclides da Cunha morreu:
— **Assassinado?**
— **Em um naufrágio?**
— **Na guerra de Canudos?**

10—Que quer dizer, em hebraico, o nome Manuel:
— **O esquecido?**
— **Deus está conosco?**
— **Homem inflexível?**

11—Qual o país que possui a maior quantidade de espécie de serpentes:
— **Brasil?**
— **Austrália?**
— **Índia?**

12—Quantas línguas se falam no mundo, entre idiomas e dialetos:
— **Mil e duzentas e trinta?**
— **Novecentas e oitenta?**
— **Cêrca de 6 mil?**

13— Qual a mais difícil língua do mundo?
— **A chinesa?**
— **A russa?**
— **A portuguêsa?**

14—Que vem a ser um **iceberg:**
— **Grande peixe dos polos?**
— **Ilha de gêlo flutuante?**
— **Árvore da Califórnia?**

15—A mais alta ponte do mundo fica:
— **Nos Estados Unidos?**
— **Na Alemanha?**
— **África do Sul?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário: de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa

RESPOSTAS — 1 — José Bonifácio; 2 — Pepino; 3 — Sadi Carnot; 4 — Pernambuco; 5 — Paraguaçu; 6 — Castro Alves; 7 — Jabá; 8 — Rio dos Bagres; 9 — Assassinado; 10 — Deus está conosco; 11 — Índia; 12 — Cêrca de 6 mil; 13 — A chinesa; 14 — Ilha de gêlo flutuante; 15 — Na África do Sul.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. . . . . . .
NOME. . . . .
RUA. . . . . Nº. . . . .
CIDADE. . . . .
ESTADO. . . . .

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00





Um ambiente acolhedor — que é uma sugestão de permanência — onde você se sentirá à vontade, para uma boa conversa, com um legítimo uísque.
JUCA'S BAR — fica na rua Senador Dantas, 25 — AMBASSADOR HOTEL

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

A ELDORADO

MARIA HELENA DE AGUIAR

● O aparecimento da Eldorado foi, talvez, a única novidade que o rádio nos deu nesses últimos 5 anos. Surgia uma estação que, de fato, falava pouco e tocava muita música. E sua música era escolhida. Programa que se ouvisse dava impressão de programa escolhido, disco por disco, não só em relação aos intérpretes ou orquestras, como à qualidade da música. A maneira nova de divulgar os anúncios também era agradável, principalmente no que se referia à limitação dos textos (quatro ou cinco por intervalo). Mas, acontece que a Eldorado está deixando de ser a mesma estação dos seus primeiros passos. Agora, os discos irradiados são apanhados na discoteca de qualquer maneira. Sambas medíocres constituem a maioria dos seus números musicais nos programas brasileiros. Sente-se que o discotecário cansou, perdeu aquela paciência de ouvir, antes de programar, disco por disco entre os suplementos que lhe chegavam às mãos. E hoje, quanto à qualidade da música, a Eldorado é tão descuidada quanto as outras.

A par dêsse declínio de qualidade musical, as musiquinhas que separam os textos de publicidade estão muito batidas. Ninguém mais aguenta aquêle repetido «Clopin-Clopant». Além disso, a execução dêsses pequeninos interlúdios não varia. É sempre um vibrafone ou solovox (instrumento dos mais irritantes) ou uma celestra, que imita caixinha de música.

Gostaria que a suprema direção da Eldorado visse nesses reparos uma ajuda e uma colaboração. É urgente que se estimule o discotecário da casa e que se varie o método de irradiar os textos. Talvez mudando o tipo de conjunto que grava os tais «interlúdios», saia-se daquele tin-lin-lin enervante antes de cada texto. Aqui fica a sugestão, com a esperança de que alguém nos entenda.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

A Bandeirantes se mete em muitos programas, com uma orquestra só e um elenco pequenino de artistas. Nunca ouvi um programa na estação do senhor Ademar de Barros, que não apresentasse Dircinha Costa e a Orquestra de Sílvio Mazuca. ★ Ari Barroso deixaria a Record. Disse, numa roda, que estava cansadíssimo e que, de agora em diante, só se interessava pelas viagens que podia fazer com sua orquestra, ganhando 15 mil cruzeiros por dia. ★ Por aqui, sem grande sucesso, mais uma voz do norte: Gilvan Chaves. Foi um lançamento da Tupi, que não deu nada. ★ Jaime Moreira Filho muito bem nos esportes da Nacional. ★ Contaram que o encarregado de ouvir todos os programas da Mc Cann Erikson, em São Paulo, é surdo. Isto seria possível? ★ Dizia-se, ontem, numa roda que Inezita Barroso toca violão muito bem e que, em São Paulo, ninguém tocava melhor. A própria Inezita sabe que, nessa consagração, vai muito de exagêro. Inezita, de fato, toca seu violãozinho, estuda, ensaia, procura melhorar . . . mas, daí para tocar o melhor violão de São Paulo vai muita distância. Inezita sabe. ★ Hebe Camargo é, talvez, a moça mais simpática do rádio paulista. Quem conversar com ela vai gostar. Nem parece «estrêla». ★ Almirante, na Record, fazendo «Viva o Samba». Ouvir Almirante é sempre uma boa coisa. E, como hoje está frio, até outras notícias.

(Informações de **Elizinha Thomaz**)

«MISS BRASIL» NA TV



A Record, Canal 9, quer contratar Marta Rocha.

Dizem que, ao pisar em terra brasileira, o primeiro ato da segunda beleza do mundo seria assinar um contrato de exclusividade com a TV-Record. Marta seria aproveitada em programas exclusivos para produtos de beleza, com esta legenda: «A mulher mais bonita do mundo diz» (seguir-se-ia o conselho). Pessoas ligadas à família dessa fabulosa baiana dizem, porém, que Marta não se meterá em coisas de arte, devendo cuidar de casar bem e viver em sossêgo. Aguardemos. Uma moça bonita na TV é sempre bom de olhar.

HÁ MUITA FAIXA POR AÍ



Emilinha é uma das mais enfaixadas do rádio.

A última novidade em matéria de corrupção artística são as faixas que os ouvintes levam aos seus prediletos. Sente-se a marmelada, em cada uma dessas homenagens, deturpando o sentido do rádio no que se refere à sua penetração nas massas. O natural seria aplaudir o artista, sem que o artista comprasse ou pedisse êsse aplauso. Não estamos acusando especialmente Emilinha Borba como a única participante do crime das faixas. Seria uma injustiça e uma precipitação, porque não sabemos se ela paga a torcida organizada dos seus programas. O que está fazendo é condenar a faixa que se coloca no peito de todo mundo, interrompendo programas, causando mal-estar nos ouvintes de casa e causando balbúrdia nos auditórios.

ESTA LETRA É RUIM

● O negócio da inspiração popular continua naquele declínio de fazer pena. E o que assusta é aceitação das letras ruins. Vejam-se exemplos como a letra do «É o Amore», do «Carlos Gardel», do «Jacá» (que fala em **original para rimar com tropical**) . . . tudo isto é disco mais vendido e música mais cantada. Não adianta ser bom compositor, ser poeta, ser inspirado. A «gang» do mau gôsto está sôlta . . . e salve-se quem puder.

Hoje, por exemplo, temos aqui uma das maiores bobagens em matéria de baião: «Caruaru», gravação de Caubi Peixoto, tão grande para fazer dessas bobagens:

«Foi num belo dia de verão
Que eu perdi meu coração
Foi numa cidade do sertão
Que guardo na recordação
Caruaru . . . Caruaru
A princesinha de norte a sul».

A letra segundo a revista «Modinha Popular», é só isso, repetindo-se muitas vêzes. Não pode haver nada pior em matéria de despropósito. Além disso, a melodia é um plágio horrível, uma cópia grosseira. Portanto, Caruaru, com a licença dos Irmãos Condé, está muito mal cantada em nossa música popular.

CHATEAUBRIAND JÁ NÃO LIGA

O jornalista Assis Chateaubriand foi o maior entusiasta do rádio brasileiro. Êle mesmo, na Tupi e em várias estações de sua fabulosa «cadeia», dirigiu festas, criou programas, levou convidados ilustres. Hoje, largou tudo. Não está se importando se os programas servem ou não, se os artistas recebem em dia ou com atraso. Seu último grande entusiasmo foi aquêle que colocou um transmissor de TV no alto do Pão de Açúcar. De lá para cá, seguiram-se alguns pequeninos arrancos e a senatória, subindo-lhe à cabeça, fulminou o mais dinâmico homem de rádio das Américas. É uma pena que isto aconteça, porque a radiofonia brasileira precisa de gente capaz, inteligente e poderosa.

A REVELAÇÃO

● Em substituição a Marilu Crespi, a Mayrink levou ao seu microfone, no programa «Nós os Gatos», a jornalista Gilda Rebichez. Logo nas primeiras palavras, nas primeiras coisas que perguntou, revelou-se dona de um especial domínio de si mesma, escondendo o tornando simpático o nervosismo natural que a estréia lhe produzia. No decorrer do programa assenhoreou-se de sua tarefa e pôde oferecer aos ouvintes muita simpatia, ao conduzir a entrevista ou lendo o noticiário. Segundo consta, a Mayrink Veiga contratou Gilda Rebichez para fazer um outro programa semanal, pagando-lhe muito bem por essa colaboração. Também disseram que, no programa «Nós os Gatos», Gilda só aparecerá até o dia da chegada de Jacinto de Thormes.



Uma canção ultra-maliciosa, cantada dentro de um traje mais ainda, no filme «The French Line» (foto abaixo), provoca novo protesto do Clero.



O PREÇO DO "SEX-APPEAL"

ENTREVISTADA EM HOLLYWOOD, A "ESTRÊLA PROIBIDA" FAZ REVELAÇÕES DE SUAS DUAS PERSONALIDADES: A ARTISTA DE CINEMA E A MULHER DO LAR ★ "QUANDO VOU PARA CASA DEIXO O MEU "GLAMOUR" NO ESTÚDIO..."

Reportagem de MARY LYNN

Fotos **"Press Cinema"**

FUI das primeiras a procurar Jane Russell para saber o que ela pensava a respeito do boicote do Clero ao novo filme da popular «estrêla» descoberta pelo magnata Howard Hughes.

Jane estava calma e ao contrário do que eu previra, mostrava-se indiferente ao que acontecia no momento com mais uma de suas películas. Refiro-me a «The French Line» que a Centura dos Produtores multara em 25.000 dólares por ter sido lançada sem a aprovação do «Johnston Office» e a Igreja mobilizava-se para boicotar definitivamente. Tal como em «O Proscrito», Jane aparecia na tela em todo o esplendor de sua figura «glamourosa» e para os mais puritanos ela acendia em muitos corações a chama proibida do desejo... Feito em Terceira Dimensão, «The French Line» mostrava em sua cena culminante, Jane Russell num traje negro, mais audacioso que um «bikini», interpretando uma canção ultra-maliciosa, que no parecer unânime da Censura constituía sério perigo para o público masculino... Convenhamos que Jane em tela chata é um assombro, porém em **relêvo**, deve ser mesmo alguma coisa de sensacional no gênero «sex-appeal»...

Há uma coisa que se diz em Hollywood e que é verdade. Existem em Jane Russell duas pessoas distintas. A que fica em casa cuidando de prendas domésticas, quando não está filmando, e aquela que transpõe a porta dos estúdios em seu belo conversível. Convenço-me disso quando Jane me olha inquisidoramente enquanto procuro alinhavar as primeiras perguntas. Confesso que a reação despreocupada da artista toldara em parte meus planos de uma entrevista mais ou menos sensacional. Ela, porém, sorri encorajando-me a prosseguir e é o que faço indagando que diferença faz entre a vida do lar e sua carreira cinematográfica:

— Sou uma criatura normal. Aderi a essa profissão consciente do que o público e os produtores desejavam explorar em minha pessoa. No estúdio conformo-me em ser Jane Russel, mas logo ao chegar em casa, sinto alívio em voltar a ser eu mesma... Você não sabe que satisfação sinto ao regressar, embora tenha dado durante o dia de filmagem o melhor de meus esforços para um trabalho perfeito.

E como eu insistisse em saber o que pensava do corte impôsto pela Censura ao seu número já citado em «The French Line» ela me surpreende e aos fãs, naturalmente, com esta resposta incisiva:

— Concordo com o corte... Eu mesma intercedi junto ao estúdio para que o fizesse e como êles não concordassem, desejando dar uma prova da sinceridade de minha atitude, neguei-me a comparecer à «première» da película. Com isso ganhei alguns aborrecimentos, mas de que valem êsses pequenos mal-entendidos diante da satisfação de ficar bem comigo mesma?

Por aí se vê que Jane não pode ser acusada, como tem sido, de gostar demasiado de publicidade. Uma das coisas que mais a desgostam, e isso ela me diz em tom de franqueza, são as referências feitas à sua presença regular na capela batista de San Fernando Valley cooperando pela propagação das idéias bíblicas. Uns acharam nesse gesto simples exibicionismo da artista em busca de publicidade ruidosa. Outros acusaram-na de irresponsabilidade. Jane refuta as acusações com uma declaração muito oportuna:

— Por que chamar a isso de irresponsabilidade? Acaso tenho levado para a vida real os tipos que interpreto nos meus filmes? É necessário que todos se convençam de que represento no cinema os papéis que mais se adaptam ao meu tipo, que maior dose de «glamour» possam exigir. Jamais quis comparar-me à Garbo ou Bette Davis, porém sei de uma coisa: tenho atributos próprios e que culpa posso ter se a publicidade achou-os excelentes para que lançassem o meu nome e a mim como artista?

A branda revolta de Jane Russell é compreensível e justificada. Volto a bater na tecla de «The French Line» para perguntar se ela não achava um paradoxo ao afirmar sua solidariedade no corte imputado pela Censura e no ter concordado em filmar o referido número. Jane sorri compreendendo perfeitamente onde quero chegar e esclarece o assunto:

— Estive pensando nisso e só encontro uma definição. No cinema o meu número tornou-se por demais malicioso devido justamente aos truques e surprêsas, próprios da Sétima Arte. Creio que num cabaré ou num teatro, o número passaria comumente como uma dança do gênero «burlesque». Desejo esclarecer que não tenho intenção alguma de ferir a moral do público, mas antes de tudo diverti-lo...

Continuamos conversando francamente e Jane resume em poucas palavras o que acha do «glamour».

— Essa qualidade abstrata que tem sido a razão de meu sucesso pode ser encontrada, a meu ver, em duas maneiras. Uma nos filmes, cuja arte e técnica sempre influem para melhorá-la e explorá-la convenientemente. Muito diferente, porém, é o «glamour» daquelas que não são «estrêlas» do cinema. Talvez, até, mais felizes do que nós...

Como Jane estivesse disposta a falar e fôsse dando margem às minhas interpretações, tiro o assunto de frente, perguntando-lhe se acha que fora da tela possui «glamour» em igual dose. Ela dá uma gargalhada, pisca o ôlho de maneira significativa e responde:

— Não posso dizer... Jamais perguntei isso ao meu espelho...

Naturalmente, Bob Waterfield, marido da famosa «estrêla», é a pessoa mais indicada para responder. Pena que êle não estivesse presente. Algum dia, porém, pretendo fazer-lhe a indagação e se houver ocasião, conto a vocês o resultado. Fiquem certos: Jane Russell é bem mais linda e mais «glamourosa» fora dos estúdios, assim como se encontra agora à minha frente, calma e despreocupada e sempre sorrindo. Vejo logo que é uma criatura feliz e contente com a carreira, a sua vida em particular e o casamento. Sôbre êsse ponto Jane me faz confidências, que agora já não são confidências, pois vou revelá-las a vocês.

— Eu e Bob nos damos admiràvelmente bem. Agora somos sócios e a união vai durar eternamente.

Para aplacar minha natural curiosidade, Jane diz:

— Com o término de meu contrato com o produtor Howard Hughes, ao qual sou grata pela oportunidade que me deu, meu marido e eu fundamos uma companhia produtora à qual demos o nome de «Russfield». Temos uma boa linha de películas em preparo.

Mesmo sem que Jane Russell disesse alguma coisa a respeito, fácil será adivinhar que a maioria dos filmes terá muito «glamour» adocicando as histórias. Deve-se esperar muito das produções «Russfield», pois trabalhando para ela mesma, Jane Russell venha talvez a revelar outros atrativos de seu tipo sensual, atualmente colocando em **palpos de aranha** o produtor Hughes às voltas com uma multa de 25.000 dólares. Para êle, no entanto, Jane Russell vale alguns milhões.



Jane Russell explode sincera: «Sei que não sou nenhuma Garbo ou Bette Davis, porém tenho atributos que elas não possuem»! Miss Russell... nem era necessário esta declaração...



CÓNEGO MARIO COUTO:
— «A dialética hipócrita do Pandit Nehru não pode ser levada a sério».



LUTERO VARGAS:
— «Não compreendo que se possa ser brasileiro sem ser amigo de Portugal».



ANTÓNIO GAMA PINTO (Goense):
— «Que fêz Portugal de mal à Índia? Será porque levou-lhe a Religião?»



GÔA É A CRUZ D



Em cada português do Rio um voluntário decidido ★ O que foi a impressionante demonstração (no dia 29 último) da colônia lusa do Distrito Federal, tôda ela ao lado da Mãe-Pátria neste instante de dor e ameaç

Z DE CRISTO NO ORIENTE ▶



Perto de cinco mil portuguêses, radicados no Rio, se concentraram (no Gabinete Português de Leitura) para um protesto solene contra a ameaça que pesa sôbre as possessões lusas na Índia. Depois, todos empunhando estandartes, dísticos e bandeiras rumaram para o Palácio do Catete.

A concentração fôra marcada para às 16,30, mas desde as quartorze horas já era grande o número de portuguêses que se postavam, com estandartes, dísticos e bandeiras, diante do edifício do Gabinete Português de Leitura. A reunião fôra convocada pela Federação das Associações Portuguêsas do Brasil, mas ela nascera expontâneamente de uma repulsa de tôda colônia ante os últimos acontecimentos da Índia. Era, de resto, o que se podia fàcilmente verificar caminhando por entre aquela multidão, que às 17 horas era densa e entusiasta, e conversando com um e outro. Não se via ali, diante do perigo que ameaça a Mãe Pátria, quaisquer divergências de ordem política: salazaristas e anti-salazaristas comungavam, naquele instante, uma mesma determinação e nutriam os mesmos sentimentos. Um português forte, atarracado (o seu nome é José Domingues Alveira), cabelos já grisalhos e pele curtida pelo sol, chegou a nos dizer:

— Não gosto de Salazar! Mas não posso deixar de estar ao seu lado no momento em que êle tão bem interpreta o pensamento de Portugal diante da violência de Nehru.

«DEUS ABENÇOE PORTUGAL!»

Lá dentro, emoldurados pelas altas e abarrotadas prateleiras de livros, os oradores se sucediam, brasileiros e lusos. Falou o sr. Lutero Vargas, que se disse também intérprete do pensamento do seu pai, o Presidente da República; falou o sr. Plínio Salgado, falou o general Lima Figueiredo, de cujo discurso extraímos êste raciocínio modelar: «O Uruguai é também geogràficamente brasileiro e nem por isso nos sentimos no direito de invadi-lo e conquistá-lo». O vereador Cotrim Neto, num trecho do seu discurso, lembrou, sob aplausos, que «foi justamente em defesa do princípio de autodeterminação dos povos que tantos milhões de homens perderam a vida combatendo na última Grande Guerra». Mas os aplausos mais calorosos quem os recebeu foi o goense Antônio Gama Pinto (mutilado de guerra), que declarou: «Meus irmãos! Não posso ficar indiferente! O povo de Goa sempre viveu em harmonia. Nunca tivemos ali distinções... Os portuguêses, ali, foram os primeiros a reconhecer os nossos direitos, abolindo as diferenciações de classe e de raça. Falo-vos com o coração: muitos de nós não compreendíamos o valor de Portugal. Só quando vieram as lutas de classes e de raças, foi que soubemos dar valor aos portuguêses. Deus abençoe Portugal!»

O FEITO DO TENENTE FALCÃO

No recinto e lá fora, dezenas de faixas e estandartes gritavam frases patrióticas: «Abaixo os **pacifistas** que matem na sombra», dizia um; outro, largo, em letras vermelhas, clamava: «Os mortos portuguêses de Damão pedem vingança e justiça»; enquanto um terceiro dizia que «Nehru quer arrancar traiçoeiramente o único marco do Cristianismo na Índia». E no meio da multidão, o maior de todos, levado pelas mãos de uma dezena de homens altos, brada em letras graúdas: «Goa é a grande cruz de Crista no Oriente».

Foi uma magnífica festa de protesto e de patriotismo. E já eram dezenove horas quando a multidão (calculada em cinco mil pessoas) rumou para o Catete e para a Embaixada de Portugal, onde foram todos respectivamente recebidos pelo sr. Lourival Fontes (em nome do Presidente) e pelo embaixador Antônio Faria.

Na embaixada, o representante luso teve palavras de agradecimento para os manifestantes: «Sois, como sempre fôstes, uma voz que se eleva, uníssona e forte, a declarar o vosso amor à Pátria integral — essa que vai do Minho a Goa». E os aplausos se tornaram ainda mais ardentes quando, em meio à recepção na embaixada, um jornalista pediu licença para ler ao povo um telegrama urgente que acabava de receber de Lisboa. Era um despacho vitorioso: «A Aldeia de Noroli foi reconquistada pelas fôrças portuguêsas comandadas pelo tenente Falcão». Aplausos ensurdecedores quebraram mais uma vez o pacato silêncio do Cosme Velho e se prolongaram por longos minutos.

ACEITAÇÃO E VALOR

PAULO SOLEDADE

● Sucesso é o resultado conseguido por um trabalho artístico bom ou não diante do grande público. Fazer sucesso é garantir a estabilidade, tornar-se célebre, ser disputado pelos negociantes da arte, ganhar mais dinheiro do que os outros. Mas é importante não se confundir um artista de aceitação com o valor intrínseco do mesmo. Pode acontecer excepcionalmente que um artista faça sucesso e tenha valor real. Mas o que se vê normalmente são os verdadeiros valores alijados, afastados pelos impostores de uma falsa arque que temem a concorrência daqueles que sabem o que querem e o que fazem, e impedem, por todos os meios o seu aparecimento. É muito comum se ouvir opiniões de pessoas que não entendem, e há muitas infelizmente, dando palpite sôbre isso ou aquilo. Assisti outro dia uma menina de vinte anos falar em tom dogmático, com inflecções intelectuais, tentar derrubar o nosso Portinari, e dizer sandices a respeito da pintura abstrata. Essa era naturalmente mais atrevida. Há no entanto quem cometa as mesmas blasfêmias a respeito de dança, canto, música, e a pobre arte popular, essa então, basta a criatura pagar um «couvert» ou uma consumação mínima numa buate para se julgar autoridade no assunto. Assim elegem falsos ídolos, estimulam gente sem valor e desorientam os que por intuição natural estavam próximos do bom caminho. O que faz sucesso, grande sucesso, normalmente não presta e a prova está em que não resiste ao tempo. O grande público não tem autoridade para julgar as coisas nas quais não se deteve e conseqüentemente não tem conhecimento de seus complexos problemas. Pode julgar um trabalho quem tentou realizar alguma coisa nessa ou naquela arte, e sabe das dificuldades para se chegar a um resultado satisfatório. Há uma saída muito boa para quem não entende expor sua preferência pelo que não presta: Eu gostei. Pronto. Não deve dizer mais nada para não sair tolices. E é justamente por que não entende e gostou, que a húvida se presta mesmo. Bom é o que resiste à análise, e só pode entrar nessas considerações quem tem base para isso. Qualquer pianista esperto engana quem nunca tocou piano. Qualquer pintor esperto engana quem nunca tentou pintar. Qualquer compositor razoàvelmente sabido engana até aos cantores que divulgam suas músicas quanto mais a quem nem canta nem faz nada, e quer fazer uso de sua às vêzes brilhante inteligência para impressionar aos menos audaciosos estimulando assim a mediocridade.

DIVERSAS

Elisete Cardoso fêz anos. A magnífica intérprete de nossa música popular foi convidada pelo simpático casal Dreiffus Catan para comemorar o acontecimento na bela residência da rua Embaixador Morgan. Estiveram prestigiando a festa de Elisete, O Trio Nagô, Catulo de Paula, Lúcio Alves, Fafá Lemos, o acordeonista Anti, Bené Nunes, a dupla autora da Sinfonia do Rio de Janeiro — Antônio Carlos Jobim e Billy Blanco, o poeta e cantador Luís Vieira, os cronistas Rubem Braga e Antônio Maria, os compositores Luís Antônio (capitão do Exército) que no dia seguinte tinha de fazer uma marcha e não era marcha-rancho e sim marcha (andada) no quartel, a bela Tônia Carrero, Marino Pinto que dispensa comentários (autor de mais de 300 músicas), enfim um «show» completo na agradável noite de Elisete.

★

Boa música e preço razoável no «Studio do Hotel Excelsior». Zacarias e Fat's Elpídio encabeçando a orquestra.

★

No «Follies» possìvelmente Ankito virá substituir Pituca, e Anilsa Leony que está proibida pelo médico de trabalhar em buates. Duas ótimas aquisições para Zilco Ribeiro.

★

O Club da Chave se reuniu para tomar providências. Com um passivo de 250.000 cruzeiros será necessária uma mudança de orientação. Só falta Humberto Teixeira concordar.

★

No «Copacabana», «Fantasia e Fantasias», «show» de Caribé da Rocha com Leda Yuqui, Maria Angélica, bailarinos e bailarinas clássicas sob a direção de Nina Vèrtchinina. Marlene, Quatro ases e um Coringa, Carlos Augusto Lana Bitencourt cantando.

★

«Maxim's Bar» apresentando agora atrações. Iracema, que foi do «Quitandinha», Casablanca e Esplanada cantando com Chuca-Chuca acompanhando.

★

Aloísio de Oliveira, do Bando da Lua, está vindo para o Rio. Teve um desentendimento com o marido de Carmem Miranda. E por falar em Carmem, Fafá Lemos disse-me que ela não virá tão cedo de acôrdo com o que já havia sido previsto por essa sessão.

O PONTA-DIREITA

Chegou dos Estados Unidos onde já havia estado fazendo uma bôlsa de aviação. Fêz sucesso, apresentou-se com Carmem Miranda em vários lugares e já está de malas prontas para retornar à América em setembro o nosso Fafá Lemos do Trio Surdina. Criado na Urca, nos bons tempos em que as noites daquele bairro ouvia a voz macia dos irmãos Tapajós (Paulo e Haroldo) em serenatas que estavam longe de anunciar o êxito que a magnífica dupla atingiria mais tarde no cenário artístico brasileiro. Brincava nessas reuniões o menino de 10 anos, prêmio do. Teatro Municipal e tocava violino improvisando sambas e canções para encanto de nós todos e da pacata gente do bairro. Um dia, era dia de pelada na praia. Fafá jogava na ponta-direita e fazia mais «goals» que o Paulinho Tovar meia-esquarda do time. O velho Rafael (pai) não deixou o garôto ir à praia. Tinha de estudar Bach, Bethoven, Rachmaninof todos do time contrário. Depois de muita insistência Fafá que já era mais temperamental que Heleno de Freitas quebrou propositadamente o arco de seu violino, prêmio ganho no concurso do Teatro Lírico. E não tocou mais. Foi trabalhar num escritório em Pontaporã no Mato Grosso. Voltou depois de anos procurando emprêgo no Rio. Encontrou Betinho (filho de Josué de Barros), Dick Farney, Zacarias e outras «estrêlas» da música popular brasileira na orquestra de Carlos Machado no Cassino da Urca. Tentou executar alguma coisa para o pianista Roberto Cesari, ainda conseguiu impressionar bem e o resultado é êsse: Fafá, um dos maiores violinistas no gênero. Com base adquirida na música clássica, uma personalidade fora do comum e virtuosismo excepcional, tornou-se um dos maiores músicos populares do mundo. E assim ficou o Brasil sem mais um provável ponta-direita.



GLORIA MAY — Será a vedeta da Cia. de Renata Fronzi no Teatro de Alumínio em São Paulo. A peça terá o nome «Brasil no ano 3.000» e Renata entrará como atração especial. Gloria May começou no teatro de Madureira com Zaquia Jorge onde trabalhou 2 anos.



MARIA VITÓRIA — Possìvelmente quem vá à «As Urnas Vão Rolar» não encontrará essa figurinha naquele palco enorme, isso porque ela não se apresenta com destaque. Ainda não atingiu ao primeiro plano. Dentro de algum tempo, talvez se torne numa vedeta.



ROSEMARIE SULQUER — Promessa de vedeta, estreou com Zilco Ribeiro e no «Follies» continua até hoje. Com a saída de Sílvia Fernanda e Carmem Verônica de «Doll Face» teve oportunidade de mostrar o quanto já progrediu nesses últimos tempos. Até bonita ficou.



JUVENTUDE MUSICAL BRASILEIRA — Embarcaram sábado, para São Paulo, jovens da Escola de Educação Física a fim de participarem do I Congresso Brasileiro das Juventudes Musicais, a ser realizado naquela progressista cidade.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 14 E 20 DE AGÔSTO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Apenas os dias 16 e 18 serão desaconselháveis, no seu caso, para qualquer iniciativa de certa importância. O resto da semana favorecerá, extraordinàriamente, o que empreender. Poderá tirar um bom partido.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Uma semana insignificante terá o leitor, nos próximos sete dias. Não se aventure, não corra o risco de grandes negócios nem precipite a solução dos assuntos pendentes. Sua chance será mínima, principalmente nos dias 15, 18 e 20.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — A semana anterior foi bem favorável ao leitor. A nova não lhe será inferior em favorabilidades astrais. O ambiente lhe possibilitará bons e rápidos negócios e soluções acertadas.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O leitor vai desfrutar um excelente período para pôr seus negócios em ordem. Encontrará o concurso de que tiver necessidade e solução adequada para todos os seus problemas em equação no momento.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — O ambiente relativamente fraco da semana anterior não se modificará nos próximos sete dias. Não force a situação que se oferecer, pois nada conseguirá com precipitação.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O próximo período lhe abrirá uma fase de ótimas realizações no domínio econômico. A semana favorecerá os negócios imobiliários, os financiamentos e as inversões de tôda sorte. Poderá especular com êxito.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Os melhores dias da semana, no caso do leitor, serão 15, 17 e 19. Os dias restantes não favorecerão nem os negócios nem as atividades sentimentais. Pelo contrário. O domínio melhor influenciado será o da vida social.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — A posição do leitor, em face do influxo dos astros, melhorará considerável no curso da semana a ser iniciada. Os negócios lhe serão facilitados e terá chance nas especulações. Os melhores dias: 15 e 19.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Até o dia 17 a situação será desfavorável. O céu não o ajudará. Os dias restantes da semana, porém, serão benéficos aos seus empreendimentos. A vida doméstica estará bem astralizada.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Nenhuma restrição lhe poderá ser feita na vigência da próxima semana. Sua chance será espetacular, principalmente no setor financeiro. O dinheiro o procurará sôfregamente.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Dê o máximo de atenção a tudo o que fizer, pois, no curso da semana, o leitor estará sujeito a enganos muito prejudiciais. Os dias mais perigosos serão 16, 18 e 20.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Adie a solução dos casos em que fôr parte, na próxima semana, principalmente dos que dependerem de solução legal. Não requeira nas repartições nem demande no fôro.

OS NOMES DA SEMANA

Agôsto,	14	—	Antônio	—	Julita
"	15	—	Guaraci	—	Alda
"	16	—	Armando	—	Glícia
"	17	—	Sérgio	—	Sueli
"	18	—	Flaviano	—	Ester
"	19	—	Genômino	—	Otávia
"	20	—	Leôncio	—	Albertina

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Agôsto,	14	—	21º - 9' - 21''	(Signo do Leão)
"	15	—	22º - 6' - 59''	(" " ")
"	16	—	23º - 4' - 38''	(" " ")
"	17	—	24º - 2' - 18''	(" " ")
"	18	—	25º - 0' - 00''	(" " ")
"	19	—	25º - 57' - 43''	(" " ")
"	20	—	26º - 55' - 28''	(" " ")

Iniciação ao diálogo

GEYR CAMPOS

Desenho de MARIA TEREZA



— I —

De início bastará que olhes mais vêzes
na mesma direção hoje evitada
(estandartes nos olhos são mais leves
do que, no coração, duros tambores),
ainda que o teu olhar próprio não rompa
as lajes de ódio com que te muraste.

— II —

O vento e chuva e tempo, sôbre a pedra
passando sempre, hão de gastá-la: um dia,
antes que a obture o musgo ou algum
[pássaro
aí faça o ninho fôfo, encontrarás,
entre o lado que afirmas teu e o outro,
uma réstia de azul — o azul de todos.

— III —

Talvez rumor de passos, para além
do muro atravessado aos teus desígnios?
Não porás terra, onde se pôs o céu:
ver o que diz o ouvido — agora queres,
e onde a rocha fendeu-se cabe um ôlho
humano e mais a bôca do fuzil.

— IV —

Provando frágil o que acreditavas
inexpugnável, eis que em ti se fixam,
atentos, outro ôlho e outro fuzil...

— V —

Contemplador e contemplado, hesitas,
aprendendo na espera o inesperado:
lares como os que tens, jardins iguais
aos teus, o mesmo verde nas lavouras,
no gado sôlto a mesma desmemória,
na gleba o mesmo esfôrço pelo outono...

Até na cara do inimigo existe
algo de teu, nunca ao espelho visto.

— VI —

Adormenta-se o dedo no gatilho,
fôrça é movimentá-lo.

(Maior fôrça
é suportar as formigas do sangue,
a câimbra incipiente; maior fôrça
é desfazer os nós do engano e mêdo;
maior fôrça é manter silente a máquina
da morte e só do peito abrir a fala.).

— VII —

Posta nas pautas máximas da voz,
a palavra resvala entre os granitos
— lava e incêndio primeiro, fumo após,
nuvem, neblina tênue. Claridade.

— VIII —

Que cresce, a poucos dedos de teus dedos?

É o mapa da amizade que se espalma
na palma de outra mão:
toca essa mão
e o tato há de explicar-te geografias
tão permeáveis e altas, que seus mares
(só de o pensares) já em tuas veias correm
salgando as ondas que em teus olhos
[morrem.

★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★

GINA GANHOU UM PRÊMIO

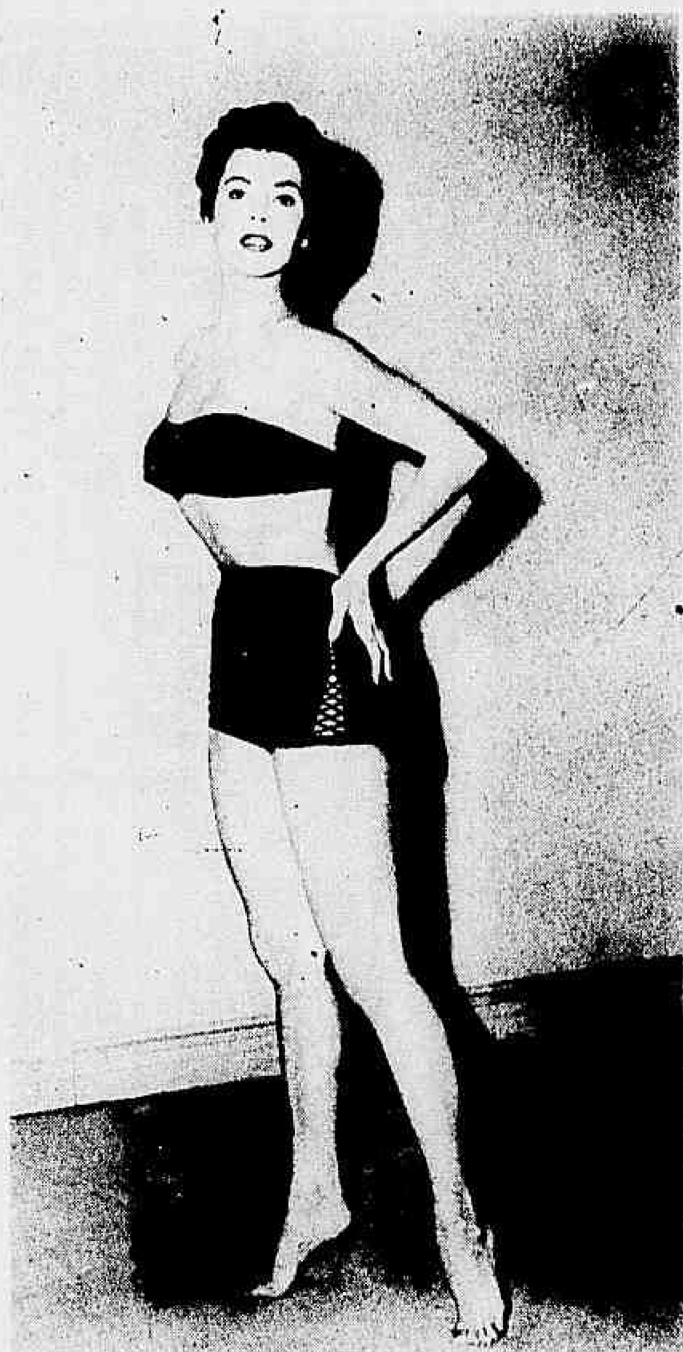
TEDDY

● Quem tem talento sempre aparece e Gina Lollobrigida, a muito bela artista italiana, parece ter confiado nesse ditado para ter, anos mais tarde, uma alegria imensa ao receber um prêmio que todos consideram justíssimo.

Um júri compenetrado deu-lhe um prêmio que jamais será esquecido pela «estrêla» que os mais exaltados apontam como a «mais bela do cinema italiano». Gina não faz questão alguma de ser a mais bela, ou a de corpo mais belo, ou a de busto mais sensacional; ela faz questão fechada de ser a mais talentosa e tem trabalhado para isso. Gina tem filmado muito e nem sempre filmou aquilo que mais lhe agradaria como artista, porém uma artista que começa, não pode recusar papéis simplesmente porque não gostou da história. Gina sabe disso e furtou-se sempre de situações ridículas, não querendo nunca ser apontada como «artista temperamental», pois detesta exibicionismos, ela que todos concordam ser uma das poucas «estrêlas» do cinema mundial que pode exibir-se diante de qualquer público, pois só aplausos receberá.

A simplicidade de Gina e a sua maneira de encarar a carreira estão colocando-a num plano destacado entre as demais, e isso ela adora que possa acontecer quando o melhor de sua arte ainda não surgiu e espera naturalmente que algum diretor inteligente vá buscá-lo no seu íntimo de artista talentosa. Trabalhando com Vittorio De Sica em «Pão, Amor e Fantasia», Gina arrebatou o prêmio mais cobiçado do cinema de sua pátria e fêz chegar seu nome até Hollywood, onde produtores de visão larga tentarão por certo conquistá-la para seus filmes. Porém é difícil que Gina recuse as inúmeras ofertas de co-produções na Europa para tentar a fama e um sucesso ainda maior na capital mundial do cinema. Ao contrário de muitas colegas, Gina quer ser famosa, aplaudida e admirada em seu próprio Continente. Ela não afirma, no entanto, que jamais pise em Hollywood para filmar, pois sendo uma criatura inteligente, sabe que o futuro não lhe pertence, mas a Deus e difícil é prever o que acontecerá amanhã . . .

Sòmente um «amanhã» ela sonhou e viu realizado: êsse prêmio que todos reconhecem ser um ato de justiça para com uma artista que procura deixar bem longe a fama de mulher bonita, para ser aclamada como uma «atriz de talento». Êsse intento de Gina — quase alcançado — basta para que ela seja digna de nossa eterna admiração. Ela merece nesse momento tôdas as nossas homenagens e os votos melhores de que consiga muito breve outros prêmios ainda maiores.



SEREIAS DO CINEMA

A novata Colleen Miller, com esta plástica que vocês estão admirando, conquistou posição definida nos estúdios da Universal. A pequena tem uma evidente vocação para sereia . . .

FALA-SE EM HOLLYWOOD

AUDREY HEPBURN ficou muito feliz ao receber uma placa de Londres elegendo-a «a melhor atriz inglêsa de 1953», oferecida à «estrêla» pela Academia Cinematográfica da Inglaterra.

BING CROSBY e Dânny Kaye foram escolhidos para a refilmagem de um antigo êxito musical: «Diga Isso Cantando». O filme, como é fácil deduzir, reunirá boa música e excelente comédia, não fôssem os dois mestres no assunto . . .

IRENNE DUNNE talvez aceite o papel de mãe de Pat Crowley no filme da Paramount, «Angels Cooking», de cujo elenco participará o famoso «astro» Humphrey Bogart.

TERRY MOORE fêz uma estréia sensacional numa buate em Las Vegas quando surgiu diante do público exibindo um vestido de noite que acentuava «muito» o formoso busto da juvenil «estrêla» cinematográfica. A pequena está, decididamente, no páreo de «rainha do busto», em Hollywood, até agora em poder de Jane Rusell...

MORREU de um ataque cardíaco, em Hollywood, o diretor Irving Pichel, com 63 anos de idade e que ùltimamente dedicava-se à produção de filmes religiosos. Ficou inacabada uma nova versão da vida de Cristo intitulada «Day of Triumph».

CINEMA BRASILEIRO

RECLAMAM antigos freqüentadores do «Clube de Cinema», ponto de reunião noturna da gente do cinema brasileiro, contra a Diretoria, que está desvirtuando o programa traçado para o referido grêmio, convertido em «hora de calouros» e local onde desconhecidos soltam suas sandices ao microfone. Com a palavra o presidente Orêncio Tinoco para os devidos esclarecimentos!

VANJA ORICO escapou de morrer devorada por duas onças perigosíssimas que rondaram o acampamento onde se encontrava a conhecida «estrêla», atualmente filmando «Terra Proibida», no interior da Ilha de Bananal. Vanja, segundo os telegramas e ela própria, foi salva pela Lua, que, surgindo na «hora mais emocionante de sua vida, espantou os felinos . . .

ALBERTO RUSCHELL e Marisa Prado estão na Espanha filmando «O Rio» e talvez façam outra película com o diretor Mur Oti, o mesmo que pensa realizar uma nova versão de «Fedra», nas praias do Recife, com Silvana Mangano e tudo . . .

ROSANGELA MALDONADO aproveitou a viagem à Bahia para ficar noiva. Os fãs estão acostumados com as «paixões repentinas» da loura «estrêla» da Sacra Filmes . . .



GREER MUDA DE ESTÚDIO

Acompanhando seu querido diretor, Mervyn Le Roy, que com ela aparece na foto ao lado de Jack L. Warner, Greer Garson deixou a Metro e assinou contrato com a Warner. Ela fará inicialmente, «Strange Lady in Town», uma história que exigirá muito talento da ruiva artista . . .



DOIS BONS AMIGOS

Jane Powell e Howard Keel (ambos cantores) sempre se deram maravilhosamente bem e gostam de filmar juntos, o que vai acontecer novamente em «A Bride for Seven Brothers», um novo e formidável musical da Metro Goldywn Mayer. Jane está bancando a maquiladora . . .

CORREIO DA EUROPA

● **MARTINE PESCOU SEU MARIDO . . .**

Um telegrama de Grasse, na França, informa que nessa cidade, Martine Carol, a mais deliciosa artista do atual cinema francês, casou-se com o diretor de filmes Christian Jacque, concretizando assim um romance que já se alongava. Martine, agora, é uma criatura completa . . .

● **LUCIA BOSÉ VOLTA A FILMAR**

A mais grata notícia da semana foi, sem dúvida, aquela que veio de Roma dizendo que, nos estúdios de Ponti-De Laurentis, Lucia Bosé, uma das maiores atrizes do cinema italiano, voltara a filmar. Dirigida por Mario Bonnard em «Traditta» («Enganada») Lucia retornará às telas do mundo inteiro para uma nova chuva de aplausos em reconhecimento de sua arte e de seu inegável talento!

● **UM DUELO DE BUSTOS**

Está absorvendo a atenção do mundo inteiro o duelo original que travam as «estrêlas» Gina Lollobrigida e a novata Sophia Loren para justificar o título de «rainha do busto». A vencedora participará do elenco do novo filme «Pane, amore e gelosia» («Pão, amor e ciúme») e contracenará com o famoso Vittorio De Sica. Dizem que Gina e Sophia se equivalem em formas e talento. Daí . . .

● **ÚLTIMOS FLAGRANTES**

Silvana Mangano já terminou sua atuação no filme do norte-americano Robert Rossen, «Mambo», filmado em Roma. ★ Foi iniciada em Roma a filmagem de «Graziella», argumento extraído do famoso romance de Lamartine. ★ O diretor italiano Michelangelo Antonioni estuda, no momento, Catulo e seus amôres com Clódia, que deverá ser interpretada por Gina Lollobrigida.

★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★

Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto

Cigarros Hollywood

Cia. de Cigarros Souza Cruz

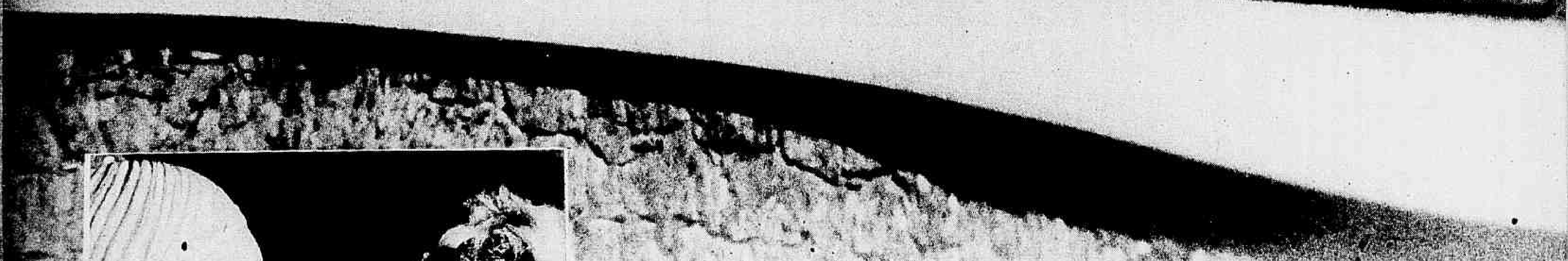
Rio de Janeiro

H-88.289

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

Experimentou o cine





● TEREZINHA TAPAJÓS (Guimarães), a nossa «pingue-ponguеada» de hoje, é uma das bonitas garôtas que Carlos Machado recrutou e vem apresentando no seu excelente «show» de Casablanca. Jovem, vistosa (1,70 de altura e sessenta quilos), cabelos louros, olhos castanhos e pele moreno-clara, é uma pequena simples, amável e simpática logo à primeira vista, a quantos têm a felicidade de conhecê-la. Em pouco menos de dois anos de atividades, conta já com algumas (bem sucedidas) incursões pelo cinema, teatro de comédia e musicado, e vem dia a dia melhorando, esforçando-se para alcançar o objetivo com o qual sempre sonhou: — uma boa chance, coisa que aguarda paciente e confiante. Como beleza e simpatia são sem dúvida dois fatôres preponderantes a quem visa a tal objetivo, não temos dúvida em afirmar que Terezinha já tem meio caminho andado.

ma, está experimentando o teatro e quer experimentar a televisão







TEREZINHA NÃO DISCUTE:

"O AMOR É UMA MARAVILHA"

CONSIDERA RUBIROSA BOM PARTIDO, NÃO DESEJA MAL A NINGUÉM, ACHA QUE O BEIJO DEPENDE DE QUEM BEIJA E TEM UMA OPINIÃO SÔBRE AS MULHERES: «HORROROSAS!»

Texto de FERNANDO PINTO **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

Ping — Podemos começar?

Pong — Se quiser, estou às suas ordens.

Ping — Qual o primeiro teatro em que trabalhou?

Pong — No Regina.

Ping — Com quem?

Pong — Com Dulcina-Odilon em «Vivendo em Pecado».

Ping — Qual a sua reação, ao pisar pela primeira vez o palco?

Pong — A de curiosidade.

Ping — Gostou da experiência?

Pong — Sim.

Ping — E como se saiu?

Pong — Parece que bem, pelo menos fui até o fim da temporada.

Ping — Qual o político nacional que mais admira?

Pong — Levy Neves.

Ping — Pretende casar?

Pong — Quando chega a hora, ninguém escapa.

Ping — Que tipo de homem prefere?

Pong — O inteligente e atencioso.

Ping — Que acha da bomba atômica?

Pong — E' de arrasar...

Ping — Que traje você prefere?

Pong — O esportivo.

Ping — De que você gosta mais?

Pong — Comer e dormir.

Ping — E o que mais detesta?

Pong — Fazer regime e acordar cedo.

Ping — Se você morresse agora, gostaria de ir para o céu?

Pong — Se não fôsse querer muito...

Ping — Qual a sua côr favorita?

Pong — O verde.

Ping — Pratica esporte?

Pong — Gosto de volei e de ir à praia.

Ping — Lê muito?

Pong — Sim.

Ping — O quê?

Pong — Romances.

Ping — Qual o seu autor predileto?

Pong — Júlio Verne.

Ping — Gosta de música?

Pong — Sim, da popular e da clássica.

Ping — Bebe?

Pong — Às vêzes.

Ping — Fuma?

Pong — Por esporte.

Ping — Na sua opinião qual o maior vulto político de maior projeção internacional?

Pong — Churchill.

Ping — Dança?

Pong — Sim.

Ping — O que prefere dançar?

Pong — Tangos e boleros.

Ping — Gosta de cinema?

Pong — E' a minha diversão predileta.

Ping — Que cinema prefere?

Pong — O americano.

Ping — Quais seus «astros» favoritos?

Pong — Walter Pidgeon e Bette Davis.

Ping — Que acha do cinema nacional?

Pong — Acho que vai indo muito bem, apesar de todos os palpites contra.

Ping — Já participou de algum filme brasileiro?

Pong — Já. Trabalhei em «Os Três Recrutas», da Atlântida.

Ping — Que acha de Rubirosa?

Pong — Um bom partido, sem dúvida.

Ping — E da Marylin?

Pong — Bacana... embora um pouco vulgar.

Ping — E do Ivaná?

Pong — Uma ótima colega (de trabalho).

Ping — Já estêve fora do Brasil?

Pong — Sim, na Argentina e no Uruguai.

Ping — Qual foi o seu maior susto?

Pong — Ao abrir uma «caixa de surprêsas».

Ping — E a sua maior emoção?

Pong — O primeiro beijo.

Ping — Que acha do beijo?

Pong — Pode ser bom ou ruim, depende que quem beija.

Ping — Se você fôsse «Miss Brasil», saberia dizer quem é o Manoel Bandeira?

Pong — Claro que sim.

Ping — Que diz das mulheres?

Pong — Horrorosas!!!

Ping — Se você fôsse homem, o que gostaria de ser?

Pong — Aviador.

Ping — Qual a sua opinião sôbre o amor?

Pong — Uma maravilha...

Ping — Nesta época de matar ou morrer, você seria capaz de mandar alguém desta para melhor?

Pong — **Cruzes... que pergunta!**







O CACHIMBO DA NOVA «LIGNE»

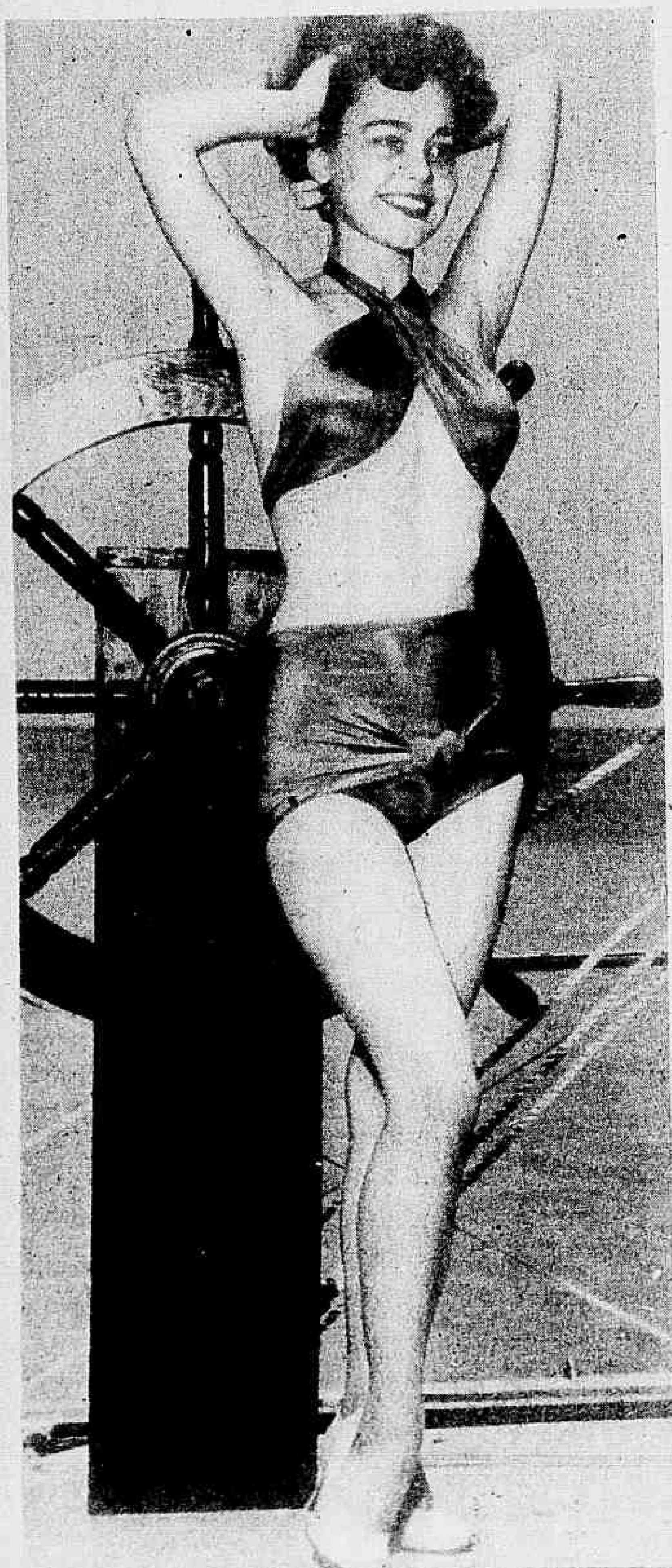
A idéia foi de um costureiro da «Cidade Luz»: vestido, sapatos, bôlsa e... cachimbo, tudo na mesma tonalidade. A novidade acaba de ser apresentada num desfile em «chez Balmain», e dizem que alcançou grande e imediato sucesso.

GINA TRABALHA

O último filme de Gina Lolobrigida, «Pão, Amor e Fantasia», bateu todos os recordes de bilheteria na Itália. Agora ela está fazendo outro: «Pão, Amor e Ciúme», do qual a foto acima (tirada em Castel San Pietro) é uma seqüência.

FALSA MARILYN

Tem cara de Marilyn, tem corpo de Marilyn, tem jeito de Marilyn, mas não é Marilyn. É Rosalina Neri, de 25 anos, cantora da TV de Milão. Lá ela é chamada de «a Marilyn Monroe italiana», o que não deixa de ser uma grande patente.



Por êsse *Mundo* de Deus

COISAS DA FLÓRIDA

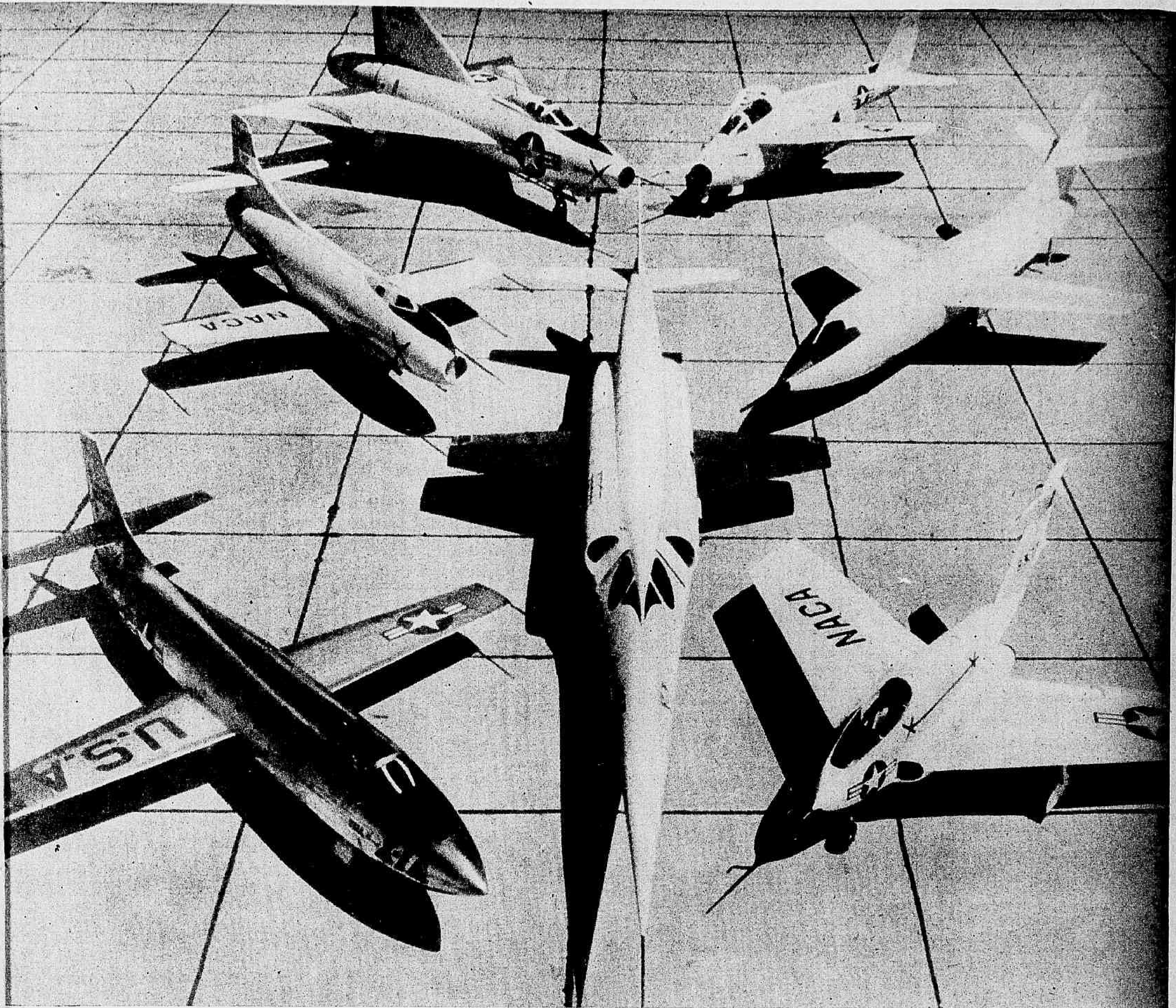
A senhorita que aparece na foto ao lado é uma espécie de aparição matutina, nas praias da Flórida. Seus maiôs são sempre ousados, como o que aparece acima. Chama-se Sherry Brockwell e quer ir para o cinema, daí os maiôs...

★

MARLENE EM LONDRES

Marlene Dietrich, que apesar dos 52 anos bem vividos, continua em plena forma, chega a Londres, para uma exibição de canto (e dança) no melhor «night club» local. Na foto ela aparece ao lado do seu amigo Noel Coward.





DONOS DO CÉU

São êstes os novos tipos de aviões (inglêses e norte-americanos) a serviço das fôrças aliadas na Europa. À esquerda, no ângulo, o Bel-XIA, que faz 2.700 quilômetros por hora. Vêem-se mais: o Douglas D.558, o Convair XF-92, o Bell X-5, o Douglas D.558 e o bimotor Northrop X-4. Afirmam os técnicos em aeronáutica que os «Migs» russos não ganham dêles. Milhares de aparelhos formam hoje o efetivo da NATO na Europa.



MC CARTHY ENTREGA OS PONTOS

Afinal o Senado e o Exército conseguiram expurgar o «comité» chefiado por Mc Carthy. Roy Cohn não faz mais parte dêle; e Carr será igualmente expulso. Uma moção acaba de ser votada no Senado contra Mc Carthy.



MENDÈS CONSEGUIU A PAZ

Frances-Mendès, o novo «premier» francês, prometeu a paz na Indochina, e conseguiu. Na foto, êle aparece ao lado de Molotov, após a assinatura do armistício. Comunistas e degaulistas estão apoiando o novo «premier».

A DESFORRA

ANTONIO MARIA

ACORDOU, estendeu o braço com sacrifício, pôs o fone no ouvido e disse «alô», só Deus sabe como. Falaram do outro lado da linha:

— Te bati ontem e vou te bater tôda vez que te encontrar.

— O quê? —... perguntou, sem saber quem era, o que era ou mesmo que palavras eram aquelas. E a voz repetiu o que dissera antes.

Largou o fone no gancho e só então começou a ter uma vaga idéia do que tinha sido a noite passada. Bebera muito, bebera com o estômago vazio. Andara pela cidade e, já de madrugada, entrou no salão do «Elite». Lembrava-se de que vira Arturzinho rodeado de mulheres, sentara com êle e, de repente, Arturzinho o agredira a sôcos e pontapés. Agora, passava a mão na testa e sentia uns curativos de esparadrapo. Por dentro, a bôca estava tôda partida. Resolve olhar no espelho e se vê com o rosto inchado, um filête de sangue coagulado saindo-lhe das narinas. A cabeça e os rins doíam muito. Não era, porém, capaz de se lembrar por que fôra e como fôra exatamente.

★

Quando Luís entrou no «Elite», Arturzinho estava abancado com mulheres e amigos — até aí Luís se lembrava de tudo. Sem pedir licença, sentou-se à mesa, sem pedir licença, preparou uma dose de «whisky» e começou a beber. A seu lado estava Gilda que, em dado momento, levantou-se aborrecidíssima, dizendo que chamassem um táxi, porque ela não ficaria mais ali. Luís, confiadamente, lhe havia passado a mão pela cintura e dito qualquer coisa menos respeitosa. Foi quando Arturzinho se pôs de pé, segurou o amigo pela gola e, começando por um violento sôco na bôca, espancou-o, sem pena, durante vários minutos. Em volta, conhecendo a fama de Arturzinho, ninguém havia sequer pedido para que deixasse Luís em paz.

Agora, o telefone tinia outra vez. Luís despertava cheio de ressaca, cheio de dores e sentia, ao mesmo tempo, depressão, raiva, mêdo, revolta. Atendia mais uma vez e a voz de Arturzinho estava bem clara ao seu ouvido:

— Se sair hoje, vai apanhar outra vez, para deixar de ser tão ordinário.

— E' Arturzinho?

— Você sabe muito bem que é e não adianta disfarçar.

Luís arriou o fone no gancho. Era de tarde e o quarto estava quase sem claridade. Embora sabendo que luz elétrica, de dia, lhe dava tristeza, acendeu a lâmpada. Abriu a gaveta da penteadeira e lá estava o seu SW, com cinco balas no tambor. Olhou-o, socorrendo-se nêle. Sentiu-se menos fraco. O telefone tocou mais. Deixou que tocasse à vontade. No chão, espalhados, os jornais da tarde da véspera. Na mesa de cabeceira, uma fotografia do Flamengo, no tri-campeonato. Leônidas da Silva sorria com os seus dentes quase quadrados. Olhou-se melhor no espelho. Apanhara na cara. Jogou a toalha no ombro e foi para o banheiro, que era depois da cozinha, no final do corredor. A dona da casa, com certeza, perguntaria o que era aquilo em seu rosto. Então cobria a cabeça com a toalha. Pegou a saboneteira, calçou os tamancos e foi para o banho. A água fria doeu-lhe na cabeça, ardendo nos ferimentos. Mas, isso não tinha grande importância. Voltou para o quarto e começou a vestir-se devagar. Deu vontade de ligar para a Tia Sofia e ligou. Ela estava bem e lhe perguntou por que nunca mais aparecera. Prometeu que iria no dia seguinte, pediu a bênção e desligou. Olhou outra vez para o retrato do Flamengo e Jaime de Almeida, muito digno, de perfil, manteve-se de braços cruzados. Faltava apenas vestir o paletó e apanhar o revólver.

Quando chegou à rua do Cosme, de longe, viu Arturzinho na porta de um café, conversando, gesticulando. Ria. Contava a briga, com certeza. Aproximou-se lentamente. Depois de andar quatro passos, já segurava o revólver e já sentia o gatilho no dedo. Aproximou-se mais. Uma pessoa do grupo de Arturzinho gritou:

— Lá vem êle aí ! ! !

Arturzinho ia dando meia volta, quando recebeu dois tiros na nuca, o terceiro no peito e o quarto na cabeça. Luís guardou o revólver, com a quinta bala na agulha, pulou no fundo de um táxi e disse ao chofer o endereço de casa. Viajou o tempo todo de olhos fechados. Sentiu o carro parar à sua porta. Pediu que o esperasse, com o motor trabalhando. E, no quarto, enquanto fazia uma pequena valise, olhou para a fotografia do tri-campeonato: Leônidas da Silva ainda sorria, com os seus dentes quase quadrados.

Desenho de DAREL



NINGUÉM FALA NO

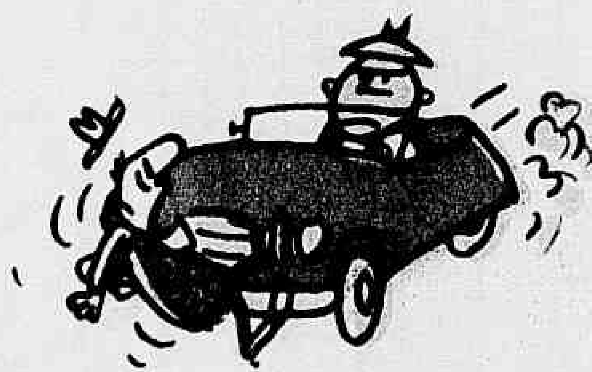
RISO DOS OUTROS

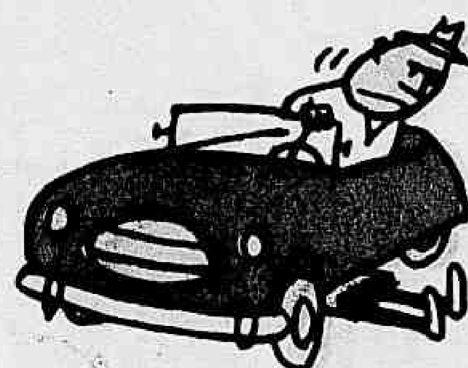






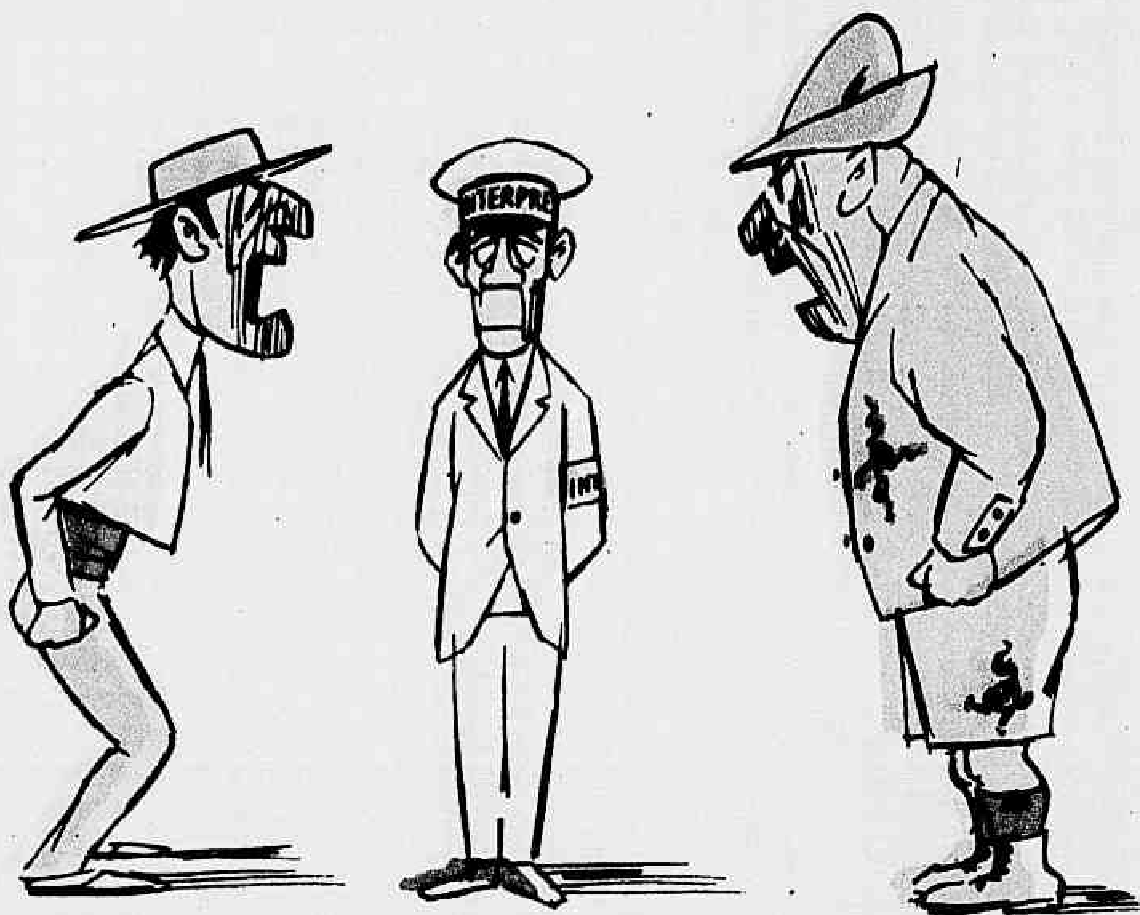


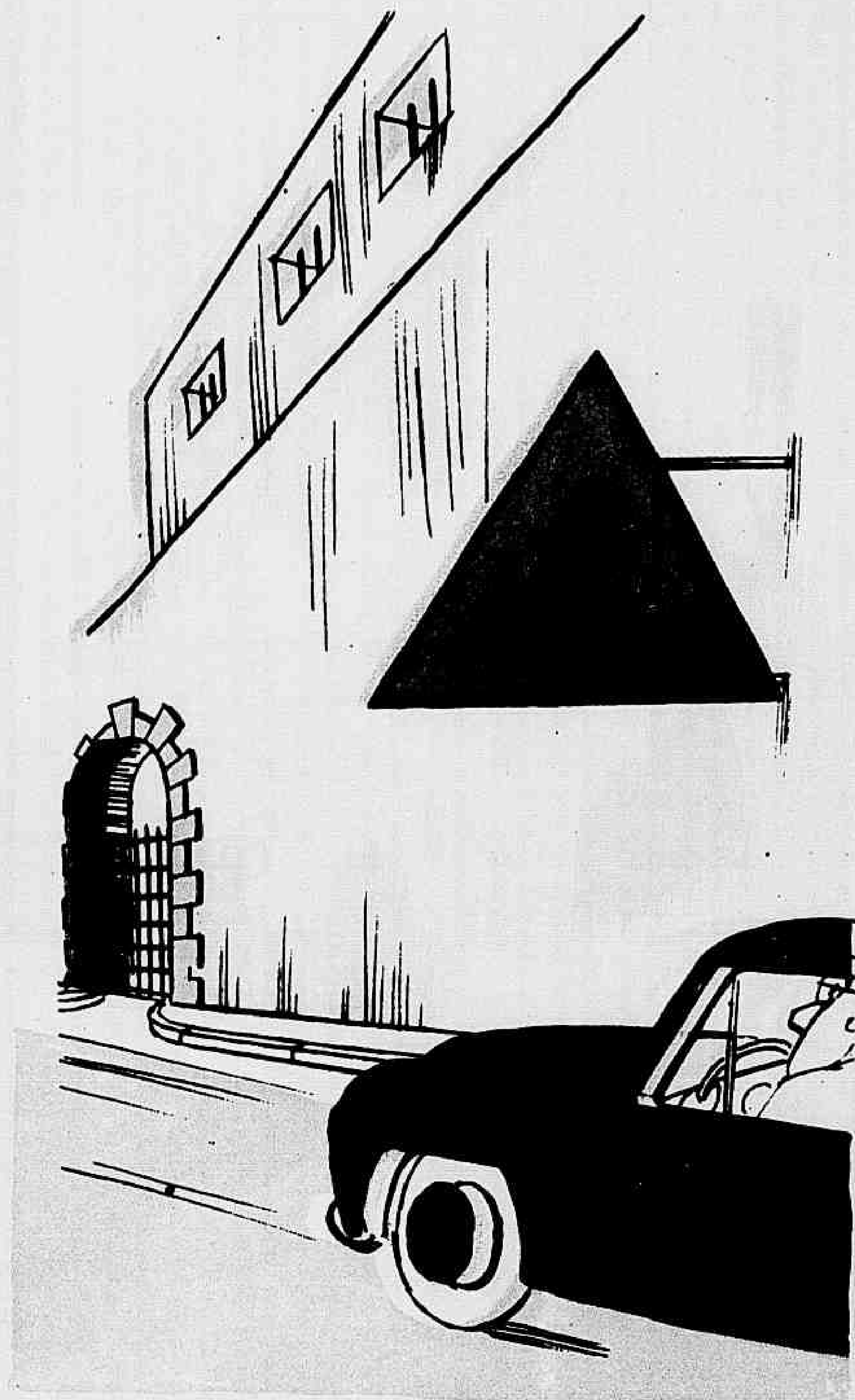


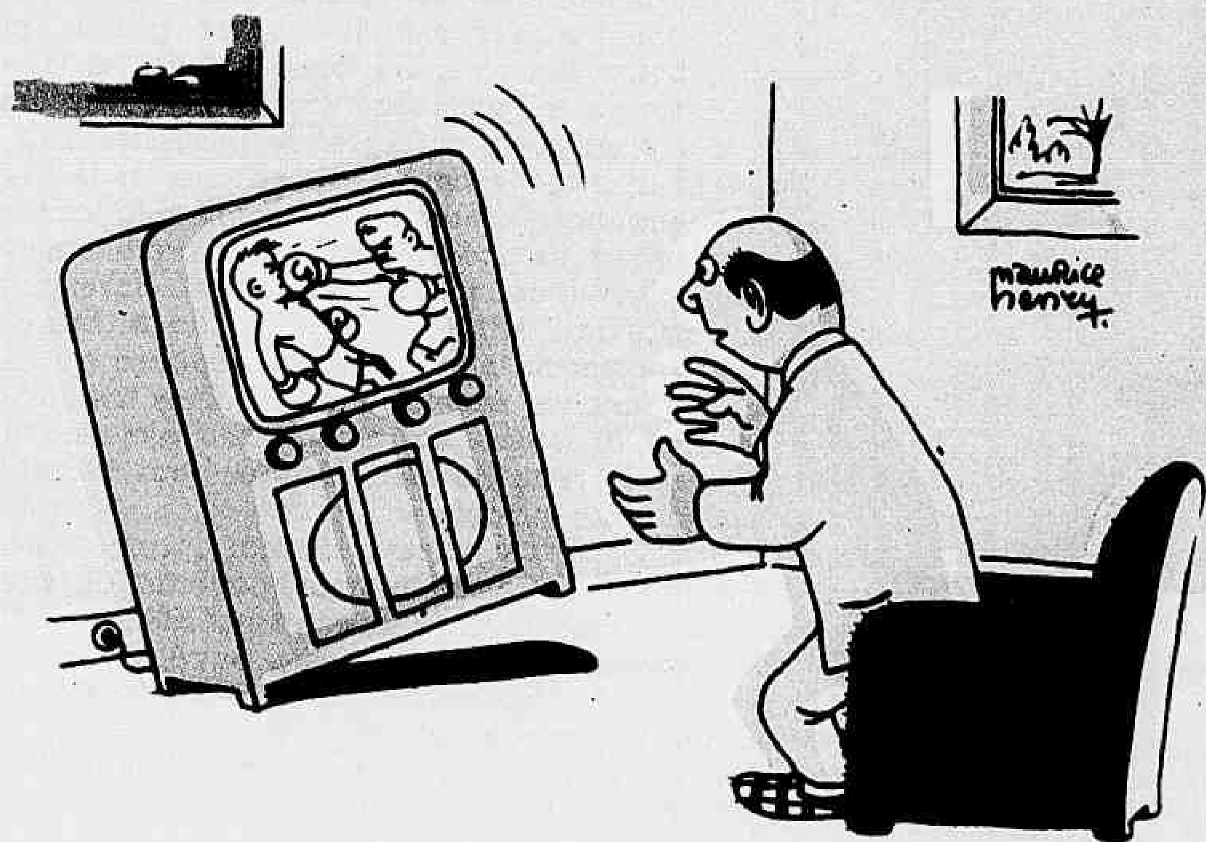


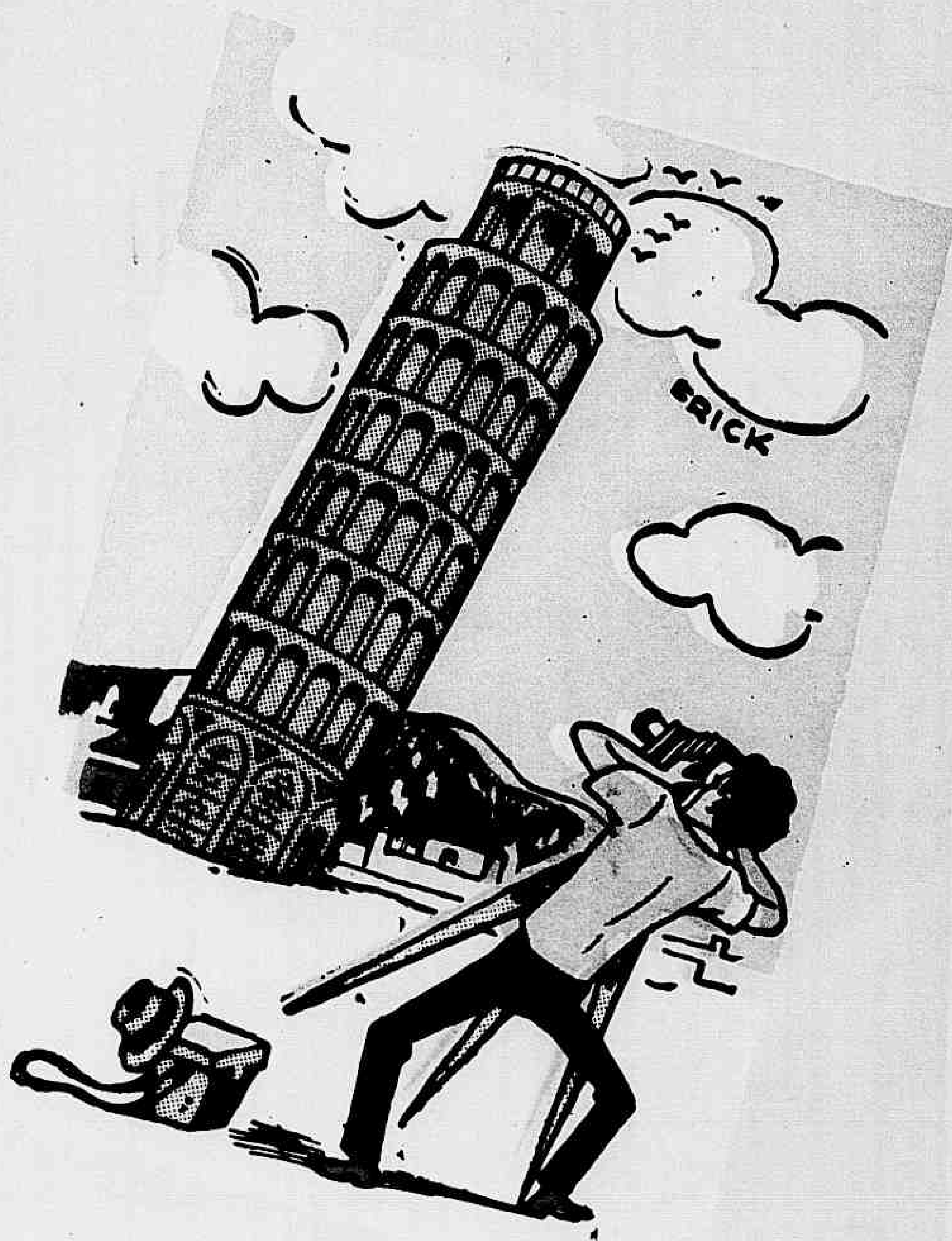









maurice henry


ERICK





RESUMO DA PAR

Efraim, depois de seis anos de internato num fazenda do pai, onde a família o recebe com o me irmã de criação, Maria, por quem Efraim se apaix atrevam a revelar o segrêdo. O pai de Efraim lhe aperfeiçoar-se na Medicina, e debalde o jovem suger o velho. Aproveitando sua estada, Efraim começa a

XIII

AS páginas de Chateaubriand iam lentamente dando tintas à imaginação de Mria. Tão cristã e cheia de fé, se regozijava ao encontrar belezas por ela pressentidas no culto católico. Sua alma tomava da paleta que eu lhe oferecia, as mais preciosas côres para aformoseá-la tôda. E o fogo poético, dom celestial que faz admiráveis aos homens que o possuem e divizinam as mulheres que o revelam, dava a seu semblante encantos desconhecidos para mim até então, no resto humano. Os pensamentos do poeta acolhidos na alma daquela mulher tão sedutora em meio a sua inocência, volviam a mim como os ecos de uma harmonia distante que volta a comover o coração.

Uma tarde, tarde como as de meu país, engalanada com nuvens côr de violeta e lampejos de ouro pálido, bela como Maria, bela e transitória como foi esta para mim, ela, minha irmã e eu, sentados sôbre grande pedra à beira do vale, de onde víamos à direita na ampla e profunda várzea rolar as buliçosas correntes do rio e tendo a nossos pés o vale majestoso e calmo, lia eu o episódio de Atala, enquanto as duas em sua imobilidade, ouviam brotar de meus lábios tôda aquela melancolia acumulada pelo poeta para «fazer chorar o mundo». Minha irmã, apoiado o braço direito em um de meus braços, a cabeça quase unida à minha, seguia com os olhos as linhas que eu ia lendo. Maria um tanto afastada de mim, não tirava de meu rosto os seus olhos, já úmidos de emoção.

O sol se havia ocultado, quando, com a voz alterada, li as últimas páginas do poema. A cabeça de Ema descansava sôbre meu ombro. Maria escondia o rosto entre as mãos. Logo que li aquela emocionante despedida de Chactas sôbre o sepulcro de sua amada, despedida que tantas vêzes arrancou soluços de meu peito: «Dorme em paz em estrangeira terra, jovem desventurada! Em recompensa do teu amor, de teu destêrro e de tua morte, jazes abandonada até do próprio Chactas», Maria, deixando de ouvir minha voz descobriu a face e por ela deslizavam grossas lágrimas. Era tão bela como a criação do poeta, e eu a amava com o amor que êle imaginou. Dirigimo-nos em silêncio e lentamente para casa. Ah! Minhalma e a de Maria, não só estavam comovidas por aquela leitura: estavam oprimidas pelo pressentimento!

XIV

Passados três dias, ao descer da montanha uma tarde, pareceu-me notar algum sobressalto nos semblantes dos criados que ia encontrando nos corredores da casa. Minha irmã me informou que Maria sofrera um ataque nervose; e ao acrescentar que ainda estava sem sentido, procurou acalmar, o quanto lhe foi possível, minha dolorosa ansiedade.

Esquecido de tôda a precaução, entrei na alcova onde estava Maria, e dominando o frenesi que me impulsionava para estreitá-la ao meu peito para fazê-la voltar à vida, aproximei-me desconcertado de seu leito. Ao seu lado se achava meu pai sentado a uma cadeira. Fixou em mim um de seus olhares intensos e os voltando depois sôbre Maria, parecia querer fazer-me alguma advertência, ao mostrar-me o estado dela. Minha mãe também estava ali; mas não levantou a vista para olhar-me, porque, sabedora de meu amor, compadecia-se de mim como sabe compadecer-se uma boa mãe na mulher amada por seu filho, sentindo a dor do seu próprio filho.

Permaneci imóvel, contemplando-a, sem atre-

Tradução de RENATO DE ALENCAR

PUBLICADA

de Bogotá, capital do seu país, volta à ...ho. Entre as pessoas da casa havia uma ... correspondido por ela, mas sem que se ... que êle deve ir para a Europa, a fim de ...manência na propriedade rural para ajudar ...mãs e a Maria, aulas de curso secundário.

MARIA

Romance de JORGE ISAACS

...er-me a averiguar qual era seu mal. Estava ...omo se estivesse a dormir: seu rosto apresen...va palidez mortal, aparecia meio oculto pela ...beleira descomposta, na qual se descobriam ...marrotadas as flores que eu lhe havia dado ...aquela manhã; a face contraída revelava in...suportável padecimento, enquanto ligeiro suor ...e umedecia as frontes. Dos olhos cerrados bro...tavam lágrimas que brilhavam detidas pelos ...ngos cílios negros.

Compreendendo meu pai todo o meu sofri...ento, pôs-se de pé para retirar-se; mas antes ...e sair, se acercou do leito e tomando o pulso ...e Maria, disse:

— Tudo já passou. Pobre menina! E' exata...ente o mesmo mal de que sua mãe padecia.

O peito de Maria se alteou lentamente, co...o para deixar sair um soluço, e ao volver ao ...u natural estado, apenas exalou um suspi...o. Logo que meu pai saiu coloquei-me à ca...beceira do leito, e, esquecendo-me de minha ...mãe e de Ema, que permaneciam silenciosas, ...mei de sôbre o almofadão uma das mãos de ...Maria e a banhei sob a torrente de minhas lá...grimas até então contidas. Media tôda a mi...nha desgraça: era o mesmo mal de sua mãe, ...que havia morrido muito jovem, atacada de ...epilepsia incurável. Esta idéia se apoderou de ...todo o meu ser para quebrantá-lo.

Senti algum movimento nessa mão inerte à ...qual o meu alento não podia dar calor. Maria ...começava a respirar com mais liberdade, e ...seus lábios pareciam esforçar-se para pronun...ciar alguma palavra. Moveu a cabeça de um ...lado para outro como se quisesse desfazer-se ...de um pêso acabrunhador. Passado um momen...to de repouso, balbuciou palavras ininteligíveis, ...mas, entre elas, por fim, se percebeu claramen...te o meu nome. Em pé, devorando-a com os ...meus olhos, talvez que eu lhe apertasse dema...siadamente suas mãos nas minhas, e talvez ...que meus lábios a chamassem. Abriu lentamen...te os olhos, como feridos por luz intensa, e os ...fixou em mim, fazendo esforços para reconhe...cer-me. Recobrando a consciência e erguendo ...o busto, perguntou-me, afastando suas mãos de ...mim: «Que foi?» — E para minha mãe: «Que ...me sucedeu?».

Tratamos de tranqüilizá-la. Com acento de ...quem recrimina, numa inflexão que, por mo...mentos não pude compreender, ajuntou: «Vê? ...u bem o temia».

Aquietou-se depois do acesso, dolorida e ...profundamente triste. Já à noite voltei a vê-la, ...quando as ordens de meu pai o permitiram. Ao ...despedir-me dela, reteve-me por instantes a ...mão, disse-me: «Até amanhã», e acentuou esta ...palavra como costumava fazer sempre que, in...terrompida nossa conversação em algum serão, ...ficava a esperar o dia seguinte para que a ...concluíssemos.

XV

Quando saí ao corredor que conduzia a meu ...quarto, ventania impetuosa vinda do norte, ...açoitava os salgueiros do pátio. Ao aproximar...me do horto, ouvi o ruído que fazia nas ga...lhadas dos laranjais, de onde esvoaçavam as ...aves assustadas. Débeis relâmpagos semelhan...tes ao reflexo instantâneo de um broquel atin...gido pelo resplendor de uma fogueira, pare...ciam querer iluminar o fundo tenebroso do vale. Recostado a uma das colunas do patamar, ...sem sentir a chuva que me fustigava o rosto, ...pensava na enfermidade de Maria, sôbre a ...qual pronunciava meu pai tão terríveis pala...vras. Meus olhos queriam voltar a vê-la como ...nas noites silenciosas e serenas que, talvez, não ...mais voltassem!

Não sei por quanto tempo ali permaneci, quando algo como a asa vibrante de uma ave veio roçar em minha face. Olhei-a ao meter-se por entre a folhagem. Era uma ave negra.

Meu quarto estava frio. As rosas da janela tremiam como se temessem ser abandonadas aos rigores do tempestuoso vento. O floreiro continha já murchos e desmaiados, os lírios que, pela manhã, ali haviam sido colocados por Maria. Nisto uma rajada apagou de súbito a lâmpada, e um trovão deixou ouvir por largo tempo seu crescente retumbar, como se fôsse o de um carro gigantesco despenhado dos cimos alcantilados da serra.

Em meio daquela natureza soluçante minha alma tinha uma triste serenidade.

Acabava de dar as doze o relógio do salão. Senti passos perto de minha porta e ouvi a voz de meu pai que me chamava: «Levanta-te — disse-me, logo que lhe respondi, Maria continua mal».

O acesso havia repetido. Depois de um quarto de hora, achava-me pronto para viajar. Meu pai me fazia as últimas indicações sôbre os novos sintomas da enfermidade, enquanto o negrinho Juan Angel aquietava meu cavalo retinto, impaciente e assustadiço. Montei; seus cascos ferrados gritaram sôbre as pedras do calçamento do pátio, e um instante depois, descia eu para as planuras do vale, buscando a estrada à luz de alguns relâmpagos lívidos... Ia eu em procura do doutor Mayn, que estava passando uma temporada no campo, a três léguas de nossa fazenda.

A imagem de Maria, tal como a havia visto no leito àquela tarde, ao dizer-me aquêle «até amanhã», que talvez não mais chegasse, ia comigo, e avivando minha impaciência me fazia medir incessantemente a distância que me separava do término da viagem, impaciência que a velocidade do cavalo não era bastante para moderá-la.

A planície começava a desaparecer, fugindo em sentido contrário à minha carreira, semelhantes a mantos imensos arrojados pelo furacão. Os bosques que mais perto os via, pareciam afastar-se quando eu avançava para êles. Só algum gemido do vento entre as grandes árvores sombrias, o ofegar fatigado do cavalo e o choque de seus cascos nas pedras que chispavam, interrompiam o silêncio da noite.

Algumas cabanas de Santa Helena ficaram à minha direita e pouco depois deixei de ouvir o ladrido de seus cães. Vacas a dormir sôbre o caminho começaram a moderar-me os passos.

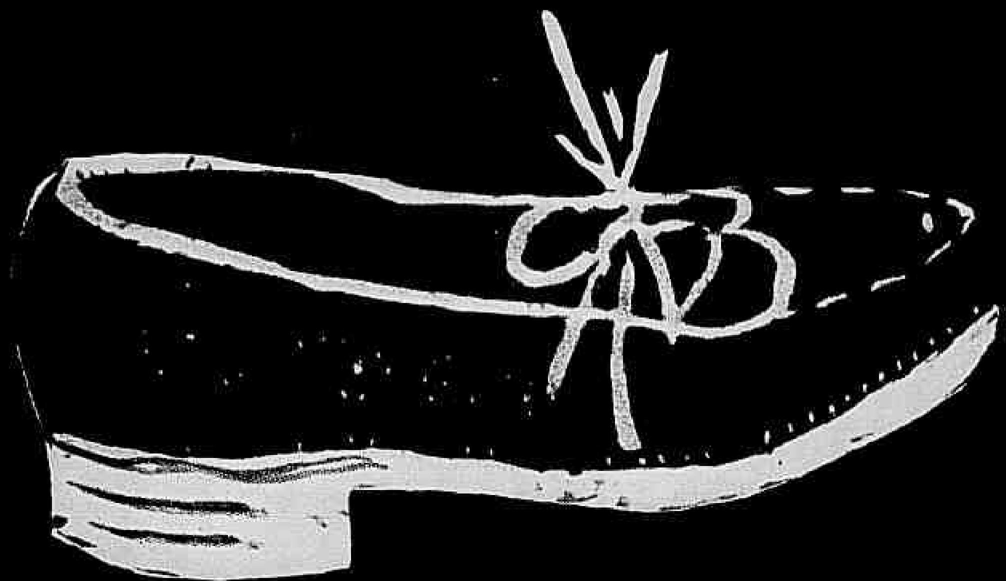
A formosa casa da família M..., com sua capela branca e seus bosques de ceibas, se divisava a distância aos primeiros raios da lua nascente, qual castelo cujas tôrres e tetos o tempo houvesse desmoronado.

O rio Amaime havia crescido com as chuvas da noite, e o seu ruído me anunciou isso muito antes que eu chegasse à margem. À luz da lua, que, atravessando as folhagens das ribanceiras ia pratear as ondas, pude ver o quanto havia aumentado seu caudal. Mas não era possível esperar: havia feito duas léguas em uma hora, e ainda era pouco. Meti as esporas às ilhargas do cavalo, que, com as orelhas para a frente e o focinho quase a tocar n'água parecia vacilar diante do perigo; soprava surdamente e fitava as águas como se quisesse medir a impetuosidade da correnteza que turbilhonava a seus pés; mas, estimulado por mim, meteu nela as mãos, e, como se fôsse advertido por um terror invencível, retrocedeu veloz girando sôbre as patas.

(Continua no próximo número)

Desenho de RAMÓN

O VERÃO INSPIRA E SUGERE



O verão está às portas e com êle os tecidos leves, frescos; os vestidos de organdis, de «mousselines», de «popelines», «tussord», etc. Inspirado num belo dia de sol, Pierre Balmain criou êste original modêlo em «popeline» de diversos tons. As tiras são prêsas umas às outras por bordado — «palito» — ou mesmo por ponto à «jour». Na cintura dois cravos de tom pastel. A blusa é decotada e simula um falso abotoado.

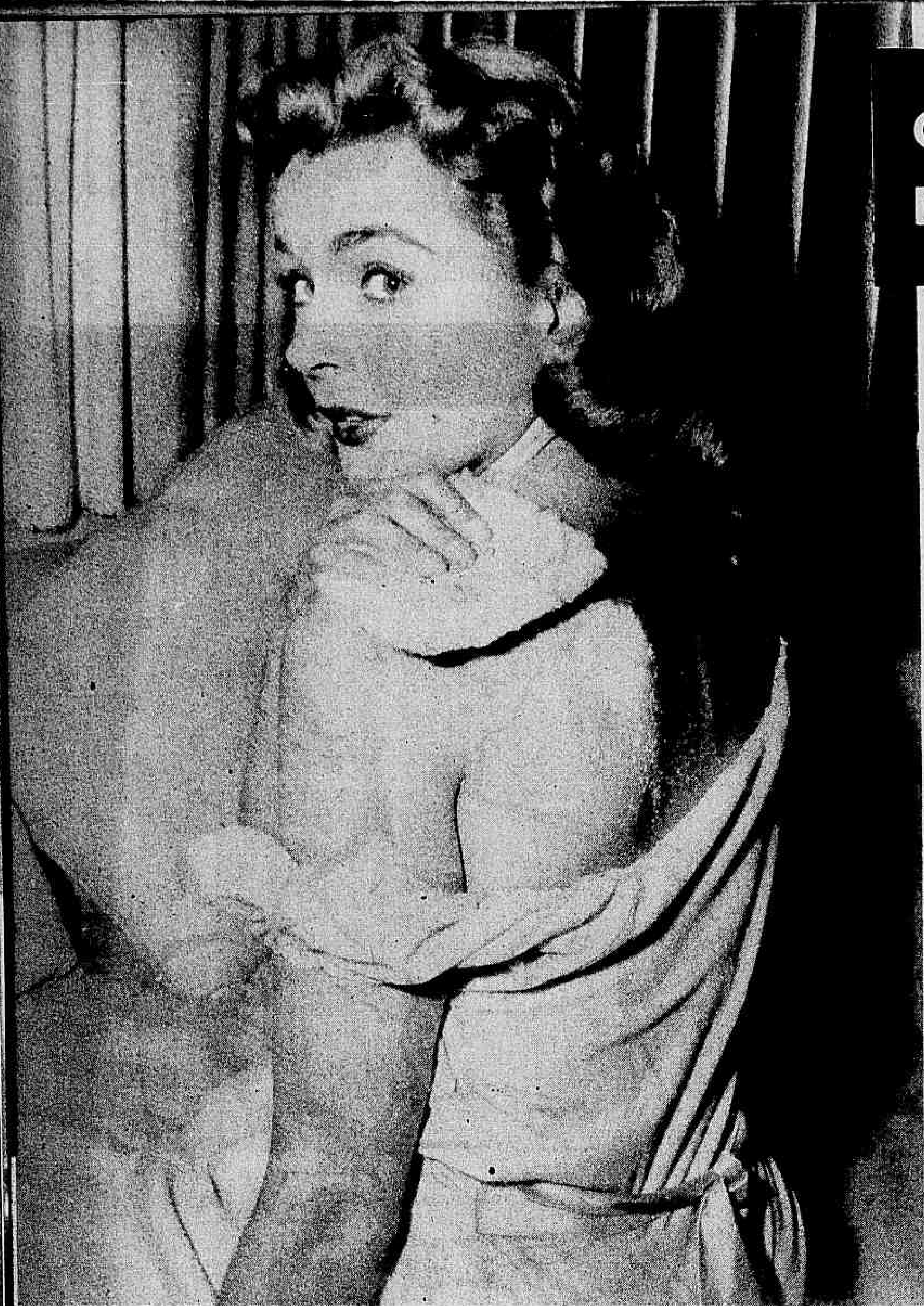


Cabe ao chapéu realçar a beleza da mulher. Daí a importância que êle desempenha na «toilette» feminina. O tema de «béret», principalmente, tem contribuído para realçar o encanto de quem o usa. Jean Bartht. Flores em palha avelã e pretas enfeitam êste «béret».





● Os bordados e as rendas continuam a fornecer aos costureiros parisienses motivos de inspiração para suas criações. E' difícil mesmo sair do «atelier» de um mestre da «haute couture et de la mode de Paris» um modêlo que dispense um dêsses requisitos. Carven apresenta um vestido inteiro em «Tussord» de sêda com bordado inglês. Saia godê com uma prega na frente e o bordado faz uma espécie de avental. Blusa colante com laço no pescoço. O bordado sobe até os ombros. O chapéu deve ser de abas largas estreitando para a frente, tipo colegial.



CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

Pescoços e ombros...

● A beleza de seu porte, a posição elegante de sua cabeça, tôda sua pose e sua dignidade, dependem da graça de cisne de seu pescoço e de seus ombros. As mulheres mais belas sabem disso. As estudantes para modêlo ou para atriz exercitam a boa posição dos ombros e do pescoço levando sôbre a cabeça um livro pesado; as lindas dançarinas de Bali conseguem o mesmo resultado carregando cestas de frutas tropicais e urnas cheias d'água ou vinho. Desde, porém, que a mulher ocidental começou a se empregar nos escritórios, trabalhando em máquinas de escrever, deixou de dar a atenção devida à posição dos ombros e do pescoço. O uso de golas altas e fechadas, favoreceu ainda mais êsse relaxamento que não existia na época dos grandes decotes do século passado.

O interessante é que a principal causa de desconfôrto dos nervos e cansaço dos músculos do pescoço e do ombro é a fadiga e a ansiedade. Você pode, pois, conseguir ter estas duas partes tão importantes de seu corpo em evidência, se, mesmo nos seus dias muito atarefados e cansativos, souber como descansar convenientemente.

Aprenda a se sentar numa poltrona confortável por três minutos apenas, e a tirar dêsses três minutos todo o descanso possível, afrouxando os músculos de todo o corpo, fechando os olhos, e não pensando em nada. Depois, olhe-se no espelho: seu rosto se apresentará com linhas mais suaves, descansado, e, seus ombros e seu pescoço sustentarão sua cabeça com mais imponência e altanaria.

DIVERSAS

● A PRIMEIRA CATEDRÁTICA...

Não é fato muito raro em nossas escolas superiores professôras regerem cátedras das mais diversas matérias. Chega-nos agora uma notícia da Espanha, porém, dizendo que a primeira professôra universitária espanhola acaba de ser nomeada. E' ela a senhora Maria de Los Angeles Galindo Carrilho.

● OUTRA QUE VOLTA A TELA...

Ninguém mais pensava em Pola Negri, a atriz que fêz sucesso extraordinário há trinta anos atrás. No entanto, chega-nos notícia de que «ressuscitou». Ainda êste ano fará um filme na Alemanha, e, depois, um outro em que «pretendo contar a minha vida e os meus amôres, desde Charles Chaplin até Rodolfo Valentino» — como ela mesma declara. Pola Negri tem, hoje, 56 anos.

● DINHEIRO AOS PEIXES...

Foi curiosa (porém lógica) a explicação da senhora Helena Santana, de São Francisco na Califórnia, aos juízes que decidiam de seu processo de divórcio (pedido pelo marido):

— Meu marido joga o dinheiro fora no jôgo, que diferença faz se jogo aos peixes?

A senhora Helena havia literalmente jogado, pouco tempo antes, cinco mil dólares no rio que banha São Francisco, atirando-os n'água da célebre ponte do Golden Gate. Essa fôra uma das justificativas para o pedido de divócio apresentado pelo marido.

● BOLINHAS QUEBRADAS...

Nunca poderia pensar a jovem estudante Milit Forest, ao iniciar sua coleção de bolas rachadas de pingue-pongue que um dia poderia tirar lucro dessa sua estranha mania. Aconteceu, porém, que uma universidade da Califórnia, nos EE.UU. comprou-lhe a coleção inteirinha, por bom preço, justificando a despesa com a finalidade de «usá-las para lições práticas sôbre a estrutura do átomo». (??)

● MARIDO PREVIDENTE...

O dinamarquês Leo Larsen vive há muitos anos fora de sua pátria. Sentindo, porém, que o tempo está passando, e talvez temendo uma velhice solitária resolveu ir até a Dinamarca, à sua cidade natal, para procurar espôsa. Exige, porém, da futura senhora Larsen, o seguinte:

1 — que pague a metade de sua passagem, da Dinamarca para a nova pátria do marido.

2 — que já tenha extraído o apêndice.

3 — que já tenha dentadura postiça.

E o noivo em perspectiva, explica:

— Não quero ter nenhuma despesa «imprevista», depois.

● OS CASADOS VIVEM MAIS...

Recentes estudos de estatística, realizados em Viena, sôbre as causas das mortes dêstes últimos anos, nos faz chegar a conclusão de que o matrimônio é o verdadeiro remédio para uma vida longa. Realmente, a conclusão a que chegaram é que os casados morrem mais tarde do que os solteiros. Ainda há mais: mais cedo que os solteiros morrem os viúvos e os divorciados.

O motivo? Dá muito mais sossêgo e trás maior paz de espírito dirigir uma casa a dois do que sòzinho.

WEEK-END NA COZINHA

● Aos domingos a dona de casa geralmente gosta de servir um prato, único, porém, bastante substancioso, que satisfaça inteiramente o apetite do garôto faminto que voltou da praia, ou do marido que passou a manhã inteirinha limpando os apetrechos de pesca.

Nada melhor que a receita de hoje, um misto de salada e risoto. Prepare-a uma vez só, e sempre será exigido para essas ocasiões. Fomos buscar êsse prato no sul dos Estados Unidos, que por sua vez o havia importado dos espanhóis... E' delicioso principalmente se você completar o cardápio com guaraná geladinho para as crianças e alguns «chopps» para os adultos.

Vejamos a receita, por partes, a fim de facilitar a preparação:

1 — Cozinhe o arroz como costuma fazer. Esta receita (para 4 pessoas) requer uma xícara de arroz cru, cozido em 2 xícaras dágua, e temperado com uma colherinha de sal, sòmente. Não use alho, nem cebola, pois o tempêro será dado pela salada.

2 — Agora, misture meia xícara de maionese (temperada com uma pitadinha de sal e outra de pimenta) com uma xícara de presunto cozido, cortado em tirinhas finas, e outra xícara de queijo de Minas (não fresco) também cortado em tirinhas. Ponha ¼ de xícara de picles picadinhos, para completar.

3 — Misture tudo com o arroz bem quente, e mais uma xícara de «petit-pois» cozidos, também quentes. Enfeite com salsa, rodelas de tomates, e de pimentões verdes cozidos.

4 — Silva quente, imediatamente, ou, se preferir, ponha na geladeira e sirva gelado. De qualquer forma é um prato saborosíssimo!



SUGESTÃO PARA O LAR

● **Êste mòvelzinho foi desenhado especialmente para o máximo aproveitamento de espaço. Atende, pois, às necessidades de quem mora em apartamento de cidade. As portas venezianas provêm bastante ventilação interna, indispensável num guarda-comidas. Uma gaveta grande, para talheres ou guardanapos, está colocada por debaixo da bandeja, embutida e removível. Além disso, o tampo superior, revestido de fórmica, pode ser utilizado para qualquer finalidade. Não será difícil mandar executar êste móvel por um carpinteiro habilidoso. O modêlo foi recentemente apresentado por Baumritter, nos EE.UU. numa exposição de móveis práticos para o lar.**

às suas ordens...

bôas viagens pelo habitual "conforto aéreo" da "Nacional"!



Sim; o senhor, a sua familia, os seus amigos, a qualquer momento e em muitas cidades brasileiras poderão desfrutar da confortável e fácil maneira de viajar pelos aviões da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS.

Aos que viajam em férias, o vôo agradavel sôbre panoramas encantadores é o excelente início de uma temporada às repousantes estâncias balneárias do Estado de Minas Gerais ou às pitorescas cidade do Norte do País. Se a viagem tiver carater comercial, o passageiro pode então dispôr de horas de sobra para os seus negócios, tal a pontualidade dos aviões e a assiduidade das viagens da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS.

ESTADO DE MINAS GERAIS:
Alfenas
Almenara
Araçuaí
Araguari
Araxá
Belo Horizonte
Bocaiúva
Cambuquira
Companha
Caratinga
Caxambú
Diamantina
Governador Valadares
Guaxupé
Ituiutaba
Januária
Jequitinhonha
Lavras
Machado
Monte Carmelo
Montes Claros
Passos
Patos
Patrocínio
Pedra Azul
Pirapora
Piumhi
Poços de Caldas
Salinas
São Lourenço
Teofilo Otoni
Três Corações
Uberaba
Uberlândia
Varginha.

ESTADO DE MATO GROSSO:
Bela Vista
Cáceres
Campo Grande
Corumbá
Herculânea
Nortinópolis
Cuiabá
Dourados
Guiratinga
Ponta Porã
Poxoréu
Tres Lagôas

ESTADO DE GOIÁS:
Anapolis
Aragarças
Balisa
Buriti Alegre
Caiaponia
Goiania
Itumbiára
Ipamerí
Iporá
Jataí
Mineiros
Morrinhos
Pires do Rio
Rio Verde

ESTADO DA BAHIA:
Barra
Barreiras
Conquista
Ilhéus
Itabuna
Lapa
Remanso
Salvador
Xique Xique

ESTADO DE SÃO PAULO:
Barretos
Campinas
São Paulo

ESTADO DE PERNAMBUCO
Recife
Petrolina

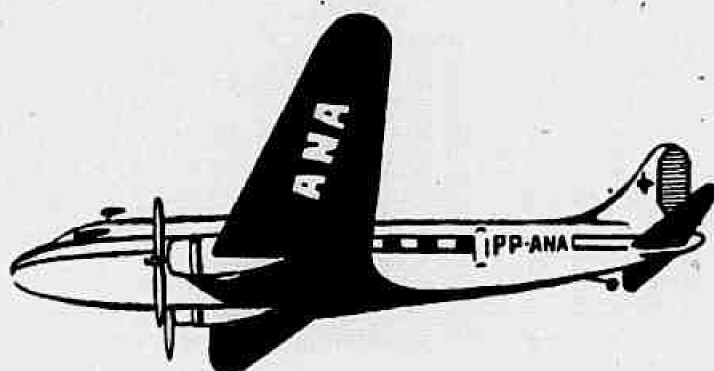
ESTADO DE ALAGÔAS:
Maceió

ESTADO DE SERGIPE:
Aracajú

ESTADO DO ESPIRITO SANTO
Vitória

LINHA INTERNACIONAL
PARAGUAY
Assunção

NACIONAL



TRANSPORTES AÉREOS

RIO DE JANEIRO
Rua Santa Luzia, 685 - B - Tel. 32-7399

VENTOS ESTRANHOS

BRUTUS PEDREIRA



Byron Janis

● Estranhos ventos sopram, em certos setores da crítica musical, nesta mui leal e maravilhosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Estranhos e maléficos, pois trazem em seu bôjo perniciosos germes. Um dos piores, entre êstes, é o desrespeito ao trabalho e ao valor alheios. Sempre houve, em tôda parte, críticos classificáveis nas diversas nuanças que vão do ótimo ao péssimo. Nunca vi, porém, titulares do juízo artístico que manifestem sua falta de idoneidade profissional com tamanha desfaçatez, ou envolvam suas tolices em tão acentuado ar de sublime «nonchalance», como os que assinam colunas sôbre música, em alguns órgãos da nossa imprensa. Quem os lê tem a impressão de que pretendem erigir a cretinice em dogma.

O fato de escrever em jornal não dá, nem nunca deu, a ninguém, cultura ou experiência, a não ser a experiência de escrever em jornal, a prática do batente. É de supor, entretanto, que, em sã consciência, os que não se julgam em condições de emitir, sôbre assuntos especializados, opinião alicerçada em base cultural ou experimental, se neguem a arcar com a responsabilidade de julgamentos públicos de causas que desconhecem, excetuados os casos em que a ignorância tem, por aliada, invulgar vaidade, consórcio menos raro do que se pensa, como é fácil verificar. Estas melancólicas divagações vieram-me à cachola depois de ler, num dos nossos matutinos mais abalizados e de maior circulação, a verrina que, a título de crítica, o signatário da coluna de música passou em Byron Janis, último pianista que nos visitou. Nunca vi pixação tão desabrida. Não sobrou nada. Mais que julgamento desinteressado, parecia ajuste de contas em velha e azêda diferença pessoal. No entanto, o concêrto dêsse notabilíssimo pianista americano confirmou, a meu ver, plenamente, as críticas encomiásticas obtidas por êle, em suas triunfais excursões, nos Estados Unidos. Discípulo de Horowitz, que o assiste, ainda hoje, nos intervalos de suas viagens, Byron Janis herdou do Mestre extraordinário que, pùblicamente, tanto se orgulha de tê-lo por aluno, a segurança e a pureza técnica que é um dos encantos não menores da sua execução. Mas essa técnica escorreita, fácil, sem falhas, põe-na Byron Janis a serviço dum talento interpretativo raro em pianistas de pouca idade. Verdade é que, aos 9 anos, dava concertos no Carnegie Hall de Pittsburg e, aos 22, foi considerado, pelo crítico do «New York Herald Tribune», pianista de primeiro plano, não só entre os jovens, mas também entre todos os contemporâneos. Portanto, não é de estranhar ter eu ficado de queixo caído, ao ler a pixação acima aludida, a qual, além de prova de rematada ignorância, parece fruto de falta de probidade profissional e de mau funcionamento do fígado. Contudo, julgo mais avisado procurar um médico, quem anda com a frescura em polvorosa, que derramar a bílis sôbre aquêles que nada fizeram para provocá-la. Exemplo edificante da leviandade de outro crítico, é o que, a seguir, textualmente, transcrevo: «O pior concêrto dêste ano, no Teatro Municipal: o do violinista Joseph Szigeti. «Record» de desafinação e outras barbaridades, em matéria de arte». O que o crítico parece ignorar é que, há longos anos, Szigeti vem sendo considerado, por crítica e público internacionais, um dos três maiores violinistas vivos (os outros dois são Kreisler e Heifetz) e, dos três, o maior intérprete. É razoável que, aos 62 anos, Szigeti não mais possua o vigor de 30 anos passados. De fato, a sua técnica de arco não tem a precisão nem o poder de outrora. Falhas, sempre as teve; mas não contavam, diante da profundeza de sua compreensão artística e da capacidade de exteriorizá-la. Antônio Rubinstein, em vida de Liszt e pelo próprio Liszt, tido como um dos maiores pianistas de todos os tempos, era useiro em falhas de técnica. No entanto, conforme disse, ao terminar um de seus famosos concertos, que atraíam multidões, com as notas que errara poderia dar outro. E, em lembrança dessa frase, compôs o 7º Concêrto, para piano e orquestra, conhecido como o Concêrto das Notas Erradas. Ninguém se lembrou de criticar Rubinstein, por sua execução inexata; o espírito que animava essa execução, por sua magnitude, relevava os deslizes técnicos. No mesmo caso, encontra-se Szigeti. A diferença está em que, hoje, há quem lhe atire pedras e não perceba o que êle nos dá, além de falhas de menor importância. E, quanto à desafinação, tem certeza, o exigente plumitivo, que é mesmo de Szigeti e não de seus próprios ouvidos? Assisti ao concêrto, em companhia de vários músicos, inclusive violinistas. Nenhum fêz referência a êsse ponto. Não existe lei que conteste o direito de livre manifestação da sandice. E isso é bom. A sandice e sombra, é relêvo que dá volume e perspectiva ao bom senso e ao juízo justo. Mas, não se poderia arranjar uma leizinha que suprimisse o abuso dêsse direito, como de tantos outros?

★

ESTA MARCADO para 1º de setembro próximo, o início da temporada do Teatro Brasileiro de Comédia de São Paulo, no nosso Ginástico. A estada da companhia, no Rio, se prolongará até 30 de novembro. Duas peças de Pirandello marcam o início e o fim da mostra que o T.B.C. vai dar-nos: «Assim é (se lhe parece)», na estréia, e «Seis Personagens em Busca de Autor», para fecho. É provável que, nesta última, Luís Linhares substitua Sérgio Cardoso, no papel do Pai, pois Sérgio prontificou-se a vir, mas sòmente em dezembro, quando a temporada no Leopoldo Fróis não exige mais sua presença em São Paulo. Visto o T.B.C. terminar suas atividades no Rio em novembro, tudo leva a crer que Linhares terá mais uma ótima oportunidade em sua ascendente carreira. E merece-a.

CARLOS DRUMMOND de Andrade, Santa Rosa, Bibi Ferreira, Simeão Leal e Claude Vincent fazem parte do júri que deverá escolher a melhor peça teatral, original e inédita, de autor brasileiro, no concurso instituído pela Rádio Jornal do Brasil. As bases do concurso serão oportunamente divulgadas.

O PROFESSOR Otávio Rangel acaba de publicar «Escola Teatral de Ensaiadores», livro sôbre o qual conversaremos, brevemente.



Cacilda Becker e Paulo Autran, em «Antígona», de Anouilh, peça programada pelo T. C. B., na sua temporada do Ginástico.



SALTO GRANDE: O funcionamento da poderosa usina é o binômio de Kubitschek (Energia e Transporte) em plena execução.

AO meio-dia em ponto, no dia 21 último, o governador Juscelino Kubitschek acionava o pequeno botão e uma violenta explosão se fazia sentir, se multiplicando através o cenário montanhoso de tôda a região, a 150 quilômetros de Belo Horizonte. Uma nuvem de poeira, espessa e impenetrável, fechou a bôca principal do túnel até então incompleto; e uma hora após, quando o nevoeiro se desfêz, o governador mineiro e sua comitiva alcançavam, em pequenos vagonetes, o outro lado do túnel de 4.600 metros de comprimento — o mais extenso de todo o continente sul-americano. Estava, assim, concretizada a ligação entre os rios Santo Antônio e Guanhães com o avançamento final do enorme túnel adutor da Usina de Salto Grande. Tal acontecimento, de tão alta importância para o futuro de Minas, e que, sem dúvida, marca definitivamente o ingresso do Estado numa fase de industrialismo avançado, foi assistido por deputados, jornalistas e por quase todo o govêrno mineiro; e no dia seguinte era saudado pela imprensa de Belo Horizonte como «o acontecimento mais importante da execução do plano de energia elétrica que o atual govêrno mineiro está levando a efeito».

MINAS ESPERA AS INDÚSTRIAS

O túnel hidro-elétrico que liga os rios Santo Antônio e Guanhães é, como dissemos, no gênero, o maior da América do Sul. Escavado na rocha, sua profundidade chega, em alguns pontos, até 200 metros terra a dentro. Levou dois anos para ser perfurado e completo, sendo o seu volume de escavação de 192.000 metros cúbicos, e na sua perfuração foram empregados cêrca de 3.000 operários, mestres e engenheiros que alcançaram uma média de 7 metros de avançamento por dia. Construída a última fase da Usina de Salto Grande, o túnel caldeará para as turbinas uma carga dágua que poder[á] produzir 140 mil cavalos de fôrça, aumentand[o] consideràvelmente o quociente de energia d[o] Estado. O plano Kubitschek de eletrificação em massa, pretende exatamente (e o conseguir[á] no prazo de mais dois anos) multiplicar a po- tencialidade atual, de 200 mil HP, para a d[e] 600 mil HP, num conjunto de 5 grandes usinas distribuídas pelo Estado. Nesse conjunto, a Usi- na de Salto Grande abastecerá de energi[a] enorme área do Estado, resultando òbviament[e] na criação de indústrias que provocará instan- tâneamente (já que várias fábricas já se e[n]

A Usina de Salto Grande vai dar trabalho a 150.00(

KUBITSCHEK MUDA A FISIONOMIA DE MINAS

NO DIA 22 ÚLTIMO, COM A INAUGURAÇÃO DA PRIMEIRA FASE DA CONSTRUÇÃO DA PODEROSA USINA, MINAS GERAIS VIVEU O INSTANTE DECISIVO DE SUA TRANSFORMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL ★ UM TÚNEL DE QUASE CINCO QUILÔMETROS, CAVADO NA ROCHA ★ DENTRO DE DEZ MESES, O TÉRMINO DAS OBRAS.

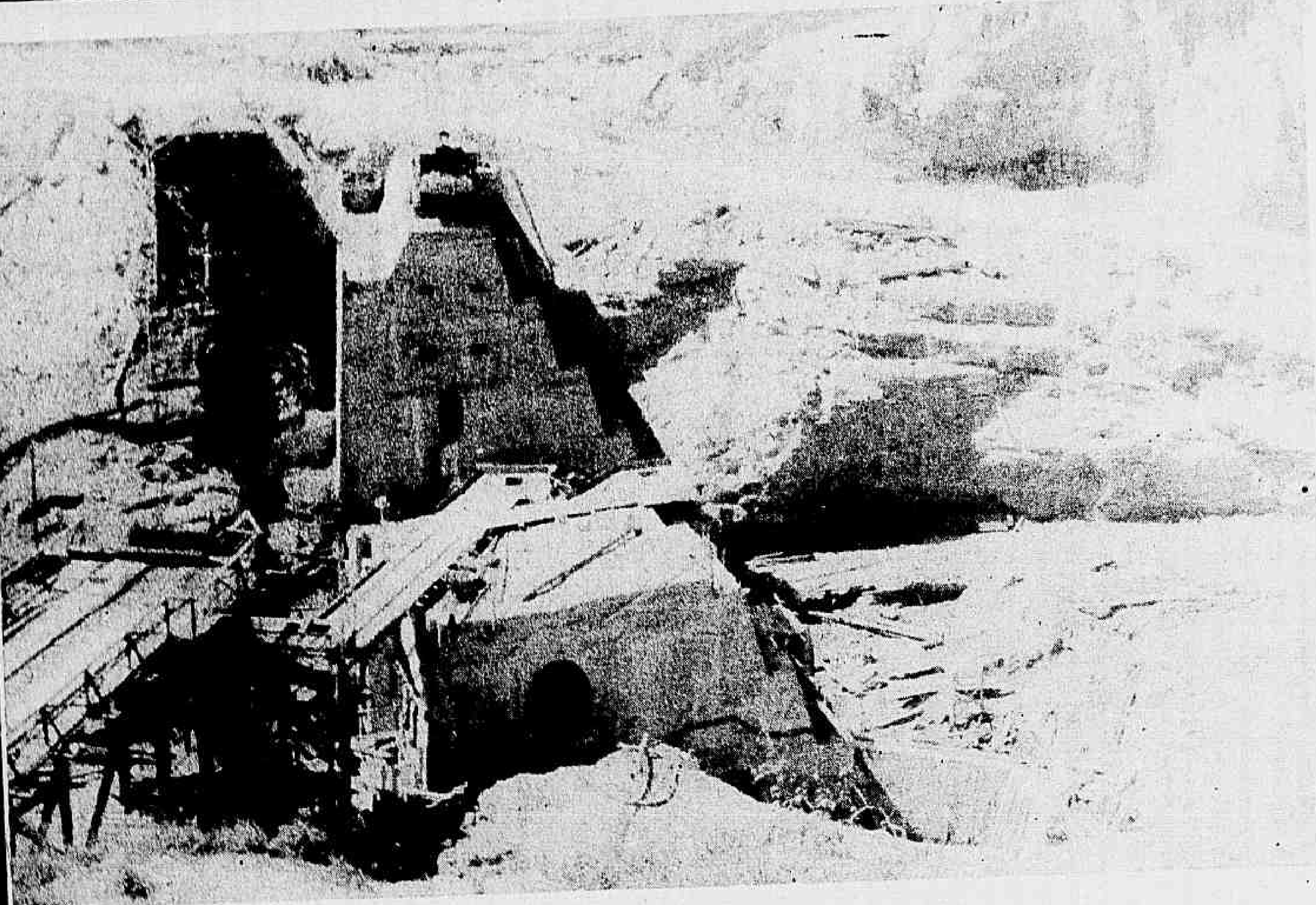
Reportagem de **AFONSO SIMÕES**



pregados
enheiros
etros de
ima fase
eará pa
e poder
mentand
ergia d
cação en
nseguir
car a p
ara a d
es usina
to, a Usi
e energi
oviament
rá instar
já se er

00(operários

O maior túnel adutor do continente: 4.600 metros de extensã[o] l[...]





Prepo da Usina de Salto Grande (emprêsa mista de govêrno e particulares: 1 bilião de cruzeiros. Quando concluída, a usina abastecerá enorme área de Minas. Salto Grande está a 150 quilômetros de B. Horizonte. Vê-se no flagrante o engenheiro Lucas Lopes, que superintende a construção das obras.

contram lá localizadas ou em fase de localização) o emprêgo para mais 150.000 operários, ou seja número igual aos já existentes na região.

A Usina de Salto Grande custará à CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais), emprêsa mista do govêrno estadual e de particulares, um total de um bilião de cruzeiros. Além dessa, constroem-se atualmente em Minas mais 4 usinas, de características menores, cujo custo se elevará a 1 bilhão e 500 milhões de cruzeiros. E' determinação do engenheiro Lucas Lopes, construtor de Salto Grande, pôr a Usina em funcionamento nos primeiros dias de janeiro de 1955.

RETRATO DE SALTO GRANDE

Depois de um programa intensivo de sondagens geológicas, em que foram feitos 270 furos num total de quase 8.000 metros de perfurações, acompanhados de exames de permeabilidades de terrenos, de perdas por infiltrações, etc., econômico e construtivo, diversas variantes, o projeto definitivo ficou assim fixado. (Figs. 1 e 2):

A) Uma barragem vertedora, de desvio, no rio Santo Antônio, tipo gravidade, provida de comportas de crista, situada acêrca de 6 km. acima da sua confluência com o rio Guanhães (Fig. 3).

B) Uma tomada d'água junto a essa barragem, por onde as águas do rio Santo Antônio terão acesso a um túnel de cêrca de 3.300m de extensão e seção variável (ver. Fig. 6 — Seções típicas) até o rio Guanhães; êsse túnel tem um primeiro trecho de 2.200 m em cota elevada, que trabalhará como canal, seguido de um trecho de 1.100m de seção ferradura, diâmetro 5,35m, revestido, que trabalhará sob pressão.

Desemboca êsse túnel no rio Guanhães, por meio de uma estrutura provida de comporta, destinada a permitir o seu fechamento eventual para inspeção (Fig. 4A).

C) Uma barragem vertedora no rio Guanhães, tipo gravidade, medindo aproximadamente 38m de altura máxima sôbre as fundações e 250m de comprimento no coroamento, provida de comportas de setor na crista (Fig 5).

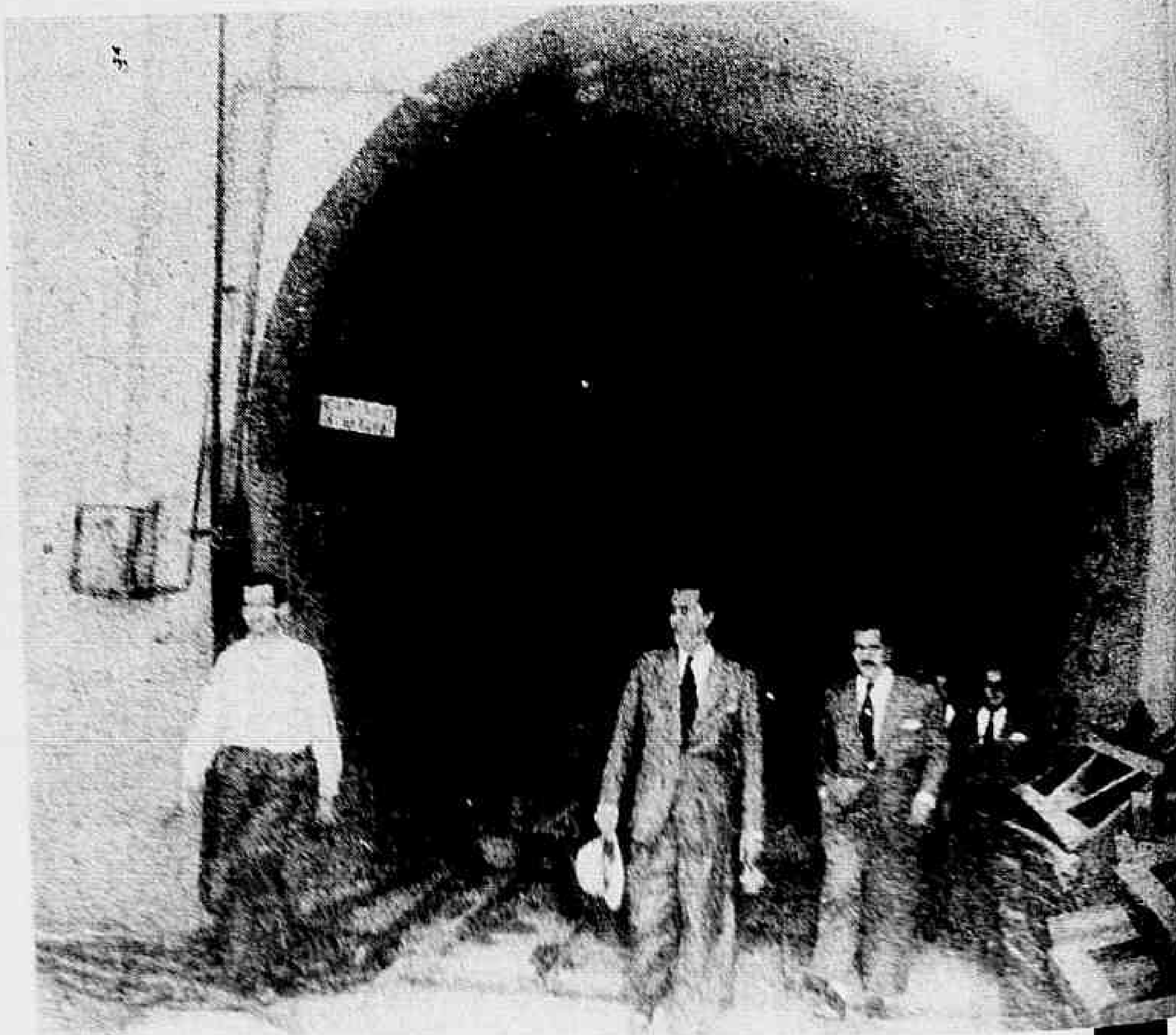
D) Uma tomada d'água na margem esquerda do rio Guanhães, um pouco acima do local da barragem, (Fig. 4B) dando acesso a um túnel principal, de cêrca de 4.400m de comprimento e 6.53m de diâmetro, seção circular, revestido (Fig. 6).

E) Uma chaminé de equilíbrio tipo orifício estrangulado, com 14,5m de diâmetro e 60m de altura, provida de uma câmara de expansão, lateral, próxima à base (Fig. 6).

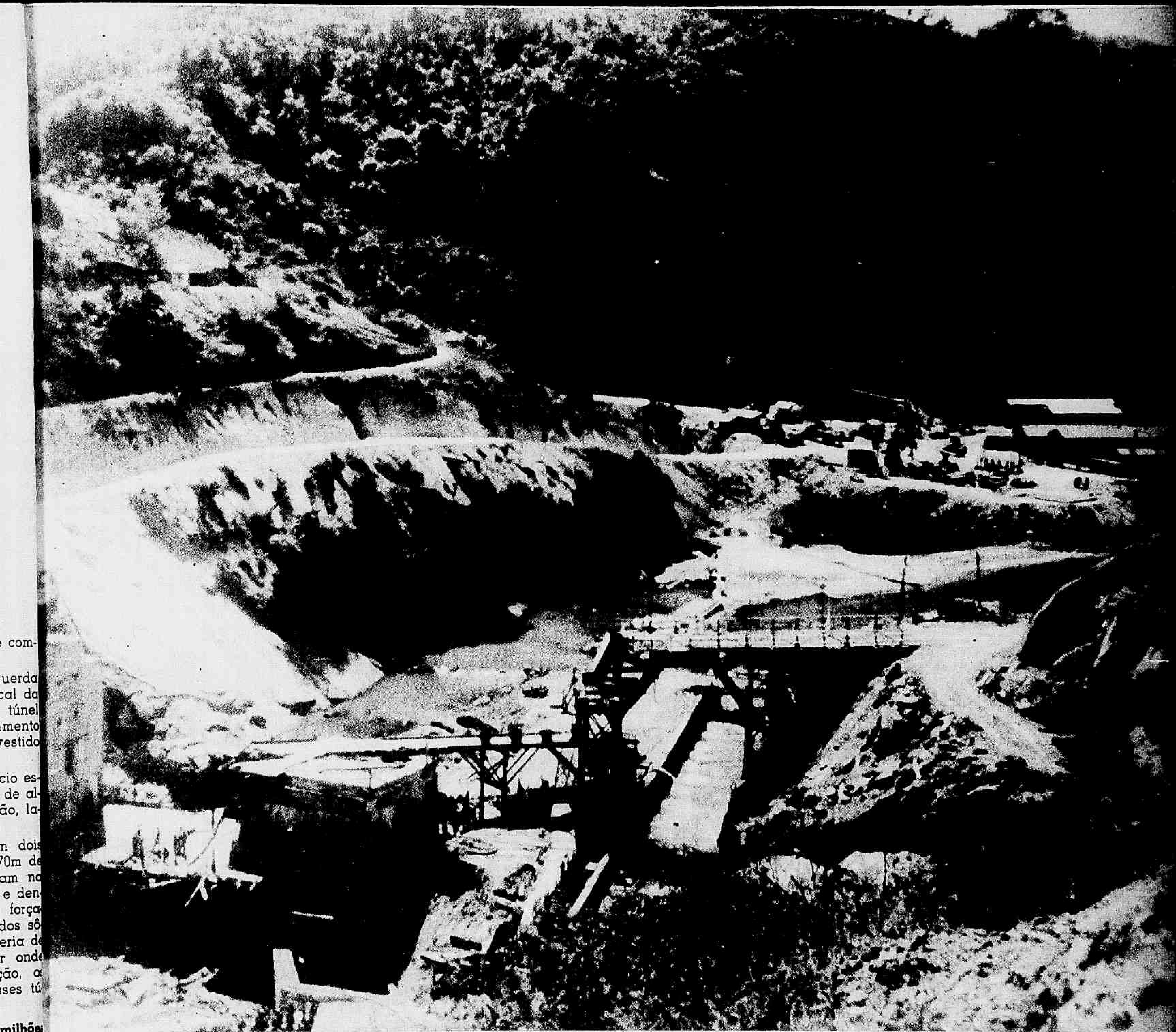
F) Da chaminé de equilíbrio, derivam dois túneis, (Fig. 6) de seção ferradura de 5,70m de altura por 5,20 de base, que se bifurcam na parte inferior, próximo à Casa de Fôrça, e dentro dos quais serão instalados os tubos forçados de aço, de 4,0m de diâmetro, apoiados sôbre berços de concreto. Haverá uma galeria de acesso permanente a êsses túneis, por onde serão introduzidos, durante a construção, os tubos a serem montados. Cada um dêsses tú[neis]

Além de Salto Grande, constroem-se atualmente em Minas mais 4 usinas, de características menores, cujo custo se elevará a 1 bilião e 500 milhões de cruzeiros. Salto Grande deverá estar em pleno funcionamento no máximo até janeiro de 1955.





...ão levando água às turbinas que geram 140 mil cavalos de fôrça



Minas possuía, quando Kubitschek chegou ao govêrno, 200 mil HP. Em 1955, com o funcionamento das usinas em construção, aquêle coeficiente será aumentado para 600 mil HP, fôrça suficiente para acelerar poderosamente a industrialização mineira.

neis tem, à sua entrada, junto à chaminé de equilíbrio, uma comporta retangular, tipo de roletes (caterpillar), que poderá ser comandada da Casa de Fôrça, para fechamento de emergência.

G) Os túneis com os tubos forçados vão ter diretamente à Casa de Fôrça, que está agora localizada cêrca de 600m a jusante do local original, junto à margem do rio, não havendo, portanto, canal de fuga a escavar.

O reservatório criado pela barragem do Guanhães terá um volume bruto de 78,0 milhões de metros cúbicos, dos quais serão utilizados 58 milhões numa depleção de 13 metros. Êsse volume útil armazenado equivale a uma produção de cêrca de 13 milhões de kWh.

Pela complexidade do projeto, pela sua localização, em região até recentemente não atingida por rodovias e de poucos recursos econômicos e humanos, Salto Grande é de tôdas as obras da CEMIG a mais difícil e uma das mais árduas atualmente em execução no Brasil.

Quatro firmas principais foram utilizadas até agora nesse empreendimento, sendo três para construção das obras civis, a Alcasan Construtora, Custódio Braga Filho e Noreno do Brasil S.A., e uma para o projeto e montagem, a Cia. Técnica Internacional Technit, além da própria CEMIG, que, afora a tarefa de fiscalizar e coordenar tôdas elas, assumiu os encargos da execução direta de uma das estradas de acesso, da construção e operação das instalações para suprimento e distribuição de energia na obra, da execução dos vultosos trabalhos de campo necessários à elaboração do projeto, além da tarefa de efetuar as compras e a importação dos equipamentos de construção, cimento e vários outros materiais nessa fase difícil de restrições cambiais e de importações.

EQUIPAMENTO DE CONSTRUÇÃO

A complexidade do projeto, a dispersão da obra sobre uma área extensa e o prazo relativamente curto para a execução dos trabalhos, tornando necessário atacá-los simultâneamente em grande número de pontos, exigem grande quantidade e diversidade de maquinário, com multiplicidade de estações de britagem, ar comprimido, etc.

Êsse equipamento abrange 11 frentes de túnel, a chaminé de equilíbrio, duas barragens e a casa de fôrça, fora estradas, serviços de edificações, oficinas, garages, etc. A dispersão dos serviços cria também um problema difícil de transportes internos, os quais ocupam número apreciável de veículos. Para se ter uma idéia da diversidade e quantidade de equipamento dessa obra, basta saber que a ela emprega no momento 17 locomotivas, 22 compressores, sendo 12 de mais de 350 PCM, 12 carregadeiras de túnel, sendo 3 Conway tipo 75, 5 escavadeiras, 2 guindastes móveis, 5 instalações de britagem, sendo uma de 50 TPH, 57 caminhões e 37 veículos leves.

Em São Paulo, no Rio, em Minas, em Pernambuco, na Bahia, no Rio Grande do Sul ou em qualquer outro ponto do Brasil, a qualquer hora, ouvindo rádio, ouça sempre os melhores programas com os grandes cartazes da

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ONDAS MÉDIAS
1.000 kcs. 300 mts.

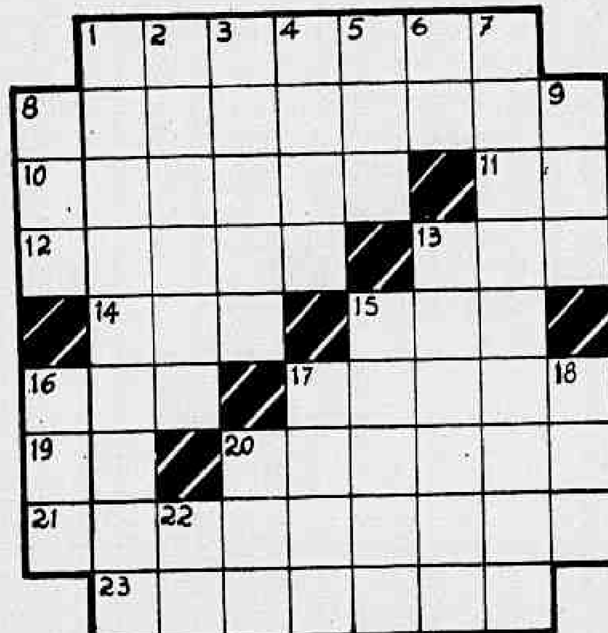
ONDAS CURTAS
19 - 25 - 31 e 49 mts.

Uma das
EMISSORAS
UNIDAS

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 27

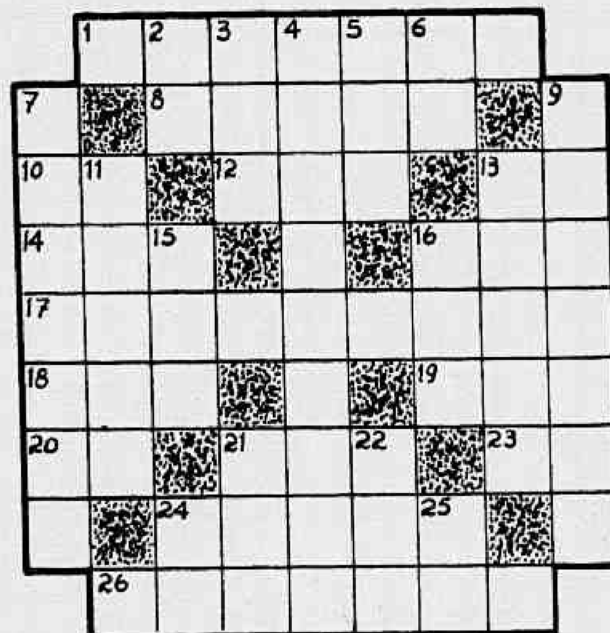
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Falta — 8. Humilde — 10. Penugens — 11. Substrato instintivo da psiquê — 12. Instrumento músico de cordas, em uso na Índia — 13. Divisão administrativa da Dinamarca — 14. Dizer (arc.) — 15. Indígena da tribo que habitava a região situada entre os rios Paranapanema e Peixe — 16. Claridade — 17. (Walter), patriota que com Guilherme Tell contribuiu para estabelecer a liberdade na Suiça — 19. Então — 20. Gergelim — 21. Cavalo pequeno, feio, ordinário (pl.) — 23. Fronteiras.

VERTICAIS: — 1. Vidro dos vulcões — 2. Iludia — 3. Delinear; fantasiar — 4. Fechar as asas para descer mais depressa — 5. Igreja episcopal (pl.) — 6. Prefixo designativo de negação — 7. Tendência para achar tudo bem, especialmente em política (pl.) — 8. Contração arcaica da preposição a com o artigo masc. plural — 9. Cidade da Alemanha, na Renânia — 13. Chega-se à terra — 15. Tentei — 16. 23º caráter da escritura sânscrita — 17. Constelação austral — 18. Porcos — 20. Palavra persa que significa cabeça e entra na formação de nomes geográficos — 22. Doutor.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Deitado na cama — 8. Ácido — 10. Preposição — 12. Reza — 13. Único — 14. A casa — 16. Ligue — 17. Fazer contrair hábito, costume — 18. Sorrir — 19. Nome de homem — 20. Contração — 21. Lavra — 23. Antes de Cristo — 24. Combinar, fazer aliança — 26. Adivinhos.

VERTICAIS: — 2. Aqui — 3. Ensejo, pretexto — 4. Que merece prêmio ou louvor — 5. Nome de mulher — 6. Nota musical — 7. Sujaram com mel — 9. O nosso Continente — 11. Suave, liso — 13. O mesmo que outara — 15. Grande porção — 16. Quer bem — 21. Naquele lugar — 22. Certa planta da Índia — 24. Brisa — 25. 17ª letra do alfabeto grego.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 26

PARA VETERANOS

Horizontais: — **mia** — **sio** — **lapso** — **Ma** — **lua** — **Ba** — **realgar** — **err** — **III** — **adianto** — **os** — **fia** — **la** — **ferro** — **mãe** — **Ris.**

Verticais: — **mim** — **al** — **só** — **ora** — **alarife** — **pul** — **saginar** — **áreas** — **briol** — **erd** — **ait** — **Air** — **ohm** — **ais** — **fé** — **or.**

PARA NOVATOS

Horizontais: **cama** — **amar** — **América** — **li** — **aramar** — **Ana** — **atita** — **cia** — **aca** — **limbo** — **Ada** — **utaram** — **or** — **fariseu** — **aral** — **sela.**

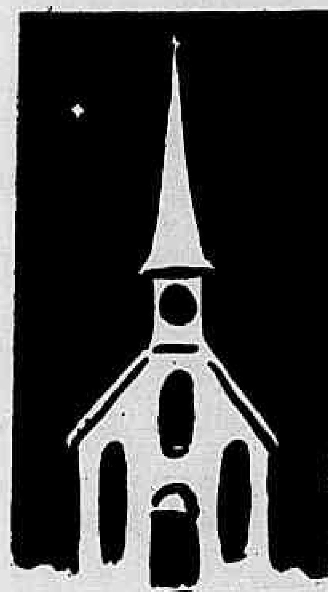
Verticais: **cala** — **má** — **ama** — **aratá** — **mímica** — **acatado** — **rara** — **era** — **incitar** — **aimará** — **abril** — **lufa** — **oas** — **arma** — **mês** — **ué.**

HISTÓRIA DA IGREJA

OTTO SCHNEIDER

● De um grupo inicial de cêrca de 120 adeptos de Cristo formou-se a Igreja Católica que hoje conta mais de 300 milhões de membros, incluindo em seu seio tôdas as raças conhecidas, tôdas as nacionalidades e tôdas as classes sociais. Como se desenvolveu internamente essa associação, até que ponto sofreu transformações, como se expandiu, e como se amoldou à marcha do tempo, da ciência, da política e da cultura?

Ao historiador cabe responder. Mas, para descrever, mesmo de forma resumidíssima, dois mil anos de complexa atividade humana, que viram nascer e desaparecer reinos e impérios e dezenas de gerações, seriam precisos vários volumes, ou então o historiador teria que cingir-se a um vasto quadro cronológico. Não obstante, um escritor inglês deu-se a um trabalho de condensação, apresentando-nos num volume de 336 páginas uma «História da Igreja Católica» (A Popular History of Catholic Church) cuja tradução acaba de ser lançada pela Editôra Nacional (preço 60 cruzeiros). Seu autor, Philip Hughes, é figura exponencial do catolicismo inglês. Traçou um painel objetivo, altamente humano, sem qualquer caráter polêmico ou proselitista, numa linguagem de côres vivas.



Dado o critério objetivo do autor, não hesito em recomendar a leitura do livro indistintamente a católicos e não-católicos. Penso mesmo que êsse resumo de 300 e poucas páginas representa o mínimo indispensável que uma pessoa de ao menos mediana cultura deve saber sôbre êsse organismo que tão profunda influência vem exercendo, há dois mil anos, sôbre o pensamento ocidental e os mais diversos setores sociais, culturais e religiosos. De particular interêsse são os capítulos sôbre a idade média, sôbre a Reforma (Lutero, Calvino etc.) e, principalmente, sôbre o cenário contemporâneo, de 1878 a 1946. Perto de 20 páginas de quadros cronológicos, no fim do volume, oferecem um amplo panorama histórico, político e religioso. — Em resumo: um bom livro!

EM POUCAS PALAVRAS

● «Apenas o Verde Silêncio», de Antônio Damião, foi a única obra premiada no concurso literário «Prêmio Cidade de Pôrto Alegre». Editôra Globo.

● Josué Montelo (23 livros publicados) confirma sua candidatura à Academia. Já recebeu dela três prêmios: romance, teatro e ensaio.

● Após anos de expectativa saiu finalmente «Cartas à Noiva», romance de Rosário Fusco. Edição da Organização Simões.

● Igor Gouzenko, nas pegadas de Kravchenko, continua enchendo... enchendo... enchendo... Sua última proeza é um livro: «The Fall of a Titan».

● Para os apreciadores do gênero policial, três «thrillers» na coleção amarela da Edição Globo: «A Porta das Sete Chaves», por Edgar Wallace, «A Sombra Chinesa», por Georges Simenon, e «Os Fantasmas do Chapeleiro», pelo mesmo autor.

● «Gente Alegre», divertidíssima brincadeira para crianças de 5 a 75 anos. São figuras, recortadas em 3 partes, de Walter Trier. Edições Melhoramentos.

● José Olímpio acaba de publicar o 9º volume das obras completas de Agrippino Grieco: «Amigos e Inimigos do Brasil».

● «Capítulos Inéditos da História do Brasil», por Joaquim Ribeiro, mais um belo volume da coleção Rex, da Organização Simões.

● «O ABC dos Animais», ilustrações em policromia de Liese Modern. Excelente para o ensino das primeiras letras. Edições Melhoramentos.

● Estará nas livrarias por êsses dias a novela, há muito esperada, de Érico Veríssimo: «Noite». Edição Globo.......

● Outra surprêsa para êste mês: as «Miniaturas de Machado de Assis», por Otávio Mangabeira. Editôra Nacional. As «viúvas» de Machado não vão gostar.

● «Marajás, Beduínos e Faraós» — 45 dias viajando pela Índia, Paquistão, Líbano, Terra Santa e Egito — por Carmen Annes Dias Prudente. Edição José Olímpio.

JOSÉ VERÍSSIMO



★ Quase simultâneamente reeditá José Olímpio duas «Histórias da Literatura Brasileira», uma de Silvio Romero, em 5 volumes, e outra de José Veríssimo, num só volume de 360 páginas. O primeiro era historiador, pròpriamente, o segundo era crítico. Esgotada há muitos anos, a obra de José Veríssimo é, a bem dizer, desconhecida à nova geração. Mas justamente por ser, no fundo, mais de crítica do que de história, sua leitura não pode ser por demais encarecida, e ela se torna duplamente interessante nesta distância de 40 anos. A «História da Literatura Brasileira», de José Veríssimo, parte de Bento Teixeira (1601) e alcança Machado de Assis (1908).

IMPORTAÇÃO DE LIVROS

★ A Câmara Brasileira do Livro, em São Paulo, encaminhou à Fiscalização Bancária, do Banco do Brasil, no último semestre, pedidos de 74 firmas associadas num total de 80 milhões de cruzeiros, ou sejam mais de 13 milhões mensais, solicitando câmbio para importação de livros estrangeiros. O dólar, para esta mercadoria, é calculado na base de 26 cruzeiros.

Os importadores paulistas recebem livros de 27 países. É curiosa, e surpreendente, a proporção relativa à procedência dêsses livros. Os EE. UU. colocam-se em 1º lugar, com 20% do total, seguidos de perto pelo Japão, com 19,5%. Só em 3º lugar vem a França, com 13,5%, em 4º Portugal, com 11,2%, e em 5º a Alemanha, com 8,1%. A Espanha e a Inglaterra representam-se com apenas 5%. A maior surprêsa na estatística é o baixo índice de importação da Itália: sòmente 3,1% do total! Êsses dados referem-se ùnicamente a livros, com exclusão de revistas.

PRÊMIOS DO IPASE: Cr$ 30.000,00

O presidente do IPASE, sr. Abilon de Sousa Naves, acaba de criar dois prêmios de Cr$ 15.000,00 cada um, para o melhor poema e o melhor conto que se apresentarem num concurso literário organizado pela revista «IPASE». Podem concorrer todos os funcionários públicos federais, do Rio ou dos Estados. A quantia de Cr$ 15.000,00 para um conto ou um poema é a mais alta láurea em dinheirò já conferida, no Brasil, a um trabalho literário.

«O DIABO», DE PAPINI



● Poucos livros provocaram tamanha celeuma ùltimamente como «O Diabo» (apontamentos para uma futura diabologia), de Giovanni Papini, tanto assim que a Igreja resolveu incluir a obra no «Index Librorum Prohibitorum». A tradução portuguêsa (feita em Lisboa) está sendo distribuída no Brasil pela Editôra Globo. Papini dedicou seu livro «a todos os amigos que não sejam secretamente um pouco inimigos, e a todos os inimigos que poderiam vir a ser, porventura amanhã, novos amigos». E depois de afirmar que se pode entrar no reino de Deus ainda mesmo pelo negro portal do pecado, Papini faz suas as corajosas palavras de Graham Green: — «Onde Deus está mais presente, lá também se encontra o seu inimigo; e, ao invés, no lugar de onde o inimigo está ausente, desesperamos por vêzes de encontrar Deus. Seríamos tentados a crer que o Mal não é senão a sombra projetada do Bem, na sua perfeição, e que nós conseguiremos um dia compreender a própria sombra».

A VIDA NUM FLAGRANTE

A revista «LIFE» acaba de organizar em Milão uma exposição das suas melhores fotografias e que foram publicadas na revista durante os 10 últimos anos. Nesse retrospecto evocativo, feito através da imagem, escolhemos algumas fotos que demonstram a habilidade, o humanismo, o pitoresco e a capacidade da equipe fotográfica daquela revista (uma das melhores do mundo), cujas objetivas fixaram «um instante» da vida que corre. Instantes êsses muitas vêzes inesquecíveis.

Expostas em Milão as melhores fotografias da revista "Life"



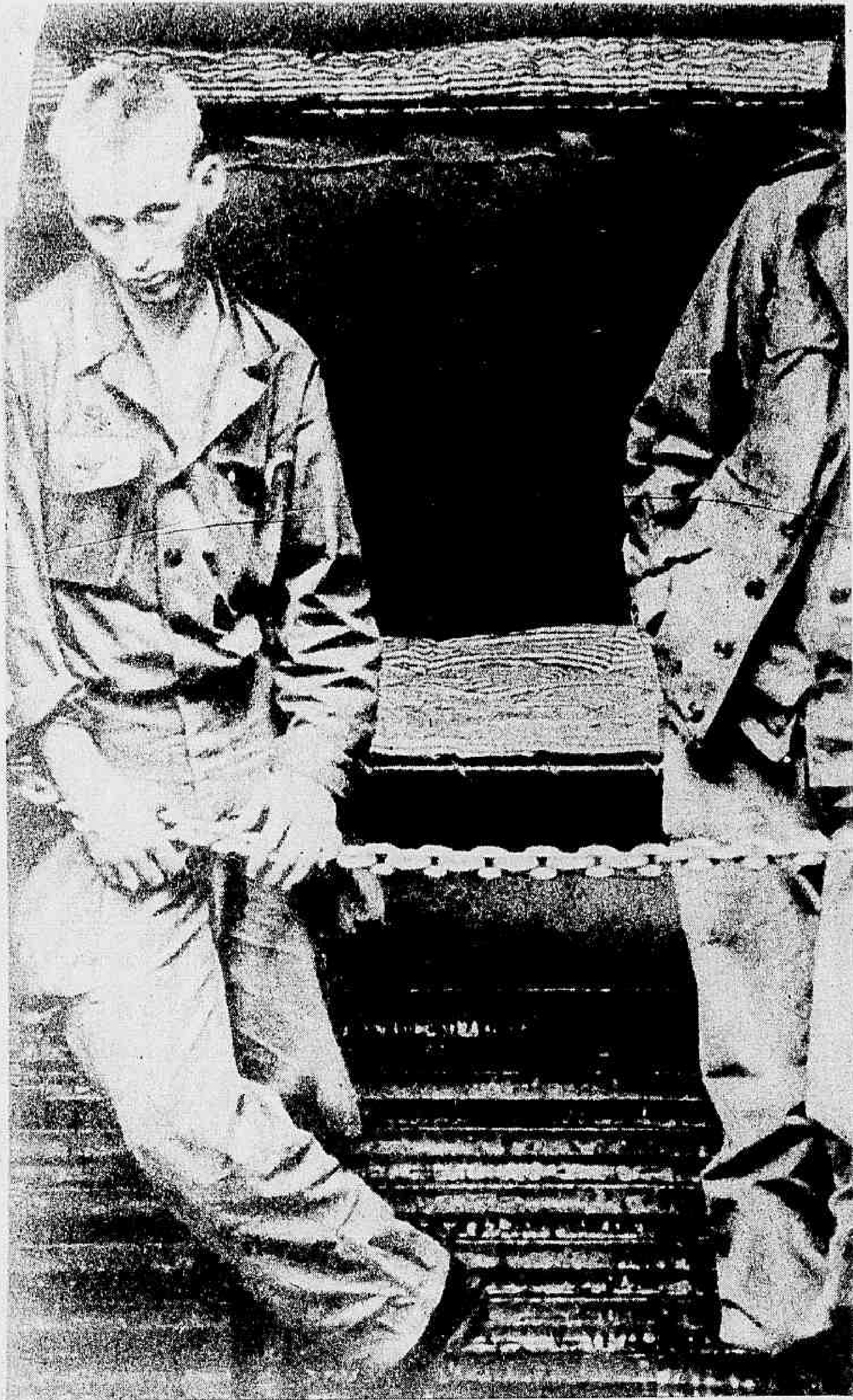
VILA ESPANHOLA — Em 1951, W. Eugene Smith fêz para "Life" uma magnífica reportagem sôbre a Espanha moderna.



FUNERAL DE GANDHI — Excelente flagrante de Cartier Bresson (na Índia), vendo-se em primeiro plano o Pandit Nehru, hoje Primeiro Ministro.



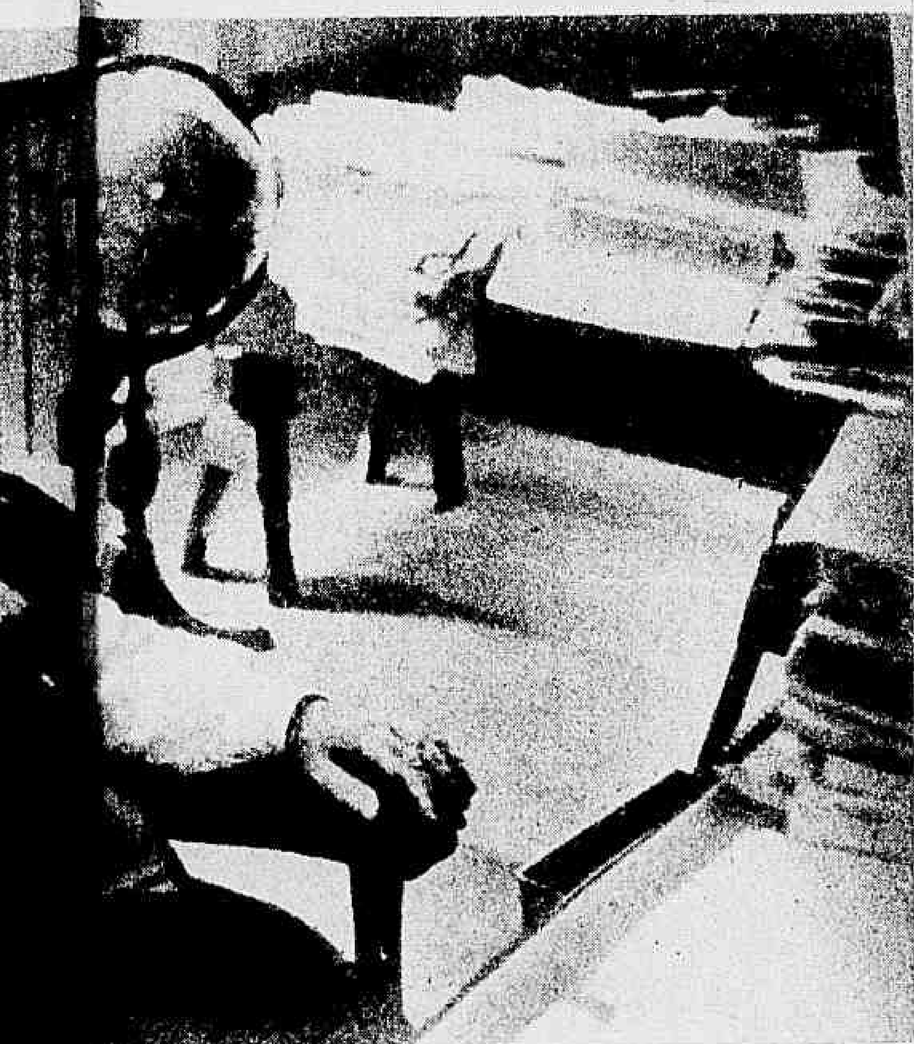
LA GUARDIA — Instantâneo do famoso prefeito da cidade de Nova



NOSTALGIA — Foto de George Silk, descrevendo com a câmara a tristeza de um recruta que parte para o "front".



DRAMA — Contraste de luz-e-sombra captado por Carl Mydans, numa trágica cena de salvamento de um ferido.



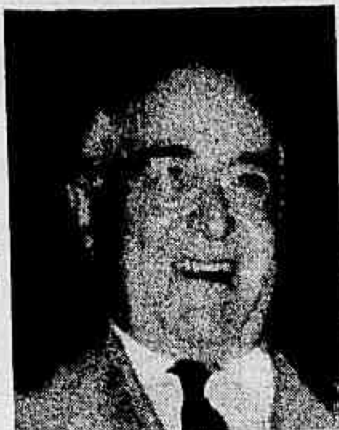
York em seu escritório, numa rara fotografia de Howard Sochurek.



O «GANGSTER» SE DEFENDE — Eisenstaedt, fotógrafo famosíssimo, surpreendeu Frank Costelo (1949) quando enfrentava o júri em Washington.

FLASH CARIOCA

PAULO ANDRADE LIMA


GETÚLIO VARGAS


MOREIRA SALES


NEVES DA FONTOURA

● ESCOLHA — Perguntaram a Getúlio (a história foi ouvida no «Juca's Bar») qual o candidato ao govêrno da Bahia que teria o seu apoio: Balbino, Calmon, Novais ou Vieira de Melo? Resposta do Presidente: «O que tiver mais chance...»

● DIA 12 — Uma verdadeira caravana de notabilidades seguirá no dia 12 próximo para Minas, a convite do governador Kubitschek, com o objetivo de inaugurar a primeira seção das usinas Mas-memann. Ministros que irão com certeza: Tancredo Neves, Nero Moura, Osvaldo Aranha, José Américo e Apolônio Sales. Getúlio também.

● UM MILHÃO — O embaixador Moreira Sales, que continua no seu esquivo e voluntário exílio em São Paulo, acaba de doar um milhão de cruzeiros ao PSD de Minas. Detalhe interessante: o embaixador não é candidato a qualquer cargo eletivo.

● VITÓRIA — Íris Meimberg, presidente da Confederação Rural Brasileira, acaba de lavrar um tento, com a ida de Aranha ao organismo máximo dos homens do campo. Aranha foi, demorou-se mais de quatro horas entre os ruralistas e deu, de forma ampla e cabal, tôdas as informações que lhe foram pedidas. O engraçado é que na Confederação do Comércio alguém da Diretoria previra na véspera: «O Aranha não irá, porque o agricultor no Brasil não tem mais qualquer prestígio».

● CANDIDATA — O PTB baiano acaba de oferecer à senhorita Marta Rocha, a segunda colocada no recente concurso internacional de beleza, um lugar na sua chapa de deputados estaduais.

● REINCIDENTE — Deverá ser pôsto à venda no próximo mês o novo livro do sr. João Neves da Fontoura, no qual o ex-chanceler dá conta de sua passagem pelo Ministério do Exterior. O livro é, todo êle, (afirmam os que já o leram) um segundo «Acuso!», talvez mais violento ainda, em relação a Vargas, do que o primeiro.

● CONSELHEIRO — Definitivamente assentada a nomeação (pelo Presidente da República) do senador Ferreira de Souza (cujo mandato está prestes a expirar) para uma das duas vagas do Conselho Nacional de Economia. O candidato a outra vaga é o sr. Andrade Ramos, mas parece que sem possibilidade de sucesso.



ESPANHA — Um retrato da espanha de 1951, feito pelo famosíssimo correspondente de guerra W. Eugene Smith.

★

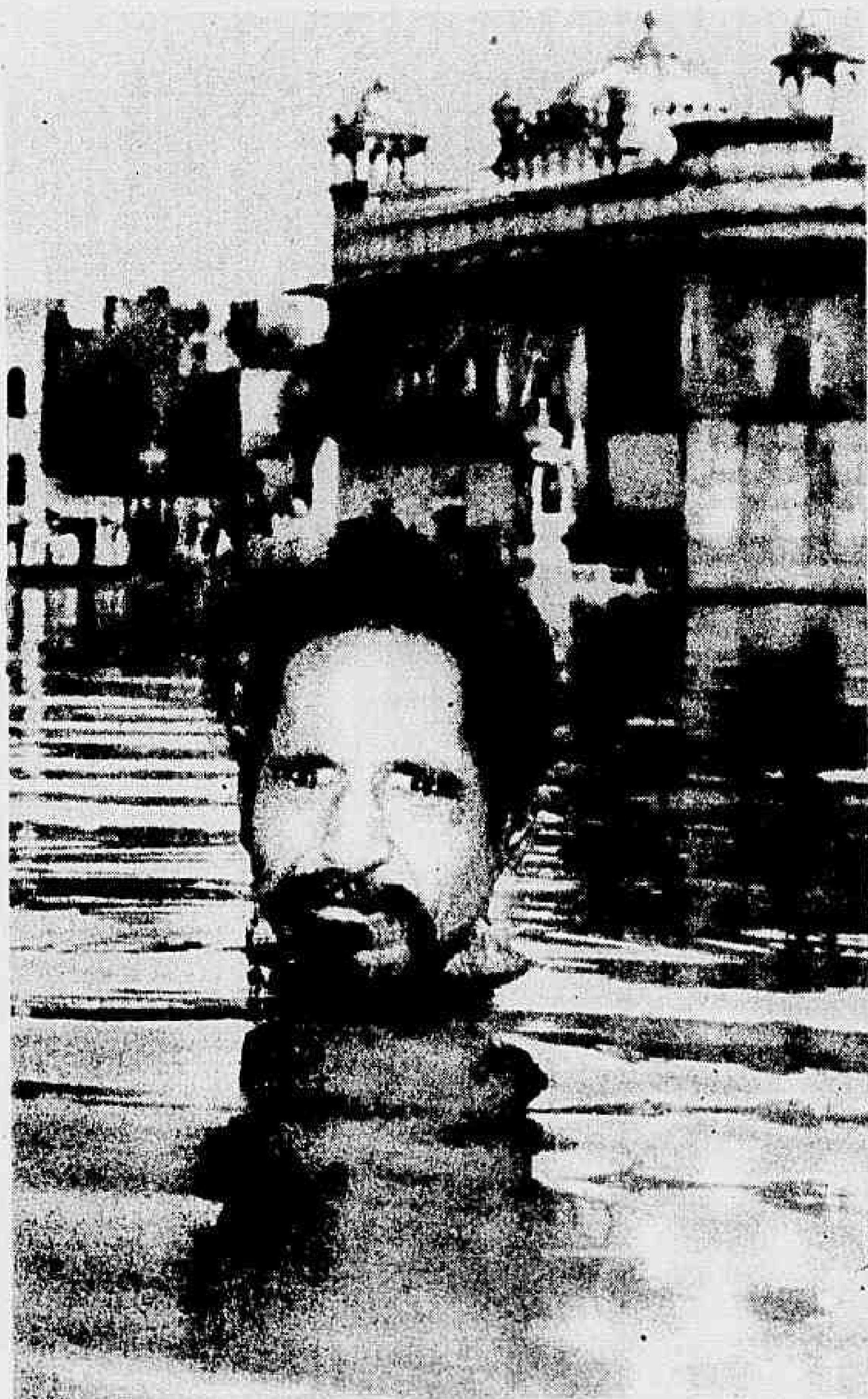


OPPENHEIMER — O grande físico ao lado de sua fórmula de desintegração nuclear, numa fotografia de Eisenstaedt.

A VIDA NUM FLAGRANTE (conclusão)



FUMO — Belíssimo e curioso efeito obtido por Howard Sochurek, ao fotografar o campeão de anéis de fumo.



BANHO PURIFICADOR — Bourke White fixa, com raríssima felicidade, êsse flagrante no rio Ganges (Índia).

FLASH PAULISTA

HÉLIO ABREU



JANIO QUADROS



RICARDO JAFFET



CORDEIRO DE FARIAS

● JÂNIO RECEBE CASTILHO. O deputado Carlos Castilho Cabral integrou-se mesmo nas hostes do sr. Jânio Quadros, ao lado de quem tem realizado comícios e atacado de (rijo) o sr. Getúlio Vargas.

● «MEU DESTINO É O CATETE». A propósito dessa afirmativa do sr. Ademar Pereira de Barros, proferida num comício eleitoral, vem o sr. Paulo Duarte levantando interessante biografia do chefe populista. O trabalho em capítulos, vem sendo publicado em diversos jornais e focaliza cenas capazes de estarrecer ao próprio Ali-Babá...

● NADA DE NOVO NO FRONT político de São Paulo. Prestes Maia prossegue firme, ao lado de Cunha Bueno. Jânio ganha terreno roubando votos populistas e trabalhistas e o sr. Hugo Borghi continua com o seu eleitorado no clássico «quanto me dão?» O sr. Wladimir Toledo Piza (Piza Lanterninha) está fora do páreo e sua cotação (que já era mínima) apresenta-se agora em «deficit», ou seja, devendo votos...

● O ESQUEMA EM S. PAULO. Observadores mais atentos da política bandeirante concordam que, em caso de vitória das candidaturas Cordeiro de Farias (Pernambuco) e Ildo Meneguetti (Rio G. Sul) o Estado de São Paulo fatalmente marchará com o esquema Etelvino.

● NÃO FOI COM O DINHEIRO DOS JAFET que o sr. Emílio Carlos adquiriu a ex-rádio Clube do Brasil, hoje Rádio Mundial, do Rio de Janeiro. Emílio Carlos (que é pão duro) possuía uns cruzeiros guardados, fruto de seus subsídios como deputado e de um circo de cavalinhos que possuiu, há muitos anos.

● JORDAN NÃO SE «AMARRARÁ». A imprensa noticiou, há um mês atrás, o casamento em Paris do sr. André Jordan, conhecida figura de nossa sociedade e filho do financista Spitzman Jordan. A notícia partiu de um grupo de amigos que desejavam brincar com o jovem homem de negócios. Resultado: mais de uma centena de presentes, entre êles uma onça pintada (e enjaulada) de Mato Grosso chegaram à mansão dos Jordan.

● VIDIGAL NA RETA DA CHEGADA. Vai de vento em pôpa a candidatura do sr. Luís Roberto Vidigal à Câmara estadual, em São Paulo. Vidigal, que acaba de ser reeleito presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, é um dos mais brilhantes paulistas da nova geração.

● CASTRO ALVES NA PAULICÉIA. Sob a presidência do comendador Vicente Amato Sobrinho acaba de ser instalada, em São Paulo, a Comissão Pró-Monumento a Castro Alves. Darcy Teixeira Monteiro, o notável vate que traz o poeta baiano no espírito, é um dos membros da referida comissão.

● SABE-SE AGORA QUE o intérprete do sr. Auro Moura Andrade na palestra que êste manteve com o Presidente Eisenhower, quando de sua viagem aos Estados Unidos, foi o cidadão grego Nicolaus Popolipupagos que não falava português e não entendia inglês...

● A NOVA GASOLINA LANÇADA pela Esso Standard do Brasil (côr azul) é a coqueluche dos motoristas paulistas. Sôbre o combustível sensacional, ouvimos do deputado Amaral Furlan o seguinte: «Eu agora estou sendo chamado de candidato tecnicolor, sòmente porque prefiro a gasolina azul...»



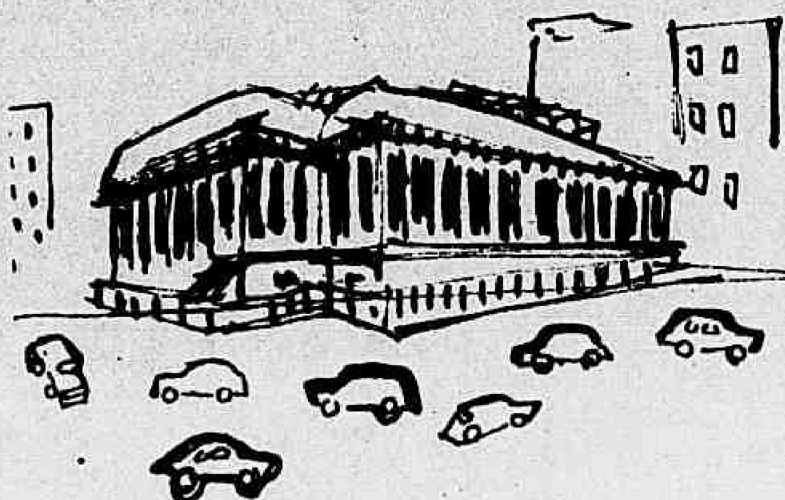
RIO — CIDADE ESTRANGULADA

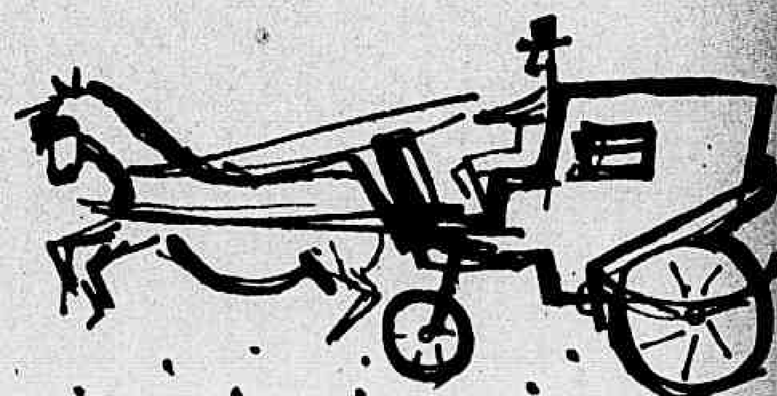
A CIDADE ESTRANGULADA PELO TRÂNSITO ★ COMO CRESCEU O RIO ★ DADOS COMPARATIVOS COM OUTRAS CIDADES ★ VIAS DE ACESSO ★ TÚNEIS E «METRÔS» ★ DAQUI A MUITOS ANOS... ★ ENTRE A SERRA E O MAR ★ CONCLUSÃO.

Reportagem de LÚCIO CARDOSO **Desenhos de DAREL**

ENTRE tôdas as cidades do mundo, o Rio de Janeiro é a estrangulada pelo trânsito. Segundo depoimentos insuspeitos, não existe outro lugar onde o movimento de veículos seja mais confuso. Evidentemente não faltam diretores de trânsito de boa vontade — alguns com excessiva boa vontade — que tentem solucionar a premente questão. Desalinha-se, portanto, o que fizera o antecessor, espalham-se os carros pelas ruas e Avenidas; inventam-se algumas «mãos» diferentes; muda-se o rumo de algumas linhas de bonde — e o congestionamento, que se havia feito aqui, transfere-se para mais adiante, tumefacto, pronto a explodir num desastre a qualquer instante. Vem sendo assim desde há muitos anos, e dia a dia, pela injunção do constante crescimento da cidade, vem aumentando, aumentando, num aviso bem eloqüente de que breve chegará o dia em qu[e] não será possível adotar mais as simples solu[-]ções que vêm sendo postas em uso até agor[a]. Basta, para exemplificar, olhar o trânsito d[a] cidade do alto de um edifício qualquer: o a[s]pecto é desolador e, mais do que qualqu[er] gráfico ou qualquer estatística, fala sôbre ês[se] angustioso problema, que depois da água, [é] o mais agudo que afronta o carioca.







COMO CRESCEU O RIO

O Rio, pseudo «cidade-maravilhosa» começou, segundo as tradições mais antigas, no alto do morro do Castelo, quando Estácio de Sá, pisando esta terra, resolveu refugiar-se lá em cima, de onde vislumbrava melhor paisagem. A verdade é que a cidade se demorou aí, principalmente por causa das febres e das doenças que varriam os descampados cá de baixo. Com o crescente aumento da população, no entanto, foi obrigada a descer, e começou a espalhar-se conscienciosamente pelos arredores, criando os primeiros bairros, que ainda não afrontavam o interior, mas alastravam-se preguiçosamente à borda do mar. Podemos seguir o crescente aumento da população carioca a partir do longínquo ano de 1585. Por essas épocas, somava ela o número redondo de 3.850 habitantes. Em 1710, 12.000. Em 1808, 50.144. Em 1870, 235.381. Em 1906, 811.443. Finalmente, em 1920, logo após a gripe espanhola, e já nos primórdios dos preparativos da Exposição de 22, possuía o Rio 1.157.873 habitantes. Hoje, conta a cifra de 3.300.000 habitantes.

Ora, enquanto isto, enquanto a população crescia aos saltos, a cidade desaguava pelos arredores, criando bairros e subúrbios que dentro em pouco fariam do Rio uma das cidades mais «espalhadas» do mundo. Em conseqüência dessa grande extensão territorial, a distribuição da população é muito pouco homogênea nos diferentes distritos. Ao mesmo tempo, o crescente desenvolvimento e as facilidades (ou dificuldades?) de transportes urbanos favoreceram a disseminação da população, ao mesmo tempo que aproximavam do centro os subúrbios mais afastados. E' difícil precisar onde termina a cidade e onde começam os subúrbios.

DADOS COMPARATIVOS COM OUTRAS CIDADES

Exceção feita para São Paulo, que as estatísticas mais modernas apontam como a cidade do mundo que mais cresce, o Rio de Janeiro só tem comparação neste sentido com Nova York, Chicago e possìvelmente Berlim do após guerra. Berlim, por exemplo, não só cresce como se improvisa — e já que estamos falando em crescimento normal, não podemos citar nenhuma das cidades atingidas pela guerra, como Viena, Bremen e cidades russas, que os meios e as facilidades de hoje criam um aumento poderoso e absolutamente extra das cogitações habituais. Londres e Paris, por exemplo, apresentam neste sentido apenas um fenômeno de quadruplicamento.

Note-se que o Distrito Federal, ou melhor, o território subordinado a administração da Prefeitura, é de 1.164 quilômetros quadrados, hoje quase duplicados, subdivididos em 164 quilômetros quadrados para a zona urbana, 995 para a zona rural e 5 quilômetros quadrados para as ilhas. Assim, vê-se que o Rio ocupa mais ou menos o mesmo território de Buenos Aires, Washington e Roma. Tem uma extensão duas vêzes maior do que a de Paris, Berlim, Tóquio e Madri. São maiores do que o Rio, Nova York, Chicago, Londres e Viena.

VIAS DE ACESSO

Feitas essas comparações, esclareçamos desde já que nenhuma outra cidade do mundo, nem mesmo nos Estados Unidos, gasta a quantidade de automóveis novos que o Rio de Janeiro gasta. Com o aumento das estradas de rodagem, os caminhões transportes também cresceram assustadoramente de número — e conseqüentemente os ônibus. Tudo isto aflui para o Distrito Federal, que é o nosso pôrto de mar mais importante, misturando-se aos nossos bondes e aos nossos táxis. Resultado, o trânsito no Rio é um problema infernal. Vamos dizer que suas ruas, ideadas ainda sob inspiração colonial, são estreitas e de acesso difícil. Vários urbanistas, estudando a topografia da cidade, apontam como males evidentes a estreiteza das ruas. A Cinelândia, por exemplo, é um êrro. Copacabana um êrro maior ainda. As casas são construídas quase diretamente sôbre as ruas, os edifícios, hoje, felizmente limitados por lei, enfileiram-se ameaçadores sôbre os passeios. Ao mesmo tempo, com o crescimento da cidade, a construção dos «metrôs» fica cada vez mais difícil. E surge, o aspecto de capital estrangulada pelo trânsito.

TÚNEIS E «METRÔS»

Essa dificuldade na construção de vias de acesso torna-se cada dia mais palpável. Os poucos túneis que temos, são meios rápidos de conduzir um bairro a outro, jamais vias de transporte adequadas ao movimento da cidade. Serviram, e muito, mas para diminuir as distâncias entre um bairro e outro, tal como o recente túnel do Pasmado, que liga diretamente Botafogo a Copacabana. Há em perspectivas planos magníficos, como o túnel ligando a Niterói, «metrôs» subdivididos entre zonas urbanas e suburbanas, e consta mesmo que até «elevados», a exemplo do que sucede em Nova York e outras cidades importantes. Mas, por enquanto, não passam de planos.

DAQUI A MUITOS ANOS...

Numa das suas crônicas, não há muito tempo, o poeta Augusto Frederico Schmidt dizia que a necessidade do «metrô» se fazia tão premente no Rio de Janeiro, que só um cego ou uma criança poderia desconhecê-la. Isto é evidente, sobretudo porque além dos males já apontados nesta reportagem, seria útil revelar que nossa capital é conhecida como o centro mundial dos desastres, já que neste sentido bate o «record» em todo o mundo. Efetivamente, nestes últimos anos chegamos a ultrapassar Chicago, que neste terreno, como em outros aliás, sempre deteve a palma. Tais desastres não se originam exclusivamente da imperícia dos «chauffeurs», mas das condições de trânsito, onde os veículos se acotovelam, num esfôrço que seria meritório, se não fôsse desastroso. Ùltimamente, e graças a estudos mais sérios sôbre o assunto, o diretor de trânsito tem procurado conciliar o perigoso assunto com os interêsses do público, mas convenhamos que nem sempre tem sido feliz. Se uma rua se descongestiona, outra logo entope — e isto, simplesmente pelo fato de que o número de automóveis aumenta todo dia e as ruas são cada vez mais sugestivamente estreitas. Daqui a muitos anos quem sabe, talvez seja possível transitar sem mêdo pelas ruas do Rio. Até lá, no entanto, devemos pisar com cuidado êsses sorvedouros de vidas humanas que são as esquinas da Av. Presidente Vargas, as praças do centro, o Castelo, etc.

ENTRE A SERRA E O MAR

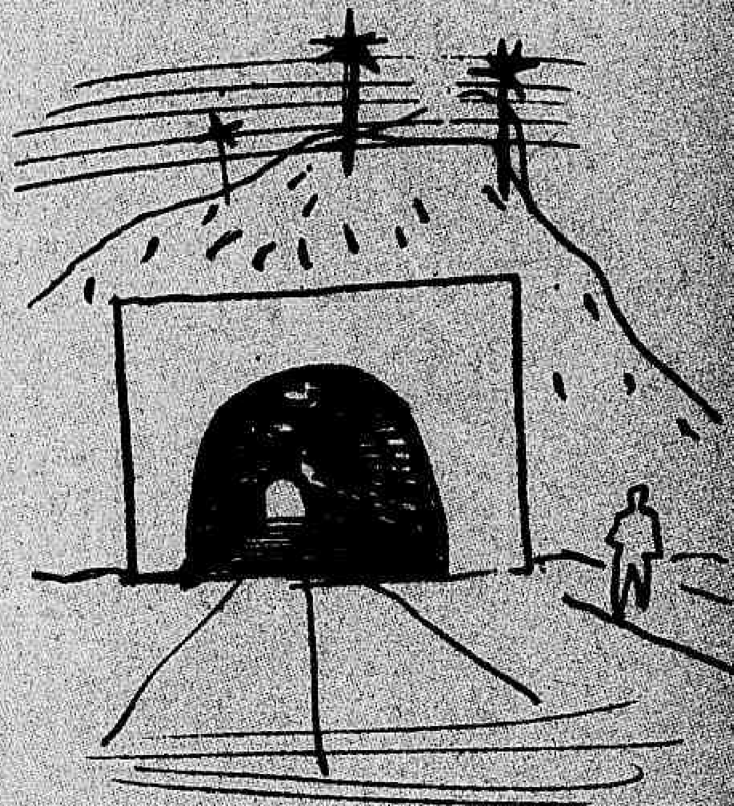
Claudel, que foi embaixador entre nós, escreveu que o Rio de Janeiro era uma cidade maravilhosa, pelo simples fato de que se espremia tôda entre a montanha e o mar. Segundo êle, a montanha vinha nos visitar em casa. Isto que a Claudel pareceu tão bem, e que poèticamente pode significar alguma coisa, é no entanto a razão do nosso mal. Traçado com ruas estreitas, o Rio não tem por onde se expandir — é uma cidade fechada. Se pudéssemos alargar indefinidamente as ruas e avenidas hoje atravancadas, teríamos de ganhar um espaço duas vêzes maior do que aquêle que ocupamos hoje. Mas como as montanhas nos impedem isto, a menos que removamos as montanhas, nada feito. Continuamos a mercê das soluções hipotéticas...

CONCLUSÃO

Seria interessante ilustrar esta reportagem com uma série de gráficos representativos da evolução do desastre em nossa capital. Julgamos a lembrança inútil, já que basta abrir um jornal e percorrer a seção de fatos policiais, para se verificar com certo realismo o que é a situação atual.

O Rio de Janeiro, que foi batizado por Estácio de Sá, formou-se da parte baixa junto ao mar e do anexamento de um morro intitulado do **Descanso**, o que me parece, neste acúmulo de problemas que nos assoberbam, uma suficiente demonstração da nossa queda natural pela sombra e água fresca.









Em sensacional concurso da Rádio Globo, sob o patrocínio do Pudim Presidente, será eleito

O "CANTOR FAVORITO DA CIDADE DE 1954"

COMPRE O PUDIM E RECORTE ESTA CAPA



● ESCREVA no verso da capa do Pudim Presidente o nome do seu cantor favorito e também seu nome e endereço. Os votos devem ser enviados, pelo correio, para a Rádio Globo — Av. Rio Branco nº 183, programa "Nosso Chá", que diàriamente, às 15 horas, vai para o ar sob o comando de Mário Luiz, ou colocados na urna da Rádio Globo, pessoalmente.

O "show" Presidente do "Nosso Chá" divulga diàriamente as bases do sensacional concurso, em seus mínimos detalhes.

As apurações dos votos remetidos de tôdas as partes do Brasil são feitas no auditório da Rádio Globo, na presença de ouvintes do "Nosso Chá".



● MARIO LUIZ, comandante do "Nosso Chá", tradicional programa da Rádio Globo, que diàriamente às 15 horas apresenta o "show" Presidente, cujo concurso vai eleger o "Cantor Favorito da Cidade", que terá como prêmio a posse definitiva do Troféu de Prata e da faixa que terão os seguintes dizeres: "A CIDADE MARAVILHOSA AO SEU CANTOR FAVORITO" e, ainda, uma audição semanal de 30 minutos no tradicional programa da Rádio Globo.

QUEM SERÁ O "CANTOR FAVORITO DA CIDADE"? NELSON GONÇALVES? CAUBY PEIXOTO? CARLOS GALHARDO? GEORGE GOULART? JOÃO DIAS? FRANCISCO CARLOS? ORLANDO SILVA? BILL FARR? BLECAUTE? IVON CURY? JORGE VEIGA? LÚCIO ALVES? DICK FARNEY? ORLANDO CORREIA? GILBERTO MILFON? VENILTON SANTOS???

CR$ 25.000 EM PRÊMIOS

● **SERÃO distribuídos aos votantes, no sorteio final das capas. Escreva, para isso, seu nome e endereço na própria capa do PUDIM PRESIDENTE e habilite-se aos seguintes prêmios:**

1º prêmio	Cr$ 5.000,00
2º prêmio	Cr$ 2.500,00
3º prêmio	Cr$ 1.000,00

Mais três prêmios de Cr$ 5.000,00 e ainda outros brindes num total de Cr$ 15.000,00.

UMA ATITUDE DIGNA DE REGISTRO

● Um senador da República, o sr. Othon Mader, foi procurado na Câmara Alta por uma comissão de funcionários do SAPS. Comissões de funcionários dêste ou daquele Ministério, desta ou daquela autarquia, acorrem com freqüência ao Senado ou à Câmara para falar aos representantes do povo. A visita dos servidores do SAPS seria assim, apenas, uma notícia trivial.

Seria trivial se não tivesse um objetivo muito diferente daquele que habitualmente leva comissões de funcionários públicos a procurar membros do Poder Legislativo. Na quase totalidade das vêzes, o que essas comissões pretendem — com ou sem razões ponderáveis — é o empenho do legislador na aprovação de leis que favorecem a classe. Nossa complicada máquina burocrática está sempre a se reajustar, e o encarecimento constante da vida faz com que os apelos dos funcionários sensibilizem não apenas os legisladores como a opinião pública — a não ser no caso de favores escandalosos, como o famoso «Trem da Alegria» em que desejavam embarcar para a fortuna alguns funcionários do próprio Senado, e que êste teve o bom senso de colocar no desvio . . .

Mas os servidores do SAPS não foram — íamos dizendo — pleitear junto ao eminente senador sua ação em benefício de nenhum projeto de aumento. Embora os funcionários daquela autarquia sejam notòriamente mal remunerados, o objetivo de sua visita foi contestar algumas críticas veementes feitas pelo senador Mader ao funcionalismo do SAPS e, mesmo, ao SAPS como instituição. Levaram-lhe um memorial, redigido em têrmos extremamente corteses, e, o que é mais, um convite para visitar o Serviço, a fim de examinar com a maior liberdade e amplitude a sua organização, de modo a se capacitar de maneira perfeita, pela observação pessoal, da procedência das críticas por S. Exa. veiculadas da tribuna.

Que há defeitos no SAPS, não há que discutir. Pela sua própria natureza e pelo contato direto que tem com a massa de trabalhadores, estudantes e funcionários a que deve assistência, o SAPS estará sempre exposto a críticas, como, aliás, é próprio em um regime democrático. O que certamente os funcionários foram dizer ao senador — e convidá-lo a constatar pessoalmente — é que, apesar de tôdas as suas possíveis falhas, o SAPS presta serviços da mais alta utilidade à comunidade brasileira e principalmente às classes trabalhadoras, sem falar aqui de suas pesquisas científicas e de seu apreciável labor publicitário de caráter educativo.

Com essa visita a êsse convite, o pessoal do SAPS revelou um louvável orgulho pelas próprias funções e uma apurada compreensão do funcionamento do regime democrático. Recebendo com boa vontade a comissão, o senador Mader deve ter sentido a íntima satisfação de haver provocado êsse movimento de boa fé e de espírito democrático do funcionalismo da popular autarquia, que constitui uma atitude digna de registro — e que muito fala em favor da instituição. Realmente, uma autarquia que conta em seus quadros com servidores tão dedicados, alguns dos quais nomes do de maior expressão científica e jornalística do país, merece, sem dúvida, respeito e acatamento.

(Transcrito da «Vanguarda»)

CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★

PRIMEIRO, SEGUNDO, TERCEIRO, QUARTO E QUINTO

Muita gente da sociedade paulista veio à festa da sra. Nenen Barouket

PETER

● PRIMEIRO, «SWEEPSTAKE»

Com boa música, excelente comida e algumas entrevistas, aconteceu na semana do «Sweepstake» o «souper» da sra. Nenen Barouket. Entre os convidados, sr. e sra. Otacílio Gualberto de Oliveira, sr. e sra. Alfredo Tomé, sr. e sra. Paulino Limpo de Abreu, sr. e sra. Sebastião de Almeida, sr. e sra. Jorge Guinle, sr. e sra. Oswaldo Schuback, sras. Marquesa de Valparaíso, Baronesa de Wrede, srtas. Lourdes e Ana Rosa Lemos Lessa, Vera e Eloísa Dolabella, Gilda Robichez e os srs. ministro Nero Moura, Fernando Ferreira e Ibrahim Sued. Anteciparam sua vinda ao Rio para estarem presentes àquela festa os paulistas Jean Luís Lacerda, Nelito Almeida, Jorge Alves de Lima, Alberto Spengler e Oswaldo Vidigal. A sra. Nenen Barouket está de parabéns; deu a festa da semana.

● SEGUNDO, «VOGUE»

Como sempre acontece, a noite foi esticada no «Vogue» que teve, então, uma das suas grandes noites, com a mesa na pista, muito picadinho e champanhota, para alegria do Barão. Lá todos voltaram a se encontrar, mas já agora em grupos mais definidos. Numa das mesas, a Marquesa de Valparaíso e a Baronesa de Wrede com os srs. Jorge Alves de Lima e Alberto Splenger e, a seu lado, a srta. Eloísa Dolabela e o sr. Jean Luís Lacerda. O casal Jorge Guinle com o sr. e sra. Horácio Klabin aproveitaram a ocasião para convidar algumas pessoas para o «cock-tail» que dariam na semana seguinte. As srtas. Lourdes e Ana Rosa Lemos Lessa confraternizaram com seus grandes amigos, sra. Beatriz Carneiro e o cronista Antônio Maria.

● TERCEIRO, PARIS

Pessoa recém-chegada de Paris contou-me que a «boite» (por favor, revisão, mantenha a palavra no original; em português, esta palavra é feia como o diabo!) Macumba, decorada de bambus e bandeirinhas nacionais toca quase que exclusivamente samba. E, o que é mais importante, em março, já sabiam executar os últimos sucessos do carnaval passado. Dizem que, neste caso, o mérito da difusão da música popular brasileira cabe ao diplomata, jornalista e poeta Vinícius de Morais.

● QUARTO, PARIS AINDA

Todos sabem a preferência dos brasileiros pelo Hotel Plaza, em Paris. Até aí, muito bem, porque os brasileiros lá são distinguidos pela direção daquela casa. Mas, vários brasileiros que voltam de lá contam que passaram vários dias na Cidade Luz sem conhecer bem qualquer outra coisa que não seja o hotel.

A coisa passa-se assim: o brasileiro desembarca em Orly, pega uma condução e vai diretamente ao Plaza. No dia seguinte, acorda correndo às 13 horas, veste-se à tôda velocidade e almoça no Relais do Plaza e lá fica no papo quase até a hora do chá, às 17 horas, no Salão do Plaza. E é tomar o chá voando, porque às 18 horas tem cafèzinho na agência da Panair (dentro do Plaza) que é uma espécie de quartel general dos conterrâneos. Depois disto, é sair feito um busca-pé para trocar de roupa, pois às 19 horas tem o «drink» no bar


O «Woman's Club» continua fazendo sucesso e reunindo gente.

Anglais do Plaza, seguido do Jantar no Restaurante do Plaza. A uma da madrugada, terá, provàvelmente, ceia no Relais do Plaza. Nos intervalos dêstes horários, é possível o brasileiro encontrar qualquer grupo do Rio ou de São Paulo conversando animadamente nos corredores. Desta forma, não se torna de todo impossível a história do brasileiro que só viu de Paris o caminho que vai do aeroporto ao Hotel Plaza, território nacional.

● QUINTO, «BACARAT»

Continua reunindo um bom público o bar «Bacarat», em Copacabana. Bom serviço, simpático, o barzinho vai fazendo sua freguesia certa e constante. Gostamos bastante do cantor «pau-de-arara», com bossa completamente nova.

● SEXTO, CAMPOS, E. R.

O casal Edilberto Ribeiro de Castro fugiu do Rio na semana do «Sweepstake», levando junto um grupo de amigos para passar um fim de semana na sua moderníssima fazenda, onde existe um campo de pouso que foi inaugurado pelo ministro Nero Moura que pilotando seu avião levou até lá os convidados do casal Ribeiro de Castro. Muita gente se admirou com a beleza da propriedade em Campos.

● SÉTIMO, PARIS AINDA E AINDA

Chegaram na última semana de uma viagem de três meses à Europa, compreendendo estadias em Paris, Londres, Roma, Berna e Cannes os casais Joaquim Silveira, Carlos Eduardo de Sousa Campos, Carlos Guinle e a sra. Joel Monteiro.

● OITAVO, NOIVOS

As srtas. Helena Prazeres e Glória Neder e os srs. Murilo Gondim e Waldemar Schiller são vistos constantemente juntos. Elas discutem problemas de enxoval e êles falam de negócios. Conversa de gente séria que pensa no futuro.

(Fotos «Rio-Magazine»)





● **NONO, CASAMENTO** — Numa cerimônia elegantíssima, casaram-se, dia 17, na Igreja de N. S. da Glória do Outeiro, Rita e Carlos José, filhos do ministro e senhora Cunha Mello e sr. e srá. Carlos Martim. Após a cerimônia religiosa, o ministro recebeu no Clube de Aeronáutica.

★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★

Nova façanha do "gangsterismo" político

QUISERAM MATAR (MAIS UMA



Carlos Lacerda, logo após o brutal atentado, é levado de automóvel para o Hospital. O jornalista foi atingido no pé, mas sua vida estêve por um fio.

TOMBOU NO LOCAL, CRIVADO DE BALAS, O MAJOR RUBENS FLORENTINO VAZ, DA AERONÁUTICA ★ FOI UM ATENTADO BRUTAL E COVARDE QUE ESTÁ REVOLTANDO O PAÍS INTEIRO.

Reportagem (exclusiva) de CARLOS ALBERTO TENÓRIO

O silêncio pela morte foi a nova fórmula do govêrno para fazer calar o jornalista Carlos Lacerda. Depois de uma série de atentados e de intimidações, tentaram aos primeiros minutos da última quinta-feira (aos 45 minutos do dia 5 de agôsto) fuzilar o sr. Carlos Lacerda e qualquer pessoa que o acompanhasse ou tentasse impedir a consumação do crime.

O depoimento dos repórteres do «Diário Carioca», Armando Nogueira (vizinho de Lacerda), Otávio Benfim e Deodato Maia, que assistiram a todos os passos da agressão, situa essa história, tristemente verídica, na violência e na iniqüidade dos agressores. Da posição em que se encontrava à porta de sua casa, relata Armando Nogueira o atentado, do seguinte modo:

«Vi o jornalista Carlos Lacerda desviar-se de seis tiros de revólver, à porta de seu edifício, na rua Toneleros: Carlos Lacerda acabara de se despedir de um amigo — o major Rubens Vaz — e já ia entrando em casa quando um homem magro, moreno, meia altura e trajando terno cinza, surgiu por trás de um carro e de cócoras, disparou seu revólver, quase à queima-roupa. Lacerda foi acertado no pé esquerdo, o major, atingido no peito, morreu pouco depois. Carlos Lacerda deu uns saltos na direção da garagem, sacou do revólver e respondeu com outros seis tiros, enquanto o capanga corria feito um louco até dobrar a esquina da rua Paula Freitas. Carlos Lacerda, rindo, despedia-se do amigo, major Vaz, e ainda caminhava para o portão do edifício. Teria sido morto se tivesse tomado a escada

A VEZ) CARLOS LACERDA

fio.

ta de
amigo
magro,
e de
do no
a deu
s seis
a rua
ainda
escada



O corpo do major Rubens Florentino Vaz com as vestes ensanguentadas no Hospital Miguel Couto. O major, velho amigo do [illegible] [illegible] anos de idade e era [illegible] de 4 filhos

COMEÇO DA MADRUGADA, A FUZILARIA QU



Carlos Lacerda, no Hospital Miguel Couto, faz as primeiras declarações à imprensa. À direita, na mão de um jornalista, as vestes ensangüentadas do major da Aeronáutica, Rubens Florentino Vaz, assassinado quando em companhia do jornalista. À direita de Lacerda, o dep. Armando Falcão.



central de entrada e não a rampa de acesso a automóveis. Isto porque o capanga surgia precisamente de trás do carrinho (que me pareceu ser do major) que estava estacionado exatamente no edifício onde reside Carlos Lacerda. Pois foi isso que aconteceu ao major Vaz que ficou parado ao lado de seu carro, por conseguinte na trajetória das balas. É verdade que o major estava muito mais próximo do capanga que Carlos Lacerda que se encontrava a uns cinco metros, o major a uns dois metros e eu, noutra direção, a uns cinco, de um tiroteio que durou dois minutos.»

Carlos Lacerda acabara de pronunciar conferência no Externato São José, a convite da Associação dos Ex-Alunos do Colégio, entrou no carro do major Rubens Vaz, acompanhado de seu filho Sérgio (de 15 anos) e do jornalista Amaral Neto, também da «Tribuna da Imprensa». Da Tijuca, dirigiram-se para a zona sul através do túnel da rua Farani, e afirma Amaral Neto que não percebeu que qualquer automóvel os seguisse. Da praia do Flamengo, dirigiram-se à Urca, onde reside Amaral Neto. Da Urca encaminharam-se à rua Toneleros, em Copacabana, onde reside Lacerda.

O ATENTADO

«Estávamos os três na calçada — conta Carlos Lacerda — quando notei um homem pardo que se aproximava, e, na distância de cinco metros, abriu o paletó e disparou seu revólver em cima de nós. Imediatamente outros tiros foram disparados, de duas direções, numa fuzilaria infernal. Meu primeiro impulso foi empurrar Sérgio contra um muro, ao mesmo tempo que lhe gritava que entrasse no prédio e desse alarma pedindo socorro.

— Em seguida puxei minha arma e revidei os tiros até acabar a munição, não podendo afirmar se feri ou não os agressores. Como Sérgio continuasse junto de mim, empurrei-o pela porta da garagem, entrando com êle, pois teimava em ficar a meu lado. Dei a volta por dentro do edifício e saí pela porta principal, disposto a perseguir os criminosos. Foi quando vi, escondido numa coluna do edifício em frente, um homem em atitude de defesa, e que me pareceu o major. Já algumas pessoas se aproximavam atraídas pelos tiros e me informaram que havia um homem estendido no meio fio. Fui vê-lo, tendo a dolorosa surprêsa de encontrar agonizante

Carlos Lacerda aos jornalistas: «Não identifiquei nenhum dos agressores». Ao lado do jornalista, no Hospital, o sr. Herbert Moses, presidente da ABI.

...QUEBROU O SILÊNCIO DA RUA TONELEROS



Numerosos congressistas, populares e jornalistas acorreram ao Hospital Miguel Couto logo ao ser divulgada a notícia do covarde e infame atentado. Vêem-se no flagrante, entre muitos outros, o senador Hamilton Nogueira e o deputado Aluísio Alves, diretor da «Tribuna da Imprensa».

perto da sargeta, o meu amigo major Vaz. Olhei, então, para o edifício em frente e não mais vi o homem que tomara pelo major. No carro de um amigo vizinho, trouxe o major Vaz, vendo-o falecer em meus braços, a caminho do hospital Miguel Couto.»

O guarda Sálvio Romeiro, que se encontrava rondando na rua Toneleros, acentua que se encontrava em frente ao número 89 dessa rua quando ouviu tiros. Saiu correndo pela rua quando se defrontou com um homem que vinha, também correndo, em direção contrária. Tentou detê-lo e recebeu, dêle, dois tiros, sendo atingido no joelho, quando o agressor disparou mais duas vêzes em sua direção, tomando em seguida um automóvel. Ainda caído, o vigilante municipal sacou de sua arma e disparou contra o carro não sabendo se conseguiu atingi-lo.

O motorista Nelson Raimundo de Sousa, que se apresentou no 4º distrito policial do Catete, entre 2,30 e 3 horas da madrugada, contou uma história que talvez seja o complemento do crime.

Estava em seu carro na cidade quando entrou um passageiro que lhe ordenou rumasse para Copacabana. Durante tôda a viagem, o passageiro lhe exigia que parasse em diversos pontos. Quando o carro chegou a Copacabana, o passageiro mandou que parasse na esquina das ruas Toneleros e Hilário de Gouveia, e o esperasse. O motorista ficou fumando até que ouviu uns tiros. Procurou saber o que ocorria, quando o passageiro se aproximou, correndo, com uma arma numa das mãos e entrou no carro, sentando a seu lado. Encostando o revólver em sua nuca, ordenou-lhe que rumasse para a cidade. Foi, então, quando percebeu que seu carro era alvejado pelo vigilante municipal.

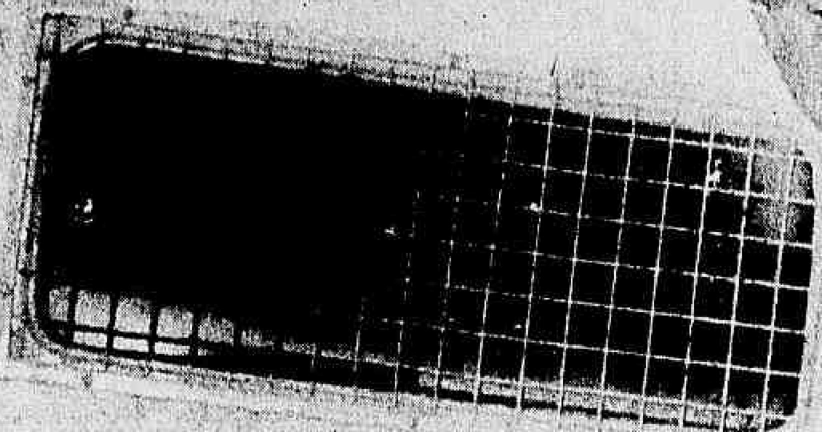
Continuou viagem até a cidade. O passageiro saltou, sem pagar, na esquina das ruas México e Santa Luzia. Êste carro era um «Studebacker» de côr preta, chapa 5-60-21.

PROTESTO DO BRIGADEIRO

No Hospital Miguel Couto dezenas de pessoas compareceram para hipotecar solidariedade a Carlos Lacerda e manifestar sua repulsa pelo triste atentado que sacrificara a vida do major da Aeronáutica.



A espôsa do major Rubens Florentino Vaz em prantos no Hospital Miguel Couto, assistida de perto por parentes e amigos da família enlutada.



EDUARDO GOMES: «PARA A HONRA DA NAÇÃO, CONFIO EM QUE ÊSTE CRIME NÃO FICARÁ IMPUNE



O jornalista Carlos Lacerda, já em sua residência, conta aos jornalistas presentes todos os detalhes do brutal episódio que quase lhe tira a vida.

O brigadeiro Eduardo Gomes, de quem o oficial era homem de imediata confian e amigo, mostrava uma lividez e uma irritação incontroláveis: «A honra da Naç brasileira exige a punição dêsse crime», conseguiu dizer, emocionadíssimo.

O marechal Dutra, que chegou ao Hospital assim que tomou conhecimento atentado, comentou: «Deploro êsses acontecimentos que depõem muito contra nossos foros de civilizados. Êles são um sinal dos tempos. Lamento a morte jovem major e o ferimento do jornalista Carlos Lacerda».

Deputados pronunciaram-se na Câmara, verberando contra a violência da agress e manifestando-se contra a insegurança que dia a dia mais ameaça a populaç

DOIS TIROS ABATERAM O MAJOR

O laudo médico pericial, procedida a autópsia no corpo do major Vaz, consta o seguinte:

«Dois tiros atingiram o corpo. Um dêles atravessou-o entrando no peito, pelo l esquerdo, perfurando o coração e saindo pela região lombar. O outro, tamb transfixiante, penetrou na região escapular esquerda, atravessando o pulm o coração e saindo pela região esternal direita.»

A polícia técnica concluiu que as duas balas que fulminaram o major for disparadas por revólveres diferentes, o que acentua a versão de ter sido mais um o número de agressores.

Algumas versões têm surgido para apontar os criminosos e localizar os se mandatários. Elementos da Polícia Especial e da Guarda Pessoal do presidente República teriam efetuado o crime. O sr. Bruno Fraga Ribeiro, comandante Rádio Patrulha e conselheiro em chefe do Divinátomo, um movimento cívico-as pró-Vargas, teria ordenado a um seu chofer que comandasse o atentado, com d homens de Caxias acompanhando-o. Ou uma última versão localizava no Cat o interessado e mandante do crime, que teria armado três homens para o cri

Nos dias que se seguirem, ou talvez até hoje mesmo, quando o leitor esti atento a estas páginas, a identidade dos assassinos e dos seus responsáveis estará possìvelmente conhecida.

O que se deseja (mas não se espera) é a punição.

Calor carioca em Paris, a COFAP continuará, piora Cleofas, Barreto Pinto estourou a verba do Municipal, e, modéstia à parte, contamos aqui na América do Sul com cinqüenta por cento de analfabetos



LOLLOBRIGIDA
Curvas ameaçadas.



FALCÃO
A sorte foi lançada.



BARRETO PINTO
Pródigo (com o dinheiro dos outros).



COLLETE
O mundo (inteligente) de luto.



JOHN HUSTON
Uma grande pilhéria.



CLEOFAS
Piorando.

- Fatalidade na Noite de Longchamps: faleceu o jóquei Bernardino Cruz, após o acidente que sofreu no sexto páreo.
- Protestam as «estrêlas» italianas contra a nova linha de Christian Dior, em dissimular as curvas do busto.
- Novo tipo de teleobjetiva pôsto em experiência nos EE.UU., capaz de permitir fotografar com absoluta nitidez a uma distância de 50 quilômetros.
- São Paulo bate um recorde de arrecadação de imposto de renda: 290 milhões em apenas um dia.
- Lançado o nome de Armando Falcão para candidato a deputado pelo Ceará.
- Faleceu em Paris, aos 81 anos, a escritora Collete.
- Manifesta-se a Rússia, através do «Pravda», a favor da incorporação de Goa à Índia.
- A Tunísia clama por um govêrno autônomo.
- Adenauer adia sua viagem aos Estados Unidos.
- Será mesmo no dia 15 a marcha dos voluntários «pro-indianos» sôbre Goa.
- Greve geral dos estudantes na Guatemala, em protesto ao «massacre absolutamente desnecessário».
- Um padre de Goa teria tido uma visão de S. Francisco Xavier.
- Greve de ônibus na capital alagoana.
- Prêso o matador de motoristas, vulgo «Borracha», com um crédito de mais de 15 mortes.
- John Huston brinca com o cinema, realizando uma pilhéria de muito bom gôsto: «O Diabo Riu por Último».
- «O Brasil está com um atraso de 20 anos na cura da paralisia infantil» — declara (no Rio) o diretor do «The National Foundation For Infantile Paralysis» (de Nova York).
- A voz da estatística, fornecida pela Unesco sôbre o analfabetismo mundial (população acima de 10 anos): África — 75 a 85%; Ásia — 65 a 75%; América do Sul — 40 a 50%; América do Norte — 10 a 25%; Europa — 5 a 10%. Não foi incluída a União Soviética.
- A COFAP «oficializa» o quilo de 800 gramas para a carne.
- Barreto Pinto «estourou» a verba do Municipal.
- Reúnem-se representantes de Sindicatos para resolver o pedido de aumento dos gráficos.
- Anunciada a vinda de Ilya Ehremburgo.
- William Faulkner no Congresso de Escritores de São Paulo.
- Piora a situação de Cleofas em Pernambuco. Entrementes, anuncia-se que a ala dissidente do PSP pernambucano apoiara a candidatura Osório Borba.
- Não vai ser mais extinta a «Cofap».
- Aumentado também o preço do açúcar.
- Os húngaros derrotados em Viena (futebol).
- Fêz 38 graus de calor em Paris. Todo mundo, por isso, na Côte d'Azur, inclusive o indefectível Rubirosa.
- Indignação e revolta no país com o brutal atentado contra Carlos Lacerda.



EHREMBURG PASSOU UMA HORA NO RIO. MAS VAI VOLTAR

● Ilya Ehremburg tem 61 anos de idade, mas aparenta mais. Está envelhecido, cabelos totalmente grisalhos e mal cuidados, dentadura intermitente. Mas os olhos são vivos e inquietos. Êle desceu do avião da S.A.S. (na madrugada da quinta-feira última) metido num paletó azul e grosso, camisa desbotada, gravata barata sacudida para um lado. Uma multidão de jornalistas aguardava-o, com «flashs» e perguntas. Ehremburg (parece que a sua literatura atual não anda às boas com o Partido, lá na Rússia) é homem bem-humorado e sujeitou-se, pachorrentamente, ao bombardeio de perguntas, respondendo a tudo num francês perfeito, e denunciar a alguém que, na mocidade, viveu vinte anos em Paris. Na semana próxima contaremos, com mais detalhes, o que êle disse, e de que maneira pretende usar o tempo no Brasil (dez dias), de volta do Chile, aonde foi entregar um prêmio soviético ao poeta Pablo Neruda. (Fotos de Alberto Ferreira).







ERA UM SURDO USURÁRIO. TROCAVA O "HEIN" PELO "QUANTO?"

THE END



A última vez que viu o amigo, êle estava examinando o cano e o amigo o gatilho.

●

A última vez que viu a irmã foi num carro enguiçado, na Barra da Tijuca.

●

A última vez que viu seu navio foi quando tentou tirar uma mancha do torpedo.

●

A última vez que viu seu avião foi justamente a primeira que viu o rochedo.

●

A última vez que viu o patrão foi quando o surpreendeu beijando a secretária.

●

A última vez que viu a amante foi quando foi apresentado ao seu marido.

●

A última vez que viu um incêndio foi pelo lado de dentro.

●

A última vez que foi a um exerício de tiro estava conversando atrás do alvo.

●

A primeira vez que visitou um necrotério foi a última.

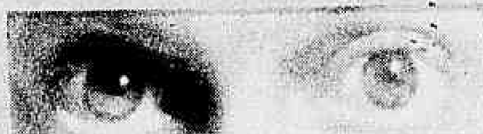
NÃO COMPREENDO...

... porque tôda vez que telefonamos a um ponto de táxis há sempre alguém que atende para dizer que não tem ninguém.

Quando o editor do jornal repreendeu o «foca» que estava em experiência por não ter dado a notícia da morte do diretor do próprio jornal, êle respondeu:

— Mas como é que eu podia saber o que se passa aqui dentro se tenho saído para ir buscar as notícias lá fora?

PONTOS DE VISTA



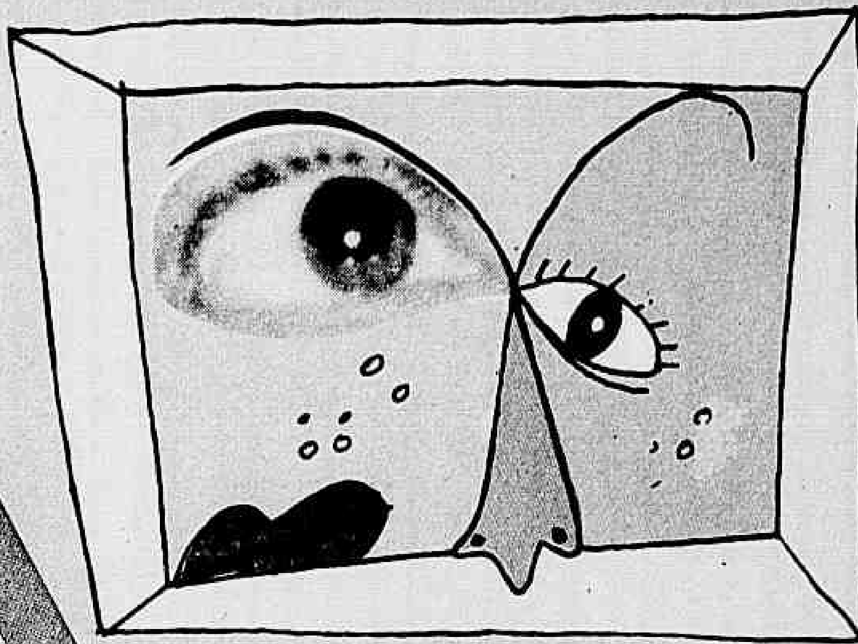
CARTÃO DE VISITA é um pequeno mostruário de nossas vaidades.

●

PIGARRO é êsse som estereofônico que anuncia a presença dos artistas de teatro nas cenas indiscretas.

●

RENÚNCIA é êsse gesto que se torna nobre porque não há outro jeito.



CHARADA: Isto é um quadro que custa os olhos da cara ou uma cara que custa os olhos do quadro?

CUCO

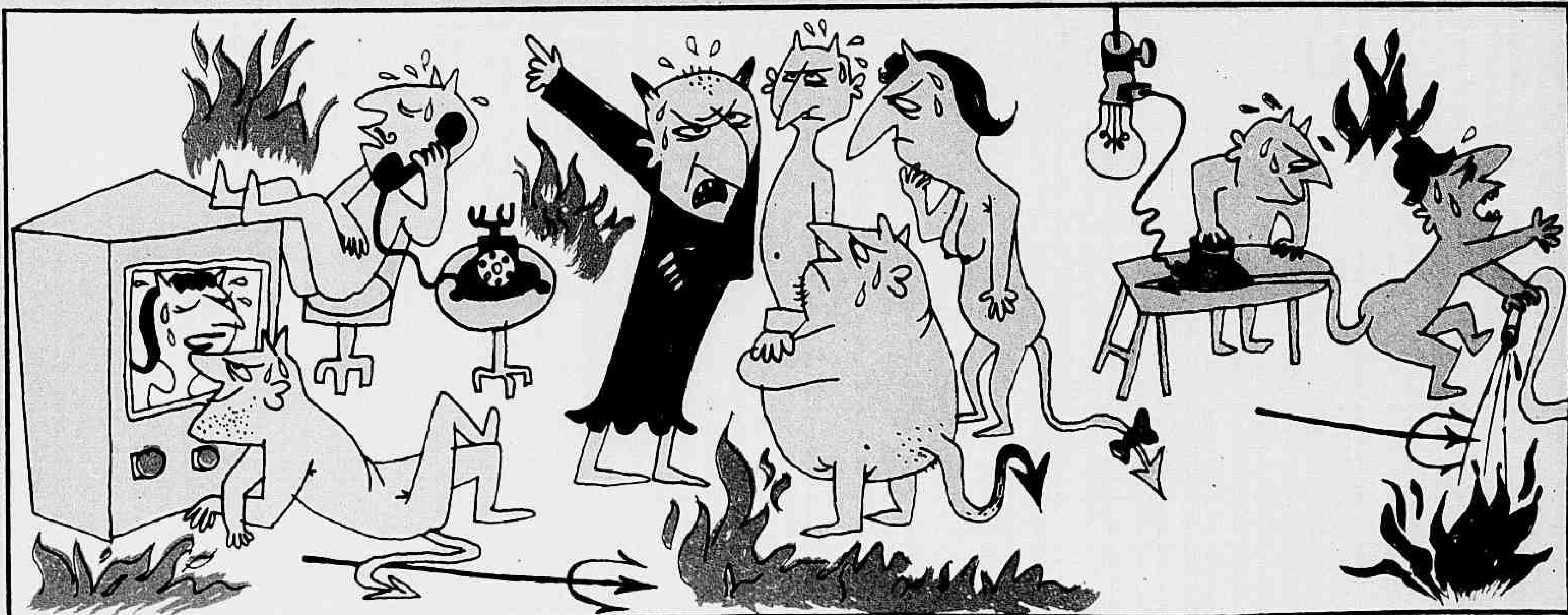
Uma seção meio pancada

Leon Eliachar — Assinatura do autor, bocejando.

Ilustrado por PIQUI



Super preguiçoso: nos hotéis, quando sentia fome, não tocava a campainha para chamar o garção. Esperava a barriga roncar.



— "Televisão, luz elétrica, telefone ... nada disso interessa! O que fazemos questão é que venha para cá o inventor do "ar condicionado"!

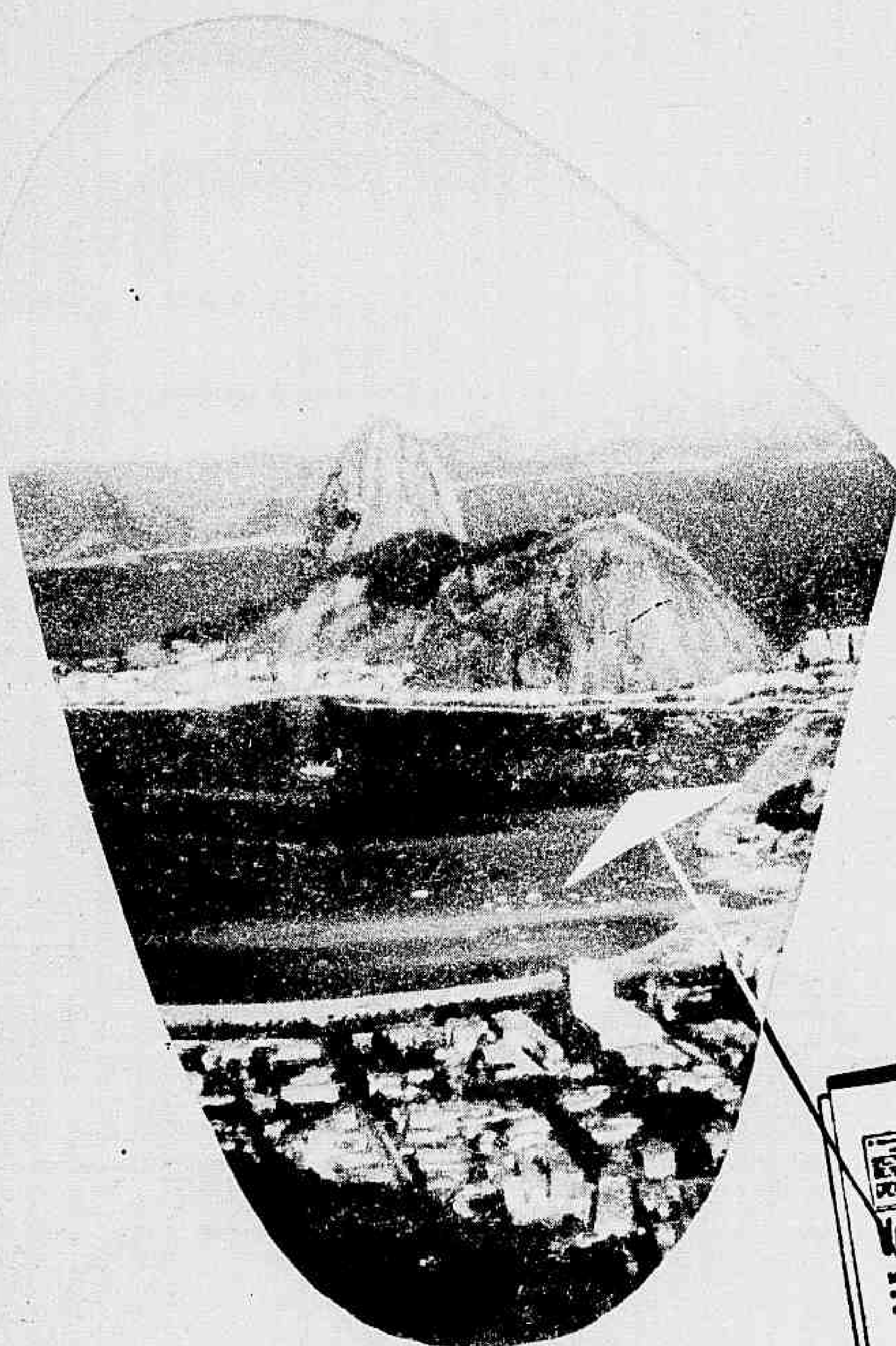
PARA VENDER A **A B ou C** **NO RIO DE JANEIRO**

ANUNCIE NO

Diario de Noticias

O "DIÁRIO DE NOTÍCIAS", por sua orientação, aspecto gráfico, material informativo, Seções, etc., possui um poder de penetração que, desde 1939, o colocou na liderança entre os matutinos do Distrito Federal. Circulando em tôdas as classes, a tôdas leva o poder sugestivo de seus anúncios e de sua Publicidade.

Para vender no Rio de Janeiro, anuncie no matutino de maior tiragem do Distrito Federal.




Diario de Noticias

Voltaram estimulados da viagem que fizeram à Europa

Diario de Noticias

Rua da Constituição, 11 Tel. 42-2910

UM JORNAL DE CLASSE PARA TÔDAS AS CLASSES

Vaga Publicidade